



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.
CAMPOS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA.
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA.

EDILSON SILVA DOS SANTOS

**AS REPRESENTAÇÕES DA CABANAGEM NO LIVRO
DIDÁTICO: USO DA IMAGÉTICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

ARAGUAÍNA-TO

2018

EDILSON SILVA DOS SANTOS.

**AS REPRESENTAÇÕES DA CABANAGEM NO LIVRO
DIDÁTICO: USO DA IMAGÉTICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Dagmar Manieri
Coorientador: Prof. Dr. Braz Vaz.

ARAGUAÍNA-TO

2018

**AS REPRESENTAÇÕES DA CABANAGEM NO LIVRO DIDÁTICO: USO DA IMAGÉTICA NO
ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Profhistória), na Universidade Federal do Tocantins (UFT) como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ensino de História.
Orientador Prof. Dr. Dagmar Manieri.

Aprovada em 10 de setembro 2018.

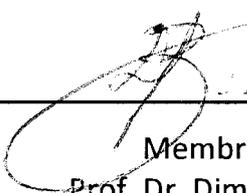
BANCA EXAMINADORA



Orientador
Prof. Dr. Dagmar Manieri
UFT - Curso de História



Membro Externo
Prof. Dr. Allysson Fernandes Garcia
UFG – Curso de História



Membro Interno
Prof. Dr. Dimas José Batista
UFT - Curso de História

**Araguaína -TO
2018**

Dedico esse trabalho a essas pessoas.

Odir dos Santos (In Memoriam).

Pela confiança e companheirismo de
uma vida.

Brenda Fortunato.

Pela paciência e ensinamentos

Antônio Arjuna.

Pelo simples fato de sua existência.

AGRADECIMENTOS

Essa seja talvez uma das partes mais importantes do trabalho, embora ela seja facultativa, porém sinto-me obrigado a agradecer, uma vez que nela deveriam constar nomes de pessoas que foram importantes na realização desta obra, porém muitas dessas pessoas não serão citadas nominalmente, porque foram pessoas anônimas as quais tive contato entre as muitas idas e vindas entre Pará e Tocantins. Essas pessoas merecem ser lembradas aqui e tem minha gratidão, Obrigado a todos!!

São muitos os agradecimentos, pois são muitas as dividas, mas sei que mesmo agradecendo ainda ficarei em débito.

Em primeiro lugar agradeço especialmente minha amiga, esposa e companheira Brenda Fortunato por toda sua paciência e dedicação. Além das ajudas em todas as etapas deste trabalho, sem ela esse trabalho não se materializaria.

Agradeço a Universidade Federal do Tocantins (UFT), pela oportunidade de expandir meus horizontes profissionais, em especial o corpo docente que atuam no programa de pós-graduação de Ensino de História, uma vez que eles foram fundamentais neste processo, em especial os professores Braz Vaz, Dagmar Manieri e Vera Caixeta. Também agradeço a secretária Alessandra sempre muito prestativa, atenciosa e gentil.

Agradeço profundamente a turma do PROFHISTORIA-2016 a qual tive o privilégio de fazer parte, agradeço também pela oportunidade de conviver e aprender com os verdadeiros mestres, foram meses de muita aprendizagem. Sinto-me um privilegio de fazer parte deste grupo.

Sou grato também aos alunos do 8º ano 05 da Escola Municipal Teresinha de Jesus, pois eles foram parte essencial de todo o processo, foram eles que fizeram parte cotidianamente desta pesquisa. Os alunos desta escola abraçaram esse projeto, e muitas vezes mesmo cansados de tanto escutar falar em Cabanagem não deixaram ser vencidos, colaboraram grandemente para a realização da pesquisa.

A Secretaria Municipal de Educação de Parauapebas (SEMED) deve ser agradecida na pessoa do secretário adjunto Celso Valério e o secretário de educação Raimundo Neto, o qual concedeu uma licença estudo, pois sem ela não teria condições de concluir esse mestrado. Agradeço também aos diretores, professores, coordenadores, secretários, serventes, porteiros e principalmente alunos da Escola Teresinha de Jesus.

RESUMO

O presente trabalho realiza um estudo sobre a forma de apreensão do movimento histórico denominado “Cabanagem” em alunos da Escola Municipal Terezinha de Jesus. Para tal intento, constituímos a pesquisa em algumas etapas. Primeiro, realizamos um estudo da constituição da memória da Cabanagem; em uma segunda etapa, procuramos apreender a figura do cabano no livro didático das Coleções Projeto Araribá, Historiar, História Sociedade e Cidadania e principalmente o Projeto Mosaico da Editora Scipione 8º ano de História. Na última etapa, realizamos uma oficina com o objetivo de coletar os dados relevantes para a efetivação do capítulo propositivo. A título de hipótese, percebe-se que a concepção do movimento da Cabanagem é plural, uma vez que ao longo deste trabalho foi construída a ideia a qual a Cabanagem é um movimento múltiplo e heterogêneo, logo ele assumiria mais de um significado. O objetivo majoritário do movimento cabano era a luta contra todo tipo de espoliação do homem amazônico, bem como os desmandos do governo regencial.

Palavras-chaves: Cabanagem; Representação; Livro Didático de História. Período Regencial no Brasil.

ABSTRACT

The present work makes a study on the form of apprehension of the historical movement denominated "Cabanagem" in students of the Municipal School Terezinha de Jesus. For this purpose, we constitute the research in some stages. First, we carry out a study of the constitution of the memory of Cabanagem; in a second stage, we tried to apprehend the figure of the cabin in the didactic book of the Araribá Project, Historiar, History, Society and Citizenship, and especially the Mosaic Project of Scipione 8th year of History. In the last step, we held a workshop with the objective of collecting the data relevant to the effectiveness of the proposition chapter. As a hypothesis, one can see that Cabanagem's conception of the movement is plural, since in the course of this work the idea was constructed, that Cabanagem is a multiple and heterogeneous movement, so it would assume more than one meaning. The majority objective of the hut movement was the fight against all type of espoliação of the Amazonian man, and the desmandos of the regencial government.

Keywords: Cabanagem; Representation; Didactic Book of History. Regencial Period in Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Imagem “Breves, às margens do rio Pará”.	50
Figura 2 - Imagem “Casa no Rio Madeira” encontrada no livro	55
Figura 3 - Imagem encontrada no livro História Sociedade & Cidadania.....	61
Figura 4 - Imagem “O Cabano Paraense” encontrada no livro.....	69
Figura 5 - Gráfico com Dados referentes ao número de alunos na turma 8° ano 05.	80
Figura 6 - Gráfico com Taxa de alunos que entregam ou não as atividades (frequentes).	80
Figura 7 - Gráfico Opinião dos alunos sobre a Cabanagem – 8° ano – 05	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre o município de Parauapebas, Pará.....	77
Tabela 2 - Dados estatísticos do Município de Parauapebas.	78
Tabela 3 - Dados sobre sexo e religião dos alunos (8ºano – 05).....	81
Tabela 4 - Faixa etária dos alunos (8º ano – 05)	81

LISTA DE SIGLAS

CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FTD	Frère Théophane Durand
IAP	Instituto Artístico Paraense
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IGHB	Instituto Histórico e Geográfico do Brasil
IGHP	Instituto Histórico e Geográfico do Pará
MEC	Ministério da Educação
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PUC-SP	Pontífice Universidade Católica de São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFT	Universidade Federal do Tocantins
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I.....	15
DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA À CABANAGEM.....	15
1.1 AS DISPUTAS DE MEMÓRIAS EM TORNO DA CABANAGEM.....	19
1.2 A CABANAGEM NA CONCEPÇÃO MARXISTA	26
1.3 A CABANAGEM NA NOVA HISTÓRIA	29
CAPÍTULO II	34
O ENSINO DE HISTÓRIA DA CABANAGEM: O LIVRO DIDÁTICO EM FOCO.....	34
2.1 AS REPRESENTAÇÕES DA CABANAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA.....	34
2.2 A RELAÇÃO ENTRE PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN's), PLANO NACIONAL LIVRO DO DIDÁTICO (PNLD) E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NO LIVRO DIDÁTICO	38
2.4 CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO HISTORIAR	46
2.5 A IMAGEM DA CABANAGEM NA COLEÇÃO HISTORIAR	50
2.6 A CARACTERIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO PROJETO ARARIBÁ.....	51
2.7 A IMAGEM DA CABANAGEM NA COLEÇÃO PROJETO ARARIBÁ	54
2.8 A CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA	55
2.9 A IMAGEM DO CABANO NA COLEÇÃO HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA.....	60
2.9.1 A CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO PROJETO MOSAICO	61
2.9.2 A IMAGEM DO CABANO NA COLEÇÃO MOSAÍCO.....	66
CAPÍTULO III.....	75
UMA SUGESTÃO DE MODELO DE AULA	75
3.1 PROPOSIÇÃO DE AULA OFICINA	75
3.2 PERFIL SOCIAL DA CIDADE DE PARAUAPEBAS	77
3.3 PERFIL SOCIAL DA TURMA 8º ANO 05.....	79
3.4 OFICINA.....	86
3.5 A REPRESENTAÇÃO DO ALUNO SOBRE A CABANAGEM	89
3.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	91
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
FONTES.....	106
ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

A Cabanagem, movimento que ocorreu entre os anos 1835 a 1840 no Grão-Pará, figurou-se como um dos maiores movimentos de cunho social da Amazônia no século XIX. Ela é resultado de um longo processo envolvendo diversos atores sociais segundo inúmeras óticas, logo se faz evidente a necessidade de ressaltar os conhecimentos relacionados a esse movimento no ensino fundamental.

A Cabanagem é um acontecimento extremamente importante, não só para história do Pará, mas também para história do Brasil. Isso se dá devido a sua relevância histórico-social, e o fato de que esse movimento abalou a fraca ordem imperial e colocou em questão a unidade nacional. Entre os fatores que levaram o movimento a adquirir tal importância, está o fato de ter sido um movimento múltiplo e heterogêneo, tanto em relação a sua composição social, quanto às interpretações, versões, visões e representações sobre tal processo. Enfrentei o desafio que foi compreender a representação dos discentes sobre a Cabanagem.

O ensino de História é fundamental para que o aluno tenha a dimensão do conhecimento que foi produzido sobre a Cabanagem, pois nas últimas décadas ele vem passando por mudanças estratégicas não só para romper com as práticas hegemônicas e consolidadas que tornam a história desinteressante e enfadonha. As mudanças além de romper com as velhas práticas tentam introduzir um novo olhar sobre a história, sendo assim, essa mudança de postura pensa um novo enfoque para o ensino de História.

Essa nova postura irá possibilitar alcançar as diretrizes assinaladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de História, lançado oficialmente pelo Ministério da Educação em 1997. As diretrizes apontam e reforçam a preocupação com a inclusão, a diversidade cultural e a cidadania no currículo de História.

Ao pensar o ensino de História levando em conta todas as transformações e mudanças das últimas décadas. O conhecimento produzido acerca da Cabanagem é fruto dessas novas abordagens históricas. Além disso, ao longo do processo, ocorreram mudanças e transformações significativas na produção deste conhecimento.

Uma das temáticas pertinentes à discussão sobre ensino de História nas últimas décadas se refere à prática docente, isto é, como é gerenciado e produzido o conhecimento histórico em sala de aula. Refletir o uso do livro didático como documentos históricos, o qual analisaremos para chegar à representação do aluno, na prática de sala de aula também é outro

tema relevante nas últimas décadas, já que a produção de conhecimento em sala de aula vem ganhando atenção do historiador.

O ensino de História deve ser trabalhado segundo o contexto social dos aluno(a)s, na qual o indivíduo encontra-se inserido, pois assim ele deve conquistar uma espécie de “consciência histórica”, não só como produto, mas também, como produtor da história. O ensino de História deve possibilitar o discente entender às representações que determinados grupos construíram sobre os fatos, o conhecimento produzido sobre a Cabanagem foi composto por diversas representações desses fatos.

“É aqui é onde a representação aparece: ela é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (HALL, 2016, p.34.). Esses conceitos e significados atribuídos fazem da Cabanagem tema importante para o ensino de História: “A ligação entre as formas de linguagem e conceitos da base para o sujeito representar o mundo real” (Ibid.,p. 34).

Entender o que ocorreu no Grão-Pará nos anos 1835-1840 é fundamental para o historiador; mas para o aluno o fundamental é compreender que no livro didático o que temos é uma representação do fato histórico. Ele deve estabelecer essas diferenças entre o que está no livro didático e o fato histórico; assim deve ser capaz de fazer as diferenciações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades as quais ele encontra-se inserido.

O passado deve ser visto como um *locus* de embate entre História e Memória, visto que ambas se valem de determinados procedimentos para recuperar o vivido. História e Memória são procedimentos que tentam recuperar o passado, cada uma de forma diferente e independente. A memória, principalmente a coletiva como a da Cabanagem foi construída com base em uma forte carga afetiva, emocional e geralmente ela é bastante seletiva.

Ela é composta por uma dualidade: lembrança e esquecimento. Não se pode vê-la meramente como a atualização do passado ou personificação do passado, mas como uma seleção sobre que passado deve ser esquecido e qual deve ser lembrado “do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder (LE GOFF, 1997, p.368)”.

Certamente, os eventos selecionados pela memória influenciam a narrativa histórica. Ampliar reflexões sobre a memória é importante para entender como foram selecionados os fatos que se transformaram em narrativa histórica. A Cabanagem foi narrada e representada a partir de escolhas, do que deveria ser lembrado e do que podia ser esquecido. Todavia, são muitas as versões acerca do movimento cabano, também são muitos os estudiosos que se

debruçaram sobre este tema em diversos pontos de vistas. Tal estudo vem acompanhando a mudança dos estudos históricos.

Este trabalho objetiva analisar a representação do aluno a respeito da Cabanagem. Considerar qual é a representação do movimento denominado de Cabanagem que está viva hoje no meio discente. A Cabanagem é um assunto importante para os alunos amazônicos, sobretudo os paraenses; ela sempre foi causa de grande polêmica devido a multiplicidade de versão, visão, representação e concepções presentes nas narrativas e discursos.

Analisamos como a Cabanagem foi representada no livro didático de história do ensino fundamental, suas versões e visões, em especial quais as imagens do cabano nos livros didáticos. As coleções escolhidas foram o Projeto Mosaico de Cláudio e Bruno Vicentino, Historiar de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, Projeto Araribá e História Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior. A análise das figuras dos cabanos e Cabanagem contidas nos livros didáticos foi relevante para compreender as representações dos discentes. Além disso, observamos também as transformações historiográficas sobre o tema.

Existem outras formas de linguagem, além das tradicionais, a linguagem imagética, é um exemplos, tais representações podem auxiliar a questionar, construir e a desconstruir uma determinada visão, versão do fato histórico.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro realiza-se uma discussão historiográfica situando os pontos relevantes para entender o processo que levou a eclosão da Cabanagem no Grão-Pará, como foi cunhado o termo “Cabanagem” e como os primeiros autores a caracterizaram, gerando muitas visões, versões e representações que influenciam até hoje o ensino de História.

No segundo capítulo há uma análise das coleções didáticas e sua relação com as políticas públicas referentes ao livro didático, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Há também as interpretações das imagens do quadrista Getúlio Delfhim, também do retratista francês Auguste François e da obra do pintor italiano Alfredo Norfini intitulado: “O Cabano Paraense”, quadro este produzido em 1940, ele é uma das representações mais encontradas nos livros didáticos de história.

O terceiro e último capítulo apresenta um modelo de aula com um roteiro oficina de leitura de imagem realizada em sala de aula. Os alunos entenderam a mutação/transformação que a Cabanagem passou ao longo do tempo e que no interior do movimento cabano houve outros movimentos, isso gerou a ideia de multiplicidade no conjunto do movimento.

CAPÍTULO I

DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA À CABANAGEM

Este capítulo tem por objetivo analisar alguns aspectos importantes que ocorreram na Amazônia e suas contribuições para a eclosão da Cabanagem. Do processo de colonização da Amazônia à Cabanagem incidiram muitos fatos importantes que merecem bastante atenção, o Vintismo e Adesão do Pará a Independência são alguns deles. Porque é a partir de sua análise que compreenderemos a Cabanagem ocorrida entre, 1835-1840. Aqui serão apresentados autores os quais pesquisam a Amazônia. No decorrer deste capítulo abordaremos as principais questões do processo de colonização até a Cabanagem.

Para entendermos a Cabanagem devemos retornar a um passado colonial remoto e complexo. Este passado repleto de relações sociais envolvendo diversos atores e sujeitos sociais dentre eles, a Coroa Portuguesa, as Ordens religiosas, os colonos, as etnias indígenas, os escravos africanos e indígenas constituem os personagens desta trama que fez da Amazônia um *locus* diferente das outras regiões do Brasil. Esta região está ligada a uma teia complexa de relações sociais e econômicas que geraram os conflitos que a marcaram profundamente.

Sem dúvida, a Cabanagem foi o maior movimento social da Amazônia, no entanto, não a entendemos isoladamente, ou seja, ela é a culminância de um longo processo colonial que perdurou no então nascente Império brasileiro. O passado colonial amazônico é repleto de conflitos endógenos e exógenos, uma vez que outras nações também se fizeram presentes no território amazônico, a própria fundação de Belém e São Luís são exemplos destas conturbadas geopolíticas internacionais.

Portugal por muito tempo deixou a região norte da América portuguesa à sua própria sorte. Quando Portugal volta toma interesse a Amazônia depara-se com certos atores sociais, os quais dinamizam essa região. As ordens religiosas estavam por todas as partes da vasta região, Carmelitas, Mercedários, Capuchinhos e Jesuítas..., sendo estes últimos a ordem mais presente. Elas possuíam um grande poder econômico, político e religioso que de certa forma polarizava o poder com a Coroa Portuguesa, não somente nas questões religiosas, mas, sobretudo econômica e política.

A quem estuda e conhece a história da América portuguesa nada surpreende tanto como o descaso com que isto aqui era tratado; descaso que bem claramente se deixa ver nos minguados esforços enviados e meios empregados para os fins a que se tinha em vista e resultados que se colhiam.[...] Eis porque dizia o nosso maior poeta: 'Vinham para o Brasil aquele que não tinha suficiente coragem para se lançarem

sobre a Ásia e a África, cujo campos, cujas cidades, cujos impérios tantas vezes repetirão com terror o nome português'. Foi esta a razão por que os reis de Portugal tiveram sempre os olhos cravados sempre naquelas partes do Oriente onde sua glória se pleiteava, deixando por tanto tempo o Brasil à mercê dos seus deportados e dos seus aventureiros (AMARAL, 2010, p.32.).

O fato é que também essa região não tinha alcançado uma grande prosperidade econômica, assim como grande parte da América portuguesa, o Grão-Pará não tinha obtido o sucesso econômico almejado. Eram muitas as queixas dos colonos que chegavam a essa parte do Império lusitano. Reclamavam da falta de escravos negros para trabalhar as terras e da proibição escravizar os indígenas. Os jesuítas detinham quase que exclusivamente o monopólio da mão de obra indígena, O que gerou conflitos entre jesuítas e colonos.

Para compreender a Cabanagem não podemos esquecer-nos desse passado colonial, suas estruturas, dinâmicas, conflitos e configuração. Tal passado colonial está intimamente ligado aos fatos que levaram a eclosão da Cabanagem no Grão-Pará. Segundo o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis:

Ora, sendo a Amazônia um foco rico de lusitanidade, constituindo uma unidade política distante do Brasil, como explicar sua incorporação ao Império. Desde logo não ignoremos também que em meio a essa caracterização de lusitanidade, a Amazônia era um dos campos sociais marcados mais intensamente pela miscigenação intensiva, que se processara sob incentivos do poder público. A multidão mestiça, mestiça de gentio e de reinol, era vultosa. Constituía, mesmo, o grosso, o fundamento maior da população. Essa multidão vivia uma vida de distância com relação ao reinol, que exercia as funções públicas e, mais que isso, possuía o senhorio da terra, da produção, era o detentor da riqueza (REIS, 1950, p. 18).

Significativamente, o Grão-Pará é *locus* multifacetado composto por muitas relações sociais, com estreitas ligações com a Europa, mais do que com o Estado do Brasil. A relação Belém e Lisboa era muito próxima, essa afinidade fez com que a efervescência política e social que assolaram a Europa na Era das Revoluções chegasse ao extremo norte da colônia portuguesa na América, o que significou que o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução do Porto chegassem aos trópicos.

Foi a França que fez suas revoluções e a elas deu ideias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem-se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes, e a política europeia (ou mesmo mundial) entre 1789 e 1917 ser em grande parte a luta a favor e contra os princípios de 1789, ou ainda mais incendiários de 1793. A França forneceu o vocábulo e os temas da política liberal e radical- democrática para a maior parte de mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu código legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas

civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa (HOBSBAWM. 1977, p.98).

Para Hobsbawm a Revolução Francesa foi um evento transoceânico. Seus ecos ressoaram também no Grão-Pará, as ideias revolucionárias foram propagadas pelas lojas maçônicas. Segundo Coelho:

O Iluminismo, no Pará – aqui tomado no sentido de Amazônia – revelou mais claramente sua face por conta dos investimentos sustentados e realizados pela ciência das Luzes. Diferentemente do que sucedeu em Minas Gerais, por exemplo, numa situação que aqui não cabe discutir, frações do pensamento filosófico e político do Iluminismo, e também das doutrinas jusnaturalistas, transitaram pela então Capitania e depois Estado do Grão-Pará e Maranhão incidentalmente, principalmente na forma de livros que sujeitos da alta burocracia lusitana se fizeram acompanhar quando aqui estiveram. Não é possível assegurar que uma fracionada literatura das Luzes chegada ao Pará da segunda metade do século XVIII criasse raízes ideológicas semelhantes àquelas que, no começo do século XIX, atingiram a superfície do tecido político local com a ação de Felipe Patroni e do jornal O Paraense.(COELHO, 2003, p.65).

O ideário liberal chega ao norte do Brasil como o restante do mundo sente o impacto da Revolução Francesa, as ideias liberais não tardam a chegar, sejam através das classes dominantes, militares, aventureiros, viajantes, comerciantes e missionários ou até pela proximidade com Caiena, na Guiana francesa.

Assim como no Velho Mundo a ideologia Iluminista foi a base da Revolução Francesa e abalou os alicerces do Antigo Regime no continente europeu. No novo mundo vemos clamores contra tal regime o qual se assentavam toda a estrutura do Império português. Foram muitas as vozes, todavia algumas delas ficaram famosas e gravaram seus nomes no mármore da história. Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, paraense bacharel em direito na universidade de Coimbra, figura emblemática na historiografia paraense traz a tipografia para o Grão-Pará.

Mesmo com a Proclamação da Independência do Brasil por D. Pedro I, a Província do Pará continuava na mesma situação que antes, ou seja, os portugueses continuavam dominando a região e, para defender seus interesses financiavam exércitos na Província do Pará além de se protegerem da Independência do Brasil. Deste modo, mesmo com o Brasil independente de Portugal, muitas províncias se negaram a aceitar tal fato, no caso da região Norte do Brasil, Pará, Amazonas e Maranhão, em virtude de grande domínio, controle, tanto político quanto econômico, português nestas áreas.

A Adesão morosa do Pará ocorreu por diversas razões, uma delas foi a ligação entre a elite paraense do período e os negociantes lusitanos. Além do mais, a capital do Pará tinha a mesma importância economicamente que a cidade portuguesa do Porto, os laços consanguíneos daqui eram fortemente ligados ao de Portugal, o que fortalecia os laços entre paraenses e portugueses. O comércio entre o Grão-Pará e Portugal era pujante e as relações fortaleceram não só a economia mais também a autonomia.

No entanto, após a Adesão do Maranhão ao Império do Brasil, em julho de 1823, o novo Estado Nacional olharia com desconfiança o norte do Brasil, o Império brasileiro trataria o Norte como uma colônia, mas a elite lusa era muito forte e muita influente politicamente, logo ela trataria de manter as mesmas práticas de antes da Adesão.

A Adesão foi um pacto entre a elite portuguesa, igreja, ingleses e representantes do governo brasileiro. Com a centralização do governo de D Pedro I, em especial, a outorga da constituição de 1824, acrescidas da inabilidade do monarca colocava o país em uma instabilidade política crítica, então, agravaram as dúvidas e a desconfiança da população paraense com relação ao poder central.

Sem dúvidas, se a elite paraense estava dividida, a população mais pobre, escravos, índios, tapuias, caboclos e brancos empobrecidos perceberam rapidamente que a independência não resultou em melhorias para suas vidas, o que acabou provocando muitos conflitos e mortes, como o Massacre do Brigue Palhaço, três meses depois da Adesão. Se não bastasse isso, Pedro I resolveu deixar o Brasil e regressar para Portugal, o que só agravou ainda mais a crise política.

Não se pode compreender a Cabanagem, sem antes remeter ao contexto da Amazônia colonial. O Vintismo, a Adesão do Pará a Independência (1823) e o próprio movimento cabano são em grande medida uma somatória de um longo processo de dominação, subjugação e exploração o qual sofreu a Amazônia. A Cabanagem sem dúvida foi o maior movimento social amazônico por tudo que apresentou, representa, idealizou. Portanto, estudar a Cabanagem é ter um olhar multifocal, plural, onde o macro e micro se interpelam constantemente.

1.1 AS DISPUTAS DE MEMÓRIAS EM TORNO DA CABANAGEM

O objeto de estudo desta sessão são as disputas das memórias da Cabanagem. Trata-se de pensar em como se forjou o próprio termo Cabanagem, cabanos, etc. Este movimento deve ser analisado pela perspectiva de diversos autores; porém, é impossível aprender por completo o ocorrido na região Norte do país, no período entre 1835-1840 que foi consagrado por Cabanagem pela nascente da historiografia imperial. Muitos autores afirmam que Domingos Antônio Raiol,¹ Barão de Guajará, vai situar os estudos do ocorrido no Pará neste período e isso posteriormente ficaria conhecido e cristalizado na historiografia nacional e regional como a Cabanagem.

A Cabanagem por toda a sua diversidade já não comporta um substantivo singular, mas um substantivo plural, por isso deveria se denominar Cabanagens como mostrou a historiadora Magda Ricci. Porém denominaremos singularmente Cabanagem como é estudada há tempos e amplamente debatida por historiadores, memorialistas, escritores, literários etc. Os autores construíram visões, versões e representações de acordo com sua ótica, meio social e modo econômico, algumas dessas versões e visões perduraram ou perduram por muito tempo, influenciando tanto a historiografia quanto o próprio ensino de História.

Temos um verdadeiro embate em torno da memória do movimento cabano; seus personagens são constituídos em monumentos, nomes de bairro, ruas, escolas, praças públicas. A Cabanagem também está viva em discursos políticos e aulas de história, nos livros didáticos. Enfim, ela permanece viva na memória de muitos, especialmente, no Pará.

Ao longo do processo a Cabanagem assume muitas formas, isso permitiu que este movimento fosse representado como Revolta Guerra, Rebelião, Motim, Revolução, Levante e, essa polêmica não envolve apenas historiadores, mas também professores, antropólogos,

¹Sobre Domingo Antônio Raiol ver:

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa; RICCI, Magda Maria de Oliveira. Fazendo político contando história: experiência sócio literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos-1865-1890. **Revista Estudos Amazônicos**. Vol. V, 2011.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa. Uso e leituras da obra de um Barão: percepções de sobre Motins Políticos nos séculos XIX e XX. **Antíteses** (Londrina), v. Vol. 3, 2010.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa Motins Políticos e a Historiografia Imperial: a inserção de um intelectual amazônico nos quadros do IGHB. **Almanack Brasiliense**, v. 12, 2010.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa Os ensinamentos de um Barão amazônico: Motins Políticos sob o Topos da História Magistra Vitae. **Revista de Teoria da História** ano 2, número 4, Dezembro 2010.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa. OS MOTINS POLÍTICOS DE UM ILUSTRADO LIBERAL: História, memória e narrativa na Amazônia em fins do século XIX. Belém. 2010. Dissertação de mestrado, UFPA, 2010.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa. ENTRE BATALHAS E PAPÉIS: A Cabanagem e a imprensa brasileira na Menoridade (1835-1840). Belém; 2016. Tese de doutorado, UFPA, 2016.

sociólogos, jornalistas e outros profissionais. Dependendo do momento histórico esse movimento pode assumir várias facetas. Pode-se afirmar que a Cabanagem é fruto de diferentes anseios desejados por uma multiplicidade de atores sociais.

Qual o projeto ou quais foram os projetos dos cabanos? No interior do próprio movimento havia contradições internas marcantes, muitos conflitos gerados deveram-se a tais contradições. Nota-se nos cabanos uma distância, como se fosse um hiato, ou seja, uma separação entre os dirigentes e a massa. Seus principais líderes eram de famílias abastadas, os três governantes cabanos eram grandes proprietários escravistas. Virou lugar comum dizer que os cabanos não possuíam um projeto, isso fez com que permanecesse pouco tempo no poder.

Além disso, a massa cabana era composta por índios de diversas etnias, negros libertos e escravos, caboclos, tapuios, homens brancos empobrecidos e esquecidos no interior do vasto território amazônico. Mas, também esse movimento era composto por homens de posse, pequena parte da elite local, religiosos e militares de baixa patente.

Falar em Revolta Popular, Revolução, Rebelião, Motim e Levante que o povo ganhou e ficou no poder por um tempo ainda que curto, não foi fato banal ou algo qualquer. Havia vários projetos e muitos deles eram antagônicos, não sendo possível coadunar em um mesmo projeto. Exemplo disso é no tocante aos escravos que engrossaram as massas cabanas e foram importantes no movimento, e os líderes cabanos os tratavam como se fossem seus senhores e não como companheiros.

O movimento cabano ao longo do processo sofre mutações. Foram cinco anos de lutas 1835-1840, no decorrer deste conflito que não foi uno, mas em si múltiplo, tivemos modificações, rupturas e transformações. O conflito teve uma expansão geográfica vasta, a interiorização do conflito expandiu os ideais cabanos para além da fronteira do Grão-Pará, tivemos picos de radicalização uma vez que os próprios dirigentes não conseguiram conter a massa cabana composta em sua grande maioria por homens empobrecidos, foros (escravos libertos), escravos, índios. A Cabanagem sem dúvida não foi um movimento monolítico, havia muitas ideologias, desejos, objetivos, vertentes, lutas, grupos.

A historiografia clássica sobre a Cabanagem cristaliza uma memória sobre esse tema e algumas de suas versões. Para isso temos autores como Domingos Antônio Raiol, (Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835), Antônio Ladislau Monteiro Baena (Compêndio das Eras da Província do Pará, 1969), João Palma Muniz (Greenfell na história do Pará e A Adesão do Grão- Pará a à

Independência e outros Ensaio 1973), Jorge Hurley (A Cabanagem e Traços cabanos, 1990), Ernesto Cruz (Nos Bastidores da Cabanagem, 1969.), Carlos Rocque, (Cabanagem: epopeia de um povo, 1973), Júlio Chiavenato (Cabanagem: o povo no poder, 1990.), Pasquale Di Paolo (Cabanagem: a revolução popular da Amazônia, 1942.) Arthur Cezar Ferreira Reis, (A Incorporação da Amazônia ao Império 1973.)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1781-1850), membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, é sem dúvida um grande intelectual que habitou a Amazônia no século XIX. Ele é fonte para os trabalhos posteriores, citado por todos os autores que estudam a Cabanagem por meio das publicações. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará (1839)* e *Compêndio das Eras da Província do Pará (1969)*. Estas obras mostram a grande erudição do autor, ele faz uma descrição densa da natureza humana na Amazônia, emprestando o termo do antropólogo Clifford Geertz (1926–2006).

“Em vários trechos da obra corográfica de Antônio Baena, a descrição precisa e utilitária cede ou é interpolada pela ênfase romântica que difere dos corógrafo anterior”² (BARROS, 2006, p.63). A descrição é vastíssima e importante para entender não só aspectos naturais, mas também econômicos e sociais desta província.

João de Palma Muniz (1873-1927), outro autor importante da história do Pará, engenheiro, escritor e intelectual foi também membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, escritor de livros históricos e geográficos dentre os quais se destacam *Adesão do Grão-Pará à Independência e Grenfell na história do Pará: (1823 – 1824)*.

Ele faz uma análise interessante acerca da Cabanagem, em referência às lideranças e movimentos populares que participaram do movimento cabano. “Palma Muniz busca apresentar novas percepções em relação aos movimentos populares ocorridos na Amazônia na primeira metade do século XIX” (LIMA, 2010, p. 86). Ele vai inaugurar uma nova forma de percepção do movimento cabano, assim como autores posteriores.

“Jorge Hurley e Palma Muniz podem ser considerados interessantes exemplos daquilo que iria predominar nos anos subsequentes em relação à produção histórica e pesquisa histórica sobre as lutas político-social no Grão Pará”³ Jorge Hurley (1882-1956) realizou um amplo estudo sobre a Cabanagem, mas seu diferencial foi focar na luta étnica, ele mostra o

² Sobre Antônio Ladislau Monteiro Baena ver: BARROS, Michelle Rose Menezes de. *Germes da grandeza: Antônio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do Império brasileiro (1823-1850)*. Belém Dissertação de Mestrado, 2006.

³ Sobre Antônio Raiol ver: LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. OS MOTINS POLÍTICOS DE UM ILUSTRADO LIBERAL: História, memória e narrativa na Amazônia em fins do século XIX. Belém. 2010. Dissertação de mestrado, UFPA, 2010.

conflito entre brancos, negros e índios. Hurley concentra suas interpretações “ao propor que a análise desses acontecimentos deveria envolver os rebeldes em sua diversidade étnica e social” (LIMA, 2010, p.86).

Reforçando assim a nova tendência, neste período temos um marco na representação da Cabanagem. Ernesto Cruz (1898-1976) outro intelectual importante, o qual descreve os eventos que levaram a eclosão da Cabanagem privilegiando as causas e heróis, também organizou uma espécie de quadro analítico chamado *A Cabanagem na Visão dos Historiadores*.

Entre os anos 1940 e início de 1960, o historiador paraense Ernesto Cruz publicou alguns ensaios destinados à análise dos conflitos ocorridos durante as décadas de 1820 a 1840 na Amazônia, com destaque para os títulos: *Nos bastidores da Cabanagem* (CRUZ, 1942) e *História do Pará* (CRUZ, 1969). Ao longo dessas narrativas, caracterizadas, parcial ou totalmente, pela proposta de explicar ou elucidar os eventos político-sociais que haviam deflagrado a guerra cabana, (LIMA, 2016, p.29).

Cruz caracteriza a Cabanagem como uma “Guerra”. As décadas analisadas dão suporte necessário ao historiador que forja sua visão do processo ao qual não sofrerá muitas críticas e alterações nos futuros pesquisadores. Outro pensador importante para entender o movimento cabano na Amazônia é o ex-governador do Amazonas, Arthur Cezar Ferreira Reis (1906-1993). O intelectual e político é autor de inúmeras obras, entre os anos de 1931-1999 são mais de trinta obras de folego sobre a Amazônia.

Arthur Cezar Ferreira Reis é um dos grandes autores da Amazônia e sem consultar suas obras não podemos entender os processos que levaram à Cabanagem. Ele concebe que a Cabanagem era fruto da exploração internacional que a região vinha sofrendo desde o período colonial. Reis analisa os processo de exploração da região e sua relação com a metrópole, neste ponto ele cria uma tese muito criticada pelos historiadores na qual a afirma que a Amazônia é um feudo de Portugal.

As ideias de que houve uma economia pré-capitalista foi duramente combatida, mas Reis sustentava suas ideias as quais eram baseadas em fontes do período colonial, e principalmente em suas interpretações, mas isso não fará dele menos importante. Arthur Cezar Ferreira Reis é um historiador plural, ele escreve sobre temas relevantes para entender a região e sua tese não é fácil de ser derrubada, pois ele vê a Cabanagem como fruto da exploração internacional e nacional, ela é gerida por um contexto maior.

Pasquale Di Paolo (1900-1987), padre italiano e intelectual militante, comprometido com as causas sociais na Amazônia, foi um marco para os estudos acerca da Cabanagem, pois ele é o pioneiro a denominar o movimento cabano de Revolução. Di Paolo, em *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* discorre sobre vários pontos que mais tarde serão amplamente discutidos pelos pensadores posteriores.

Pasquale Di Paolo, apresentava em sua análise diversos pontos de aproximação com Chiavenato e Rocque, como por exemplo, em suas influências contexto de abertura política do país, porém sua narrativa dava mais ênfase a uma leitura marxista, presente, segundo estudiosos, no “caráter revolucionário dos cabanos” e no uso de vários conceitos pertencentes a essa teoria (LIMA, 2010, p. 98).

Essas versões, visões e representações influenciarão o meio acadêmico e o ensino de História também vai sofrer os impactos destas novas análises. O ensino de História não se encontra em hipótese alguma isento do conhecimento acadêmico, porém sei que há certa distância entre ambos. Esses autores mencionados acima tecem representação e versões importantes acerca do fato, mas analisarei com mais ênfase nesta parte do trabalho Raiol e Rocque.

A Cabanagem enquanto representação histórica foi construída sob a égide do Instituto Histórico e Geográfico do Brasileiro. Raiol foi um dos primeiros, mas não o único a estudar o ocorrido no Grão-Pará. Entretanto, tinha suas inclinações, às quais deixava bem explícitas em seus escritos, ou seja, ele que estabeleceu uma memória dos fatos.

Um exemplo desta batalha pela memória está presente nas narrativas de Antônio Domingos Raiol (1830-1912), o Barão de Guajará, um homem que ficara marcado na história do Pará. Foram quase 25 anos de dedicação à sua obra *Motins Políticos*, escrita em cinco volumes constituindo uma das maiores referências para estudar a temática. Formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1854, pela Faculdade de Direito de Olinda. Posteriormente, ocupou vários cargos públicos, porém, os mais notórios cargos foram as presidências das províncias de Alagoas (1882), Ceará (1882) e São Paulo (1883).

Domingos Antônio Raiol transitava entre a vida de intelectual e a política. Seu objeto de estudo são os movimentos político-sociais deflagrados no Grão-Pará entre as décadas de 1820 e 1830. Ele é o grande autor sobre a Cabanagem. Suas fontes são os documentos oficiais do Império e notícias dos periódicos do ano de 1830. Intelectual muito influenciado pelo Positivismo, criou adjetivos que ficaram para a posterioridade: “amotinados”, “malvados” e “rebeldes” foram características dadas aos cabanos.

Como entre os romanos a luta incandescente dos plebeus contra os patrícios, assim a revolta dos cabanos desenvolveu-se sem tréguas contra várias classes, porém mais encarniçada e cruel, por não ter nenhum princípio ou interêsse geral que lhe servisse de móvel (RAIOL, 1970, p. 925).

Em *Motins políticos* constrói sua narrativa, representação a partir da sua seleção dos fatos. Mostra que a memória é composta de emoção e paixão. Seu pai foi morto por cabanos. Pedro Antônio Raiol foi assassinado na cidade de Vigia, quando os cabanos invadiram a cidade, Raiol ficou órfão aos cinco anos. Tudo isso marcaria para sempre a vida deste autor e sua visão sobre a Cabanagem. Descreve a Cabanagem como “Motim”, porque, o *motim* começa no seio da elite não nas camadas populares “Os agentes da autoridade insuflando as paixões populares conseguem certo apoio das massas e triunfam; porém cavam ao mesmo tempo o abismo que mais tarde tende a devorá-los” (RAIOL, 1970, p.346). Raiol queria derrotar os cabanos no campo historiográfico, uma vez que o movimento cabano foi duramente reprimido e derrotado no campo de batalha. Ele teve certo êxito, como o historiador consolidou uma determinada memória com reflexo no ensino de História. Neste sentido, segundo Le Goff:

Nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1997, p. 368).

A memória é uma tentativa de tornar o passado presente em nossa lembrança, mas as lembranças são seleções, composta por inúmeras lacunas, cabe a ela tentar tornar o passado glorioso, capturando fatos dignos de ser memoráveis para certos grupos. Portanto, o Barão de Guajará cria sua versão, visão e representação do fato. Raiol, além disso, tece suas representações sobre os cabanos e sobre a Cabanagem. Enfim, adjetivou, caracterizou o movimento e seus integrantes, ele “inventa” a identidade do cabano e da Cabanagem. Identidade pejorativa que é construída em grande medida para desqualificar o movimento e seus integrantes.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder São as

sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Ibid., p. 410).

A identidade coletiva foi justamente um dos pontos trabalhados pelo Barão, como vemos na citação, ela é produto da luta, objeto de poder e disputa pelos grupos. Além disso, a memória é fundamental para a produção das identidades individuais e coletivas; isso foi feito com estratégias minuciosas, vinculando a imagem da Cabanagem a uma representação negativa igualmente ocorrida com seus integrantes.

Não há dúvida que Domingos Antônio Raiol é o primeiro grande autor que se dedica ao estudo da Cabanagem; percebe-se que há certo consenso acerca de sua importância. A narrativa de Antônio Raiol serve de base para as futuras gerações de historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos e pesquisadores de modo geral. Quando o assunto é Cabanagem partimos do Barão.

Para Edgar de Decca (1988, p. 75.) o discurso é produzido pelos vencedores; define enfim, o lugar da História. Analisa a produção da memória histórica pela classe que está no poder, como ela se organiza nos enunciados dos discursos políticos que, para se legitimarem, criaram o fato histórico. Fato histórico fundador, isto é, atribuir valor simbólico a uma data, tornando ela memorável, e como essa mesma memória também é reelaborada e consolidada pela prática historiográfica. Cabe à memória tornar o passado presente. Ela seleciona e presentifica o passado que se deseja preservar, garantido à estabilidade e permanência do grupo social no poder.

Esses são usos políticos da memória por Antônio Domingos Raiol embora seja de certa forma contemporâneo ao movimento, este valeu-se desses atributos da memória para construir sua narrativa. Foram muitos outros autores que contribuíram para essa temática, entretanto optamos por um que tem uma visão diferente de Raiol, pois assim vamos observar no 2º capítulo como tais versões que são retratadas no livro didático.

1.2 A CABANAGEM NA CONCEPÇÃO MARXISTA

Diferentes estudos foram publicados na década de 1980. São muitas as visões e versões acerca do movimento cabano. Assim, a Cabanagem vem sendo estudada sobre vários vieses e óticas que acompanham as mudanças nos estudos históricos. Naquela década a Cabanagem foi tema de estudos de vários pesquisadores. Um deles, publicado, tinha como título *Memorial da Cabanagem* aqui, analisa-se a cabanagem pelo viés da teoria marxista e estabelece uma nova memória do movimento cabano. Os cabanos passam a ter uma nova conotação, o adjetivo “revolucionário” é constante na narrativa de Vicente Salles. Observa-se, aqui, duas memórias em constante tensão.

Cada historiador narrou representou a Cabanagem à sua maneira, em sua época, alguns classificaram os cabanos como meros desordeiros, arruaceiros, anárquicos, enquanto outros exaltavam seus feitos, enobreciam seus atos, valoraram seus feitos. Assim sendo, temos uma luta para estabelecer a memória: “(...) do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder” (LE GOFF, 1997, p. 386.).

A memória coletiva sobre a Cabanagem é reflexo desta intensa luta que se reflete no ensino de História: “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Idem).

A Cabanagem não foi combatida somente por armas, mas também por outros meios intelectuais, burocratas e atos governistas os quais produziram uma gama de documentos sobre o período. “Essa batalha se deu também entre papéis” (LIMA, 2016, p. 45). Neste campo os cabanos levam uma grande desvantagem, um dos únicos escritos cabanos o qual não temos consistência de sua veracidade foi escrito por seu terceiro e último líder.

Para uma parcela dos autores que estudam o ocorrido entre 1835 e 1840 na Província do Pará sabem que as fontes produzidas são extremamente tendenciosas. Elas mostram apenas a visão dos vencedores, suas fontes criam versões dos fatos e tudo isso vai alimentar a memória e o ensino de História. Essa memória muitas das vezes é controlada por um determinado grupo, eles se valem de muitos meios para obter o resultado necessário.

O ensino de História é um desses meios, principalmente através do livro didático. Pois este tem uma circulação maior que os trabalhos acadêmicos, além de atingir um público bem mais amplo e em formação.

Sem dúvidas a memória é um lugar de disputa, tem-se uma tensão entre os grupos, uma batalha pelo domínio do que deseja ser lembrado e o que deve ser esquecido. Também na década de 1980 foi publicado em dois volumes o livro *Cabanagem: a epopeia de um povo*, realizado por Carlos Rocque (1984). Atuando na época como jornalista e historiador, Rocque presta homenagens e reconhecimento a Antônio Raiol. Para Rocque:

O barão do Guajará (Domingos Antônio Raiol) foi o primeiro a historiar com profundidade a Cabanagem, [...]. Muito bem documentada e narrada com esmero e mesmo com a preocupação de detalhar as ocorrências, peca apenas um ponto: A de conter, mesmo contra a vontade do autor, certa parcialidade (...) (ROCQUE, 1984, p. 28).

Caio Prado Jr, também de formação marxista, já havia defendido a ideia de que a Cabanagem pode ser considerada como a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder. De acordo com ele:

Um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguiram ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade (PRADO JR, 1933, p137, 138).

Porém, segundo Rocque:

Existem muitas controvérsias quanto aos movimentos que inspiraram a Cabanagem, esse movimento ainda precisa de uma análise serena e imparcial, baseada nos milhares de documentos existentes na Biblioteca e Arquivo Público do Pará". Os pontos de vista dos historiadores que até hoje se dedicaram ao assunto, em vários pontos divergem (ROQUE 1968, p. 348).

Para ambos, os cabanos podem ser caracterizados como revolucionários, além de apontar as diferenças entre os muitos grupos que lutaram na condição de cabanos. Rocque busca apresentar novas representações em relação aos movimentos populares ocorridos na Amazônia na primeira metade do século XIX. Sua narrativa diverge do posicionamento apresentado no livro de Raiol, particularmente no tocante aos grupos revoltosos que são apresentados como aqueles que lutam por uma causa.

Outra obra que tem como objeto histórico a Cabanagem é *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*, de Pasquale Di Paolo (1990). A obra apresentou em sua pesquisa diversos pontos semelhantes com Rocque, sua narrativa dava também ênfase a uma leitura marxista dos fatos ocorridos entre 1835-1840 na Província do Grão-Pará.

Segundo Pasquale, os cabanos vão assumir uma consciência de classe tal qual o proletariado; os revoltados possuem a consciência da exploração das classes dominantes e lutaram contra os dirigentes da província até tomarem o poder, no “caráter revolucionário da luta dos cabanos” e, no uso de diversos conceitos referentes à teoria marxista. Além desses aspectos, o livro de Pasquale Di Paolo destinou um espaço vultoso à utilização de *Motins Políticos* na forma de fonte.

Lutas político-sociais no Grão-Pará foi o objeto de estudo desses autores, a Cabanagem passa a ser vista como tal Rocque e Di Paolo realizavam seus estudos amplamente ancorados na narrativa de *Motins Políticos* de Raiol. Entretanto, na medida em que o tempo foi passando incorporaram as lutas político-sociais como objetivo principal.

As representações dos autores convergem em determinados pontos, além de refletirem algumas das críticas mais comuns que sofre a obra *Motins políticos*. Eles construíram tais críticas sob o viés da análise marxista. Também as análises feitas por Vicente Salles (1992) levam a pensar a Cabanagem como produto da exploração, espoliação e da luta de classes em uma perspectiva materialista.

Vicente Juarimbu Salles foi historiador, antropólogo, memorialista, e folclorista paraense considerado um dos mais importantes intelectuais do século XX, da Amazônia e do Brasil, ele tem uma grande quantidade de obras escritas, porém as mais importantes são: “O negro no Pará sob o regime da escravidão” (Fundação Getúlio Vargas em convênio com a Universidade Federal do Pará, 1971).

“A música e o tempo no Grão-Pará” (1º volume, 1980); “Sociedades de Euterpe” (4º volume, independente, de “A música e o tempo no Grão-Pará”, 1985); “Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão Pará” (1992); “Época do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época” (EDUFPA, 1994); “Marxismo, socialismo e os militantes excluídos” (PakaTatu, 2001); “Vocabulário crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico” (IAP - Programa Raízes, 2003); “O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos” (2004). Para Salles:

A Cabanagem, revolução popular que durante alguns anos, abalou a vida social e econômica da Amazônia, foi, segundo Nelson Werneck Sodré, um dos movimentos mais sérios e mais característicos da fase da Regência. Handermann afirma que foi a maior guerra civil que o Império até então teve de sustentar e ressaltou também o caráter de luta de classes, a “guerra dos sem terras contra os proprietários”. A população atendeu em massa ao chamamento das armas. Um dos aspectos mais importantes do movimento é precisamente a análise da intervenção das classes populares dos campos e das cidades nos destinos políticos do Grão-Pará, com o fim especial de modificar o status quo. Sob as mais diversas condições, exprimia o descontentamento do povo pela situação existente. Pode-se exibir extraídas do

contexto histórico-social, inúmeras motivações, algumas de raízes profundas, outras que reflete meramente intrigas entre personalidades colocada na cúpula da classe dirigente. De qualquer forma, ressaltam as contradições derivadas do próprio sistema colonial da Amazônia, que transformou Belém em um burgo administrativo extremamente oneroso e estéril e permanentemente agitado pela política dos interesses mercantis (Salles, 1988, p. 259).

A partir das análises marxistas, os cabanos passaram de malfeitores, desordeiros e anárquicos a revolucionários, lutando contra a exploração. Vemos uma ruptura com a memória tradicional sobre a Cabanagem a qual foi estabelecida por Domingos Antônio Raiol, a partir de autores como Pasquale Di Paolo, Carlos Rocque e Vicente Salles que fixaram uma narrativa marxista da história da cabanagem.

1.3 A CABANAGEM NA NOVA HISTÓRIA

A Nova História surge na França como fruto de uma conjuntura internacional, não podemos negar que seu germe encontra-se na *Escola dos Annales* (1929). Logo, ela vai ser também consequência da alteração que os historiadores tratam o documento. Le Goff afirma que ao longo dos anos 1970 “colóquio e obras, em sua grande maioria coletiva fizeram avaliações das novas orientações, em uma obra conjunta com Nora 1974 apresentou o título *Faire de l'histoire.*” (LE GOFF, 1997, p.108).

Os novos problemas, objetos e abordagens modificariam a forma de fazer e pensar a história. A nova História traria para o campo das ciências humanas novas abordagens e personagens, ela traria para a História os povos “sem história” valorizando os eventos marginais. Os estudos sobre a Cabanagem também foram influenciado pela “Nova História”, os horizontes da História aumentaram significativamente, além das fronteiras interdisciplinares.

“Quatro anos mais tarde, em 1978, um dicionário da *La nouvelle histoire* [Le Goff, Chartier; Revel, 1978], dirigindo-se a um público ainda mais vasto, dava testemunho dos progressos da vulgarização da nova história” (LE GOFF 1997, p.108), segundo os autores foi rápida a mudança de interesse no interior do campo da História. Destacando-se as temáticas como: antropologia Histórica e cultural, além de História das mentalidades.

Com a mudança dos estudos acerca da Cabanagem temos uma nova geração de historiadores, literatos, jornalistas e, antropólogos que se debruçaram sobre este tema tão caro

à historiografia nacional e regional. A nova geração de pesquisadores aborda outros aspectos do movimento cabano, além disso, questionam a historiografia clássica.

Magda Maria de Oliveira Ricci é uma especialista em história social da Amazônia, trabalha principalmente os movimentos sociais do Período Imperial, especificamente o Período Regencial. Mas já vem trabalhando há algum tempo como o processo de independência do Brasil e a Cabanagem. Magda Ricci tem inúmeras publicações acerca da Cabanagem, é nesse tema que a historiadora mais tem atuado nas últimas décadas. Sua produção foca vários aspectos do movimento cabano. Portanto, para Ricci:

A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas (RICCI, 2013, p14).

São muitas as diferenças entre o trabalho da historiadora Magda Ricci e o dos primeiros que se debruçaram sobre o movimento cabano. Mas temos uma semelhança importante, ambos constroem narrativas verossímeis, ambos narram versões dos fatos acontecidos cada qual de seu lugar social, com filtros presos ao seu tempo, espaço e com recursos disponíveis em sua época.

Além do mais, cada autor contribui enquanto pesquisador da Cabanagem de acordo com suas representações e percepções. Eles fazem interpretações, narram um fato, criam versões ainda que de forma diferente. Não é objetivo aqui julgar quem está certo ou errado ou que tem mais proximidade com a veracidade, porque tanto Raiol quanto Ricci interpretam o fato de forma diversa, montando suas tramas de acordo com seu meio social.

A Cabanagem foi uma revolução social que dizimou a população amazônica e abarcou um território muito amplo. Contrastando com este cenário amplo e internacional, foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil (RICCI, 2006, p. 1).

A historiadora afirma que a Cabanagem é uma revolução social; percebe-se como é grande o distanciamento das primeiras narrativas produzidas sobre tal temática. É recorrente

em sua narrativa o termo Revolução Social “A Revolução Social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local” (RICCI, 2006, p. 2).

A historiadora faz uma análise interessante do movimento cabano. Como poucos autores ela monta sua trama mostrando, pluralidade, diversidade e heterogeneidade do movimento, além de fazer um balanço e um mapeamento historiográfico.

Ricci mostra o contraste entre os grupos participantes do movimento, mas também o que o unia os ideais comuns aos participantes, em seu mapeamento mostra a mudança de sentido da Cabanagem. Múltiplos significados de acordo com cada autor referido por ela e suas respectivas obras. Na busca de um sentido mais preciso foi traçada a memória, assim como a historiografia da Cabanagem.

Os sentidos e significados⁴ da Cabanagem são objetos de análise da historiadora. Percebe-se a mudança de sentido ao longo das décadas. Tais alterações levaram ao longo do tempo uma mudança também nos adjetivos os quais eram denominados os cabanos.

Luis Balkar Sa Peixoto Pinheiro é professor da Universidade Federal do Amazonas, possui experiência em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Trabalho, Movimentos Sociais, História da Amazônia, Revoltas Populares e Cabanagem. É justamente sobre esse último tema que iremos focar, visto que ela faz uma análise interessante sobre o movimento cabano.

O historiador Balkar, caracterizar a Cabanagem como um movimento que sofreu inúmeras mutações, ele emprega vários adjetivos, entretanto com significados semelhantes: Dissensões, Revoltas, Motins, Levantes, Insurreição, Movimento Popular e Revolta Popular. Balkar descreve: “A Cabanagem não deve ser entendida como um movimento episódico, sendo antes um processo de múltiplas tensões que encerram percursos, demandas, ideários e objetivos distintos” (PINHEIRO, L. B. S. P, 2001, p.5).

Luís Balkar tenta descrever a Cabanagem em suas múltiplas formas até porque narra o movimento em sua expansão. É a partir de Manaus que o historiador centra suas reflexões, ou seja, sua narração num período de expansão tanto geográfica quanto ideológica, pois entre

⁴ Ver RICCI, Magda “O Império lê a Colônia: um barão e a história da civilização na Amazônia” .In: José Maia Bezerra Neto & Décio de Alencar Gúzman (orgs.), *Terra matura: historiografia e história social da Amazônia*, Belém, 2002.

Ricci, Magda “Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos”, *Anais do Arquivo Público do Pará*, vol. VI, tomo I, Belém, 2001.

PINHEIRO. Luís Balkar Sá Peixoto, *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia*, Manaus, Valer, 2001.

Belém e Manaus temos diferentes ideologias, sentidos, anseios e objetivos, porém também temos objetivos comuns. Conforme afirma Luís Pinheiro:

As ações de rebeldia popular não só se tornaram recorrentes na região, como também acabaram fragilizando o aparato repressivo. Em várias regiões do sertão amazônico estruturas espoliativas foram seriamente abaladas por movimentos populares que, literalmente, tentaram colocar por terra todo e qualquer vestígio de autoridade institucional. (...). A insurreição popular ocorrida no Lugar da Barra do rio Negro (hoje Manaus), outrora sede da Capitania de São José do Rio Negro (depois Comarca do Alto Amazonas) exemplifica essa tensão latente entre grupos populares rebelados e lideranças políticas locais que buscam oportunizar múltiplas formas de motins e rebeliões populares atribuir-lhes um sentido diverso daquele assumido pelo movimento em sua origem. Portanto, nela é possível perceber também como as múltiplas formas da revolta popular eram não só recusadas em seus termos próprios, mas ainda incorporadas e amplificadas pelos movimentos de protestos dos setores dominantes (PINHEIRO, 2001, p. 7).

Balkar, assim como os autores aqui mencionados, tenta caracterizar a Cabanagem. Mas, ele não é o único. Essa discussão acerca da Cabanagem é um debate secular o qual está cercado de paixões, sentimentos, filiações ideológicas e políticas. Até agora, fizemos uma tentativa de expor como os autores conceituam a Cabanagem desde os primórdios até os trabalhos mais recentes. Além disso, tentamos refazer a trama a qual culminou a Cabanagem, isso porque acreditamos que ela seja uma somatória de fatores, que desde os períodos colônias estão diretamente relacionadas com o movimento cabano. Ricci, historiadora que pesquisa a Cabanagem a mais de duas décadas, afirma:

O movimento foi denominado por Raiol de “Motins Políticos” já que sua razão primeira foi ocasionada pelos desmandos entre a elite local e paraense. A Cabanagem não seria um movimento “popular”, mas um motim dos políticos que anarquicamente chamaram a participação das insufladas massas (RICCI, 1993, p.18.)

A memória manifesta-se em muitos aspectos da sociedade, no ensino isso não é diferente, toda essa disputa pela memória reflete no ensino de História, ela não é neutra nem passiva. Quando analisamos a memória precisamos mencionar suas manifestações coletivas e sociais, isto é, a memória é gravada nos monumentos, documentos e relatos da história de uma sociedade.

A memória é resultado de uma construção e da escolha do historiador. A memória não acaba em si, ela é o resultado da seleção de fatos. O passado é um território de disputa entre memória e história cada um com seus procedimentos, ferramentas e métodos para alcançar seus objetivos. Quando narramos, selecionamos o que será contado, quando lembramos

selecionamos o que vamos lembrar ou esquecer, isto é, a memória é uma seleção de lembranças.

A memória poder ser uma atualização do passado ou até mesmo uma presentificação do mesmo. É também o registro do presente para que permaneça como lembrança, mas também a memória é o esquecimento, porque conserva uma lembrança e esquece as outras. A memória é tencionada constantemente, o processo de construção da memória da Cabanagem é complexo, uma vez que temos dois campos antagônicos lutando para estabelecer sua versão do passado.

Portanto, analisar a memória da Cabanagem e seus desdobramentos é importante, porque refletem no ensino de História; a memória do movimento cabano está presente nas aulas de História e no livro didático. Atualmente o livro didático é um local de disputa pela memória, o processo de construção da memória é dinâmico e contínuo.

O ensino de História é também local de disputa. Constata-se a polarização das forças antagônicas que estão lutando para suprimir a memória do outro, isso não acontece somente com a memória da Cabanagem, mas sem dúvida tratando da história do Pará é nela que vejo com uma maior constância. Não se tem na história do Pará um tema que gerou tantas versões, visões, concepções e representações que o movimento cabano.

O processo de construção da memória da Cabanagem é composto por oposição, contradição e supressão, ele vai sofrer influência das mais variadas correntes historiográficas de Motim à Revolução temos um longo e complexo processo de constituição da memória. O fato é que em cada época não se tem uma forma hegemônica de representação da Cabanagem, pois elas coexistem tanto na academia como no Ensino de História.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE HISTÓRIA DA CABANAGEM: O LIVRO DIDÁTICO EM FOCO

2.1 AS REPRESENTAÇÕES DA CABANAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Esse capítulo visa analisar as representações da Cabanagem nos livros didáticos do Ensino Fundamental. Sabe-se que a construção de um fato histórico é mediatizada pelo presente do historiador. Logo, a História é um conhecimento construído ao longo do tempo e que se altera em função dos desafios do presente. Nesse sentido, compreender quais os discursos e imagens expressos pelos livros didáticos do ensino fundamental e as disputas em torno da representação de História acerca da Cabanagem; é o desafio que enfrentamos.

A memória social da Cabanagem está presente não só nos registros históricos como também na representação do caboclo amazônico, sobretudo, no paraense. Nesse sentido, é de fundamental importância compreender a percepção e representação dos alunos sobre esse movimento. É inegável que o conhecimento acerca da Cabanagem venha sofrendo alterações, pois o próprio ensino de História ao longo destas décadas ganhou outros contornos. A fecundidade da História está justamente na sua capacidade de reinterpretar acontecimentos do passado segundo as necessidades do presente.

Para Stuart Hall a representação é um processo pelo qual o sujeito atribui significado, esses significados são compartilhados dentro de uma mesma cultura. “Significar é representar para outras pessoas nossas crenças, concepções, ideias, sentimentos para isso é usado signos, símbolos sonoro, escrito imagético” (HALL, 2016, p 18). As representações produziram uma variedade de significados, ou seja, o fato da Cabanagem (1835-1840) ser um acontecimento rico em significado.

Entre os fatores que levaram a Cabanagem a adquirir importância não só para História do Pará, mas também para História do Brasil está no fato de ter sido um movimento múltiplo e heterogêneo. Isto se refere tanto em relação a sua composição social, étnico-religiosa, quanto às interpretações, versões, visões e representações sobre o cenário de sua época. Portanto, um fato histórico que pode ser constituído de diferentes perspectivas.

Este capítulo trata da constituição das imagens dos cabanos nos livros didáticos. Identificamos as representações de Cabanagem estão prevalecendo a partir de uma reflexão acerca do livro didático de história mostraremos quais as construções que permanecem vivas e como é arquitetada tanto a imagem do cabano como a da Cabanagem como o discurso contido neste material tão imprescindível e polêmico. Recorre-se também ao Parâmetro Curricular Nacional de História (PCN's), além do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e o manual do professor, uma vez que tais documentos são importantes na medida em que orientam e normatizam o ensino de História. Estes são lugares de memória. Ora silencia, ora deixa falar os atores sociais envolvidos nas tramas. A memória é permeada por embates em seu interior, ela é sempre uma construção de determinado grupo social. Deve-se também inferir que o livro didático é local de construções de discursos imagéticos.

Certamente, os livros fixam uma memória e também a ideologia do grupo dominante; eles criam heróis e vilões, amigos e inimigos, qualificam e desqualificam atos e ações dos grupos contrários aos seus valores, o livro tem que ser analisado como um local de disputa pela memória. Segundo Apple:

São os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo e considerando que são os textos destes livros que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida (APPLE, 1995, p. 81, 82).

Os livros didáticos podem ser analisados como um monumento/documento, porque segundo a concepção de Jacques Le Goff é monumento/documento, pois está inserido em um universo complexo de relações políticas, econômicas, ideológicas e culturais, e tais relações cristalizam o discurso e a memória. Em De Decca: “Esse discurso como exercício efetivo do poder político, além de periodizar a história define o lugar onde ela deve ser lida – o passado memorizado” (DE DECCA, 1981, p.73). Tudo isso faz do livro didático um rico material de pesquisa, uma fonte a partir qual podemos dizer que a História fala da história, ou melhor, a História sob a ótica de editoras, editores, governos, parâmetros curriculares nacionais, enfim, sobre as intenções declaradas e as intenções implícitas neles.

Os livros didáticos são uns dos elementos que formam as concepções dos alunos, porque são por meio deles que os estudantes têm o primeiro contato com os textos históricos, documentos históricos, iconografia histórica. O livro didático constrói a História pelos olhos da classe dominante, ocultando o outro lado da História, ou seja, a História das classes

subalternas como se elas não tivessem tido nenhuma importância ou participação na formação dos processos históricos.

Certamente, trata-se de uma História a serviço e a favor das classes dominantes, factual, linear, acrítica, sem conexão com o presente, hoje já se observa algumas mudanças nessa realidade, sem inserir os alunos de História às coisas do passado. Ocupam uma função ideológica dentro da estratégia do poder e da ordem vigente, mantendo assim o *status quo* da sociedade que reflete os interesses das classes que detêm poder.

Ora, a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas, étnicas ou fundamentalistas (...). O passado é um elemento essencial, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo (HOBSBAWM, 1998, p 17).

O passado é manipulado de acordo com as necessidades dos grupos dominantes do presente. Nesse sentido é preciso pensar nos aspectos pedagógicos e didáticos do livro, mas também nos aspectos ideológicos e dos valores explícitos ou implícitos presentes no livro contribuem para manutenção de determinada visão de mundo. O conteúdo dos livros didáticos é composto de ideias as quais são introduzidas no meio social através dos alunos, pois essa é uma parcela da sociedade que está em formação. Segundo Chauí:

Essas ideias ou representação, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia (CHAUI, 1990, p.21).

Observamos constantemente as ideologias, assim como definiu a filósofa Marilena Chauí, presentes no ensino de História da Cabanagem, pois: “Por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas” (Ibid., p.21). O conhecimento produzido sobre a Cabanagem pelos historiadores, sociólogos, cientistas políticos, antropólogo, memorialistas e jornalistas, não escapa dela. O conhecimento sobre a Cabanagem ingressa nestas querelas, “Quase toda a ideologia se reduz a uma concepção distorcida desta história ou a uma abstração completa dela” (Idem).

Hoje as editoras ou autores de livros didáticos não têm mais uma construção da figura do cabano como facínora, sanguinolento, assassino dentre outros adjetivos do mesmo patamar. Mas, podem usar de outros artifícios para desqualificar o movimento. Isso é importante, porque faz imergir as narrativas do velho Barão de Guajará que tratou de

combater a Cabanagem através de sua produção intelectual. Os estudos sobre a Cabanagem em épocas do regime Civil-Militar (1964-85) em grande medida tentavam desqualificar ou amenizar o que ocorreu na província do Grão-Pará em 1835-1840.

Os livros didáticos são submetidos às intervenções editoriais, governamentais, não só no tocante à organização, formato, mas também quanto aos aspectos ideológicos. Por isso é importante analisar o que rege a construção do livro didático. Quais os procedimentos, métodos, e critérios adotados e que são utilizados pelos autores e editoras. Além de o Governo ser o principal comprador dos livros didáticos, os conteúdos históricos escolares seguem orientações curriculares oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e devem passar pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tais programas direcionam o que pode e deve compor um livro didático. Segundo Guimarães:

O Ensino de História nas últimas décadas do século XX se processaram em estreita relação com o universo da indústria cultural. As mudanças na produção do conhecimento chegam à escola básica e ao público em geral não só pelos novos currículos, mas, sobretudo, pelo material de difusão, produto dos meios de comunicação em massa: livro didático e paradidáticos, jornais, revistas, programa de tv, Filmes e outros. Assim, pensar o ensino de história e os materiais didáticos implica refletir sobre as relações entre indústria cultural, Estado, universidade e ensino fundamental e médio (GUIMARAES, 2003, p. 50).

Selva Guimarães Fonseca mostra que não é só o livro que é o difusor do conhecimento histórico, mas que o livro é produto da indústria cultural. Porém, “o livro didático de história em sintonia com os currículos, tornou-se o canal privilegiado para a difusão de determinados saberes históricos” (FONSECA, 1999, p.52). Ela acrescenta: “A indústria editorial brasileira graças à produção e à venda em massa de livros didáticos, subsidiada em grande parte pelo governo conseguiu se colocar entre as maiores do mundo” (Ibidem).

O livro didático de história comporta vários outros documentos na sua composição, ou seja, além do texto principal de cada unidade ou capítulo, traz em geral uma gama de fontes, seja ela de cunho textuais, iconográficas e midiático, além das diferentes linguagens escritas, textuais, visuais e imagéticas que podem propiciar uma “série de técnicas de aprendizagem” (BITTENCOURT, 2002, p.71).

Portanto, observamos que o livro didático é um local de memórias, ideologias e discursos os quais representam determinados valores de certos grupos. Por isso é preciso ter uma postura crítica e problematizar o conhecimento no livro didático. Dessa forma podemos desenvolver nos discentes uma capacidade crítica.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN's), PLANO NACIONAL LIVRO DO DIDÁTICO (PNLD) E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático de história é um universo complexo. Para auxiliar nossa análise é necessária uma reflexão sobre a relação do livro didático e a legislação que rege sua construção/produção. Neste viés estamos trabalhando dentre outras fontes com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de História, o edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)/2017, o Guia de Livros Didáticos do PNLD/2017 e para isso, recorreremos análise de dados, tais como, gráficos e tabelas fornecidas pelos governos.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ao longo dos vários anos se modifica, englobando outros setores da educação na tentativa de ter maior alcance, assim ele beneficiará as editoras as quais faziam grande pressão para o programa comprar o maior número de exemplares “O PNLD é direcionado à aquisição e à distribuição de livros aos alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio; como também para educação de jovens e adultos (EJA) e Programa Brasil Alfabetizado (PBA)”.

Dentro do campo de publicações cada vez mais controlado por conglomerados, a censura e o controle ideológico, tal como geralmente são concebidos, constituem um problema bem menor do que se poderia imaginar. Não é a uniformidade ideológica ou algum programa político que em última análise se faz responsável por muitas das ideias que finalmente são colocadas ou não à disposição do grande público. Em vez disso, o que importa é a lucratividade. Em última análise...se existe alguma censura, é a que se refere à possível lucratividade. Os livros que não são lucrativos não importam sobre qual assunto, são encarados de forma desfavorável (APPLE,1995, p.87).

O Governo Federal há décadas compra uma grande quantidade de livros didáticos de poucas editoras. A produção e distribuição dos materiais didáticos são de responsabilidade dessas editoras que monopolizam o lucrativo mercado. O PNLD é um programa que movimenta uma grande soma de recursos financeiros e alvo de muitas críticas.

As atuações dos programas de material didático destinam-se aos alunos e professores das escolas de educação básica pública. Além de incluir estudantes da educação de jovens e adultos (EJA). No tocante à extensão, são contemplados todos os Estados do Brasil de Norte ao Sul, os recursos destinados variam de região para região de forma heterogênea. A inclusão destes seguimentos da educação só aumenta os lucros das editoras que já são bem grandes.

Optamos por fazer análise dos programas os quais estão inseridos os livros didáticos, pois acredito ser impossível compreender o universo didático sem fazer estas relações. Além do mais, tais programas ajudaram a pensar além das relações livro didático - aluno, porque vejo toda a complexidade que está inserida. Observa-se também os mecanismos e procedimentos adotados pelas editoras brasileiras, sendo assim, esses programas ajudam a pensar o processo na sua totalidade.

Observa-se no Anexo C, tabela com os dados com as unidades federais contempladas pelo programa. O número de aluno beneficiados, escolas beneficiadas, os anos do ensino fundamental e médio, quantidade de exemplares e valores da aquisição. São dados relevantes para termos as dimensões das proporções do programa, a partir desses dados observamos a grandiosidade deste programa.

Essa tabela mostra quantas escolas são beneficiadas em um número de 1.421, o de alunos 111.434, de exemplares 201.731, são contemplados por estado. Ela também faz a relação entre a quantidade de exemplares e os valores da aquisição. No Pará o montante gasto pelo PNLD na compra de livros foi 2.810.841,88 reais, isso é alvo de muitas críticas, uma vez que poucas editoras dividem essa grande soma de recurso. Isso é gasto só nos anos finais do ensino fundamental que é o recorte da pesquisa juntando os anos iniciais e ensino médio a montante é 70.591.754,55 reais.

O PNLD é demasiadamente criticado, porque essa grande soma de recursos é dividida entre poucas editoras. Essas editoras monopolizam o mercado há décadas não dando espaços para outras editoras, além disso, essas editoras estão juntando-se em monopólio, o programa também é criticado pela ineficiência, uma vez que as editoras pegam a quantia em dinheiro, mas não cumprem os acordos, ou seja, não entregam os livros que se propõe.

Além disso, o PNLD é responsável de alimentar uma grande indústria de livros didáticos, uma indústria que tem um mercado garantido com uma pequena concorrência e um mercado crescente, além dos bons preços e pagamento garantido. A indústria dos livros didáticos produz em grande escala não se importando com alguns aspectos, pois o mercado é garantido e a concorrência é pequena.

A próxima tabela, disposta no Anexo D, refere-se ao número de exemplares de livros didáticos da disciplina História, pois essa tabela mostra os livros mais vendidos e consequentemente usados pelos alunos do Brasil. Não listaremos todos os livros, entretanto os cinco primeiros. Devemos lembrar que são em um total de 16 obras, todas com um número significativo de vendas. O curioso é que 12 obras venderam mais 150.000 exemplares. A mais

vendida obteve um total de 3.387.161 unidades vendidas, e a que ficou na última colocação segundo dados oficiais 59.150 unidades vendidas, um número significativo de exemplares comercializados.

A própria tabela mostra uma relativa disparidade entre os estados, observamos na tabela a distribuição dos livros didáticos entre todas as unidades federais. O Pará é um dos estados com uma alta soma de livros didáticos. Porém, não temos dados estatísticos dos órgãos municipais para saber quantos exemplares foram distribuídos no município de Parauapebas. Além do mais, as prefeituras têm autonomia de escolhas, isso também é alvo de crítica, porque pessoas ligadas às editoras são acusadas de fornecer vantagens a agentes públicos para escolherem suas obras.

Os valores são absolutos, a pesquisa é especificamente sobre o livro de História do 8º ano. Na tabela do Anexo D, seguem os dados específicos das coleções objeto de estudo, pois não optamos por estudar todos os livros didáticos de História, somente quatro coleções do 8º ano. É lá que encontraremos as imagens do cabano e Cabanagem. Abaixo seguem as principais obras didáticas de História em quantidade de exemplares vendido no Brasil.

Na tabela encontramos números referentes às coleções pesquisadas, História Sociedade e Cidadania tem um total de 3.387.162 exemplares, porém a quantia do 8º ano é de 798.121, sendo a primeira colocada nas vendas, tanto no geral como também de obras do 8º ano. Já o Projeto Araribá que é a segunda coleção mais vendida conta com uma tiragem no total de 1.781.362, no tocante ao 8º ano temos 273.634 livros.

Além destas, temos a obra Vontade de Saber vendendo um total de 1.162.10 livros e o 8º ano um número de 273.634, sendo a terceira coleção mais vendida. O Projeto Mosaico ocupando a 4º colocação com um total de 1.062.630, já o 8º ano é 229.059, e a 5º colocação é ocupada pela coleção Historiar com um total de 801.174 livros, já a tiragem de 8º ano desta coleção é 137.399 de livros. Essas são as cinco coleções mais vendidas do Brasil no ano de 2017.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa importante para quem pesquisa os livros didáticos. Ele tem como fundamental desígnio a distribuição de coleções de livros didáticos. Além do mais, o programa é executado em períodos de três anos rotativos, sendo assim, a cada ano o governo federal adquire e distribui obras para todos os alunos de um segmento.

O PNLD é o maior programa de fornecimento de material didático do Brasil e talvez do mundo, juntamente com os outros programas de distribuição de livro do Governo Federal e

atendem milhares de escolas e alunos, enriquecendo os donos de editoras. Até aqui mostramos a relevância desse programa para a compreensão dos mecanismos que forjam o livro didático, pois foi através deles que cheguei ao objetivo central deste capítulo.

A tabela em anexo mostra a quantidade de livros didáticos de História distribuídos entre os alunos brasileiros. Também mostra as cinco primeiras coleções, tendo como base a quantidade de livros vendidos. Não são apenas essas coleções de livros que são distribuídos, mas elas são as principais.

Pode-se interrogar, neste instante: o que esses milhares de alunos do Brasil a fora estão lendo? Sei que os livros seguem uma linha tradicional, os conteúdos encontrados nesta obra também são em grande medida encontrados, também, nos demais livros didáticos de História.

Os conteúdos seguem uma linha lógica, esses assuntos são importantes para os alunos terem uma compreensão mais geral dos processos. O PNLD vai mostrar como são gerenciados os conteúdos obras, além de dar outros detalhes dela, ou seja, é nele que encontramos muitas informações sobre eles, os conteúdos estão conectados com as outras partes do livro.

E no guia do PNLD que encontramos a resenhas das obras, os dados, a estrutura, a organização e também a composição do livro em si. Além disso, é ele que usaremos nas citações, segundo o guia do PNLD:

Cada volume do Livro do Estudante está organizado em oito módulos e capítulos, compostos por texto central, boxes e seções didáticas. Nas seções didáticas, contemplam-se várias propostas com finalidades distintas, sendo algumas fixas e outras eventuais, a saber: Atividades; Retome; Passo a passo; Trabalhando com Documentos; Lendo Imagem; Saber Fazer; Ponto de Encontro, Jeitos de Mudar o Mundo; Explore Também. Os boxes são diversificados se oferecem informações complementares ao longo dos capítulos, sendo denominados: Conheça Mais, Fique Ligado; Boxes de vocabulário ou explicações breves e Você precisa saber (PNLD, 2017, p.46).

São muitos os itens avaliados. As avaliações abordam uma gama de aspectos dos mais simples até os mais complexos. O interessante é que em questão da utilização das imagens algumas coleções foram bem conceituadas anteriormente. Consideramos que tal coleção não incorpora novas imagens, mas trabalha com que há de mais comum. Por exemplo, em relação à Cabanagem, a imagem reproduzida no livro é encontrada também em muitas outras obras didática a imagem que muitos alunos têm em mente.

Os aspectos gráficos foram bem conceituados nas quatro coleções analisadas. Na verdade nas aberturas de módulos e capítulos os autores sempre abrem com uma imagem,

porém no tocante à Cabanagem o autor não analisa, não tece comentário, não analisa nem nos aspectos mais simples, não contextualiza, não faz o debate. Segundo o PNLD:

Há seções de introdução à pesquisa documental e às próprias práticas de leitura, de compreensão e de análise de materiais diversos, distribuídas por toda a coleção. Nesse conjunto, possuem destaque as seções *Trabalhando com documentos* e *Lendo imagens*. Ambas oportunizam a mobilização de significativas noções conceituais e procedimentais (PNLD, 2017, p.48).

Isso em grande medida nem sempre ocorre; entretanto em relação à imagem de Alfredo Norfini isto não se efetiva. O autor não faz as devidas observações, ou melhor, não faz observação alguma trabalhando com documentos ou interpretando imagens. Não se aplica neste caso, além disso, a própria construção textual não valoriza a temática em questão, no caso a Cabanagem, da mesma maneira como outros temas não são bem explorados.

Tal observação é pertinente, mas essas questões não surgem só nas obras analisadas. Por que Balaiada e Sabinada são tratadas com menos ênfase do que a Farroupilha, enfatizada como uma Revolução? Outro programa importante são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). É aqui mais especificamente que é tratado o conteúdo que compõe os livros didáticos de História. Esse programa também é de suma importância para compreender as questões relacionadas ao livro didático.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (PCN's, 1997, p. 1).

Inferir-se que os parâmetros curriculares é uma matriz a qual vai nortear os livros didáticos. Esse é um de seus objetivos, pois se sabe que as obras didáticas são escritas no centro-sul do Brasil e temos muitas, diferenças, regionais, econômicas, culturais, políticas e religiosas, mas os PNLD e os PCNs como foram visto na citação acima tentar incluir a diversidade cultural. Os Parâmetros Curriculares Nacionais praticamente obrigam a inclusão de assuntos regionalizados, ainda que, não de forma abrangente e na maioria das vezes muito superficial.

O PNLD e o PCNs são escritos por um conjunto de profissionais de diversas áreas e regiões do país. Isso é válido uma vez que ele é uma tentativa de incluir as diversas realidades inseridas em um documento. Observamos uma relação entre os parâmetros e os materiais

didáticos, na verdade os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam a produção e faz muitas proposições acerca de assuntos relacionados ao próprio ensino de História.

Nota-se que muito do que é sugerido no PCNs é encontrado nos livros didáticos de História. Acredito que os autores são conhecedores do PCNs de História, porém nem todas as recomendações foram seguidas. Os PCNs até então não são seguidos completamente, entretanto, nem um autor o negligencia por completo também. Observa-se que os livros didáticos seguem o que foi proposto nos parâmetros.

Os PCNs são uma tentativa de organizar o trabalho do professor, além disso, guia e norteia seu procedimento. Também trabalhar na sistematização de conteúdos, metodologias, objetivos, avaliações, além de orientar e situar os professores nos principais debates e discussões vigentes. A base nacional não é uma imposição governamental, mas uma tentativa de estruturar o currículo e instituir um documento e não só fomentar uma discussão, mas também dialogar com os professores do Brasil de Norte a Sul.

Orientou estudos sobre a diversidade de vivências culturais, estimulou a preocupação com as diferentes linguagens. A investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais e da distinção entre a realidade e a representação da realidade expressa nas gravuras, desenhos, gráficos mapas, pinturas, esculturas, fotografias, filmes e discursos orais e escritos. Aperfeiçoou, então, métodos para extrair informações de diferentes naturezas dos vários registros humanos já produzidos, reconhecendo que a comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figura da musical e rítmica (PCNs, 1998, p. 32).

É por tudo isso que o PCNs de História é importante para o nosso trabalho. Não é possível uma pesquisa em livros didáticos sem analisar esse documento. Devido a sua coerência e contribuição na construção do conhecimento relativo ao ensino de História. Nos escritos do PCNs vemos também um pouco de Teoria da História e Metodologia da História, por exemplo, o “[...] trabalho com documentos históricos é um recurso didático que favorece o acesso dos alunos a inúmeras informações, interrogações, confrontações e construção de relações históricas” (PCN’s, 1998, p.30). Além disso, os autores comentam:

As pesquisas históricas desenvolvidas a partir de diversidade de documentos e da multiplicidade de linguagens têm aberto portas para o educador explorar diferentes fontes de informação como material didático e desenvolver métodos de ensino que, no tocante ao aluno, favorecem a aprendizagem de procedimentos de pesquisa, análise, confrontação, interpretação e organização de conhecimentos históricos escolares (PCN’s, 1998, p.33).

Tal relação é o que nos interessa. Essa citação resume nosso objetivo central neste capítulo. Partindo do pressuposto que o livro didático é composto por vários outros documentos, ou seja, ele é um documento no qual estão inseridos muitos outros documentos. Assim teremos muitas linguagens também, dentre elas está presente a linguagem imagética, uma vez que toda imagem é uma narrativa e ela pode representar aspectos da sociedade. Vamos analisar um documento contido no livro didático, observaremos a construção imagética feita da Cabanagem, exploraremos essa construção para desenvolver nos alunos as habilidades de análise e interpretação de imagens.

O livro didático, assim como a própria imagem do cabano contida nele, será tratado como documentos. Entendo o livro didático como um universo complexo permeado por relações políticas, culturais e econômicas.

Tanto o Plano Nacional do Livro Didático quanto o Parâmetro Curriculares Nacionais fazem uma discussão pertinente ao uso das imagens. Em cada capítulo dos livros de história encontramos imagens, pois os livros didáticos precisam ser algo atraente para as novas gerações, essa seja talvez a justificativa para o uso abundante delas. As coleções analisadas contêm muitas imagens e podemos afirmar que ele segue algumas recomendações tanto dos parâmetros curriculares quanto do PNDL, porém sabemos que o processo é bem mais complexo, vejamos o que argumenta Bittencourt:

Para entender o papel que o livro didático desempenha na vida escolar, não basta analisar a ideologia e as defasagens dos conteúdos em relação à produção acadêmica ou descobrir se o material é fiel ou não às propostas curriculares. Para entender um livro didático é preciso analisá-lo em todos os seus aspectos e contradições, inclusive no uso que se faz dele em sala de aula (BITTENCOURT, 1997, p.73).

Portanto, antes de utilizar a imagem como uma simples ilustração ou um apêndice de suas aulas, debates ou discussões, é preciso compreender a imagem no interior de alguns parâmetros teóricos. Pensá-las como parte integrante de um universo visual, compreender o real significado da iconografia em suas diferentes interpretações, para que se não cometa o erro de utilizar este conhecimento de forma equivocada, apenas descrevendo aquilo que está visível e reforçando o discurso construído pelo autor.

2.3. CARACTERIZAÇÃO INICIAL DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS

Nesta seção estudamos as principais obras didáticas, juntamente faremos uma breve análise histórica das editoras, pois acreditamos ser importante conhecê-las. Moderna, Saraiva,

FTD e Scipione são as maiores empresas do ramo de livro didático do Brasil. Para isso usaremos o trabalho de Célia Cristina de Figueiredo Cassiano “Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais”. Além disso, analisaremos as imagens contidas nos livros didático destas coleções.

A autora afirma como já foi mencionado o maior comprador de livros didáticos é o Governo Federal, mas o fato é que o mercado é monopolizado por poucas editoras, a autora faz críticas às políticas governamentais. Moderna, FTD, Saraiva e Scipione elas estão a décadas dominando esse mercado dos livros didáticos “referiram-se a livros didáticos, cujo segmento é o mais concentrado, ou seja, com o menor número de editoras (Ática, Scipione, FTD, Saraiva e Moderna)” (CASSIANO, 2005, p. 287).

A pesquisadora demonstra e nós confirmamos isso nos dados estatísticos, cedidos pelo Ministério da Educação que no Brasil essas poucas editoras dividem o mercado de livros didáticos. A grande concentração de livros didáticos vendidos por poucas editoras é reflexa de décadas de políticas governamentais que beneficiam tais editoras. Isso gera muitas críticas a essas editoras e também as políticas governamentais.

Imagem, representação e visão são palavras importantes para nosso estudo, uma vez que analisaremos as imagens das coleções para perceber quais as representações e visões de Cabanagem os autores possuem. Além disso, analisaremos como foram construídas essas representações e quais instrumentos foram usados e relacionados por isso se faz necessário refletir esses aspectos a luz dos textos produzidos pelos autores.

Entender a representação dos autores acerca da Cabanagem é fundamental, porque ela é manifestada no livro didático pode influenciar na construção da representação feita pelo aluno. Não há dúvida de que a visão que o discente possui de um fato sofre essa influências, os autores em sua construção textual e imagética do evento deixam transparecer nas entrelinhas suas inclinações, filiações teóricas e ideológicas.

A Cabanagem desde suas origens é passiva de muitas interpretações; também é fruto de muitas disputas ideológicas, cada autor constrói uma imagem da Cabanagem e do cabano segundo certas tendências teórico, metodológicas e ideológicas, esse é um dos fatores das multiplicidades de imagens sobre o movimento cabano no livro didático.

2.4 CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO HISTORIAR

Dentre as obras que analisaremos temos a Historiar da Editora Saraiva cujo fundação “A Saraiva e Cia. foi fundada por Joaquim Ignácio da Fonseca Saraiva, em 1910. Inicialmente como um pequeno comércio de livros usados, um sebo” (CASSIANO, 2005, p.293) em São Paulo, porém suas primeiras publicações se deram no ramo jurídico, mas em meados de 1938, passou a publicar livros didáticos, porém o sucesso só chegaria em 1970 com a publicação da coleção de livros didáticos de matemática de autoria do professor Scipione Di Pierro Netto. Essa é a gênese da Editora Saraiva a qual é responsável pela produção do livro Historiar.

Gilberto Contrim é um consagrado autor de livros didáticos e paradidáticos, possui Bacharelado e Licenciatura pela Universidade de São Paulo (USP), Jaime Rodrigues é Doutor em História Social do Trabalho e professor da USP. Eles são os principais responsáveis pela produção do livro didático Historiar. Porém não são os únicos, visto que o livro didático é produzido por muitos profissionais de diversas áreas.

A coleção organiza-se da seguinte forma citada no guia do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) “A estrutura organizacional da coleção dar-se-á a partir da ordem cronológica a qual integra cada capítulo referente à História da Europa, Brasil, América, África e Ásia, cujo seu objetivo primordial é a formação cidadã.” (PNLD, 2017, p.39). Segundo seus autores o conteúdo vota-se para uma cultura política democrática e plural.

O livro didático Historiar foi a 5º coleção mais vendida do Brasil com uma tiragem de 802.674 livros. Não há dados de quantas unidades deles chegaram ao Pará, pois as coleções são escolhidas de acordo com critérios próprios de cada município. O critério de escolha escolhem variam muito, no município de Parauapebas foi escolhida também outras coleções. Porém, não sabemos quais os municípios paraenses que optaram pelo referido livro.

8º ano (240 páginas). Unidade I – Do súdito ao cidadão: Antigo Regime e Revolução Inglesa. Era do Iluminismo. Industrialização e trabalho. Formação dos Estados Unidos. Revolução Francesa. Época Napoleônica. II – As independências na América Latina: independência na América. Independência do Brasil. III – O domínio das grandes potências: Estados Unidos no século XIX. Imperialismo na África e Ásia. IV – Brasil Império: Primeiro Reinado. Período Regencial. Segundo Reinado. Crise do Império (PNLD, 2017, p. 40).

As quatro unidades visto acima citado no PNLD contemplam os principais assuntos do 8º ano do ensino fundamental. As unidades estão divididas em capítulos sendo a primeira contendo seis capítulos, os quais tratam das transformações que o mundo passou na transição

Antigo Regime ao Contemporâneo. Nele são contemplados assuntos importantes, eles mostram as transformações políticas, econômicas e culturais as quais garantiram direitos a uma parcela da sociedade.

A segunda unidade tem dois capítulos que tratam especificamente da história da América. Nele é debatido o processo de independência dos países latino americano e do Brasil, assim como os outros autores eles também não relacionam os processos de independência do Brasil com os demais países do continente.

A terceira unidade encontram-se três capítulos e a quarta abrange quatro capítulos, além de um projeto denominado caminhos da cidadania. É nela que está inserido nosso objeto de apreciação. Os autores fazem um panorama do Brasil Império, passando pelas principais fases até seu declínio. Portanto, os 15 capítulos estão bem relacionados, abordam os principais temas do ensino de História desta série.

Cotrim e Rodrigues trazem nesta coleção itens importantes como: Abertura do capítulo; conversando, textos e imagens, ler e compreender documentos, para entender, de volta ao presente, outras histórias, painel, oficina de história, refletir e ampliar, integrar com, para saber mais e projeto temático. Em cada um desses itens os autores procuram organizar e promover o conhecimento histórico.

Cada item é uma tentativa de inovação, dialogo, além de ajudar os alunos a desenvolverem algum tipo de habilidade e competência. Eles são pensados para integrar as unidades e capítulo, além de debater os principais conceitos relacionados aos assuntos.

Além disso, o livro Historiar apresenta imagens as quais contém legendas, todavia algumas delas não são problematizadas. Estão contidos nos itens reportagens, mapas, documentos históricos, gráficos, fotografias e tabelas.

Os autores debatem temas relacionados à alimentação, arquitetura, meio ambiente, religião, tecnologia e propõe uma oficina para que os discentes possam refletir ampliar e integrar os conhecimentos históricos de forma significativa.

O capítulo 13 possui o título Período Regencial; entretanto no subtítulo observamos a representação dos autores acerca do ocorrido no extremo-norte do recém unificado Império brasileiro, Revoltas provinciais na página 198 que se localiza nosso objeto. Grão-Pará, a Cabanagem é assim que os autores abordaram esse tema. Eles abordam também os outros movimentos, a Revolta dos Malês, a Farroupilha, a Sabinada e a Balaiada.

O livro Historiar consta com um manual do professor onde constam sete blocos, os quais estão divididos em Pressupostos: conhecimento e ofício: Diálogo passado e presente.

Campo ampliado: novas fontes e novos interesses. O passado: um campo de interpretações. Campo fértil de conhecimentos e Integração entre ensino e pesquisa.

No bloco seguinte temos Aula, livro e ensino. O livro como recurso didático. Cidadania e livro didático. No terceiro bloco, organização da obra: propostas da coleção. Os volumes da coleção. Os capítulos e suas seções. Os projetos temáticos. Além disso, encontram-se no quarto bloco Interdisciplinaridade, mapas, iconografia e leitura de imagens, literatura, memória oral, filmes e espaço social.

Igualmente na quinta parte temos africanos, afro-brasileiros e indígenas. África e afrodescendentes. Os povos indígenas e leitura para o professor e outras indicações. Já a sexta parte encontramos a avaliação pedagógica e finalizando orientações específicas para o 8º ano e bibliografia. Como observamos são muitas as orientações para nortear o trabalho professor, é fato que o manual ajuda na aula, pois sua proposta é essa, ele segue a logica organizacional do livro.

O manual do professor traz textos de suporte, para o professor pensar questões referentes à teoria, epistemologia e metodologia da história, além de textos sobre a construção do conhecimento histórico e a própria história como conhecimento científico. Os autores problematizam o conceito de fonte histórica e mostram sua diversidade, além de relacionar pesquisa e ensino.

Essa seção do livro didático aborda temas relevantes para o professor, nela Contrim e Rodrigues explicam a proposta do livro Historiar, além das estruturas dos volumes, como usar o livro como recurso didático. Também, temos uma tentativa de articular entre si as varias formas e dimensão da aprendizagem, eles expõe minuciosamente a estrutura dos capítulos e os temas interdisciplinares, são criados quadros pontuado temas que podem ser trabalhado interdisciplinarmente.

Ainda, nesta parte alguns itens são apresentados na tentativa de dar suporte ao professor para trabalhar de forma melhor cada aspecto dos capítulos. Em iconografia e leituras de imagens, os autores de certa forma problematizam os usos das imagens, eles afirmam “as imagens foram utilizadas pelos historiadores como meras ilustrações ou elementos comprobatórios” (COTRIM; RODRIGUES, 2015. p 257). Porém eles afirmaram que a partir do século XX haverá uma mudança na concepção de conhecimento histórico, então as imagens passaram ter status de fonte.

Essa crítica é bastante comum, pois elas já foram feitas antes, todavia ele discorre afirmando que os recursos iconográficos são bastante variados e exemplifica pintura, gravura,

escultura e para trabalhar esses recursos os professores têm que possuir determinadas habilidades tais como “exercício do olhar, que envolve observar, identificar e compreender o significado das imagens” (Ibid., p 257).

Cotrim e Rodrigues fazem uma afirmação relevante para o nosso trabalho “Há um ponto comum entre a documentação iconográfica e a escrita: ambas são, fundamentalmente, representações da realidade, ou seja, expressão uma visão dos eventos históricos” (Idem).

Cotrim e Rodrigues usam uma imagem para representar a Cabanagem a qual vai focar na extrema pobreza dos participantes deste movimento, é notória essa característica dos integrantes, talvez ela seja a marca mais evidenciada pelos autores tanto no texto escrito quanto na própria imagem. Podemos afirmar que ela é o que temos em comum entre a massa de integrantes do movimento cabano. “os revoltosos eram homens e mulheres pobres, negros indígenas e mestiços que extraíam produtos da floresta e viviam em casa simples, como a cabana à beira do rio” (Idem).

Os autores foram coerentes, no tocante as construções textuais e imagéticas do movimento cabano, visto que tanto na construção textual e também na imagética, eles querem evidenciar uma característica à pobreza. A imagem é importante, porque ela tenta fazer uma representação da realidade, a qual possui lacunas, ausência, implicações ideológicas, além de ser uma escolha do seu autor.

Os autores utilizam o adjetivo revoltoso, logo eles creem que a Cabanagem é uma Revolta. Os autores não problematizam os conceitos de Revolta e Revolução, mas o movimento do sul do Brasil eles caracterizam como uma Revolução. Isso confirma que o livro didático é um espaço de disputa de memória.

Além disso, os livros didáticos são espaços de relação entre História e memória, algumas vezes o que prevalece é uma memória tradicional, isso influencia na representação do movimento cabano. A imagem usada para representar o movimento cabano mostrar o que os autores inferem do movimento.

2.5 A IMAGEM DA CABANAGEM NA COLEÇÃO HISTORIAR

A imagem a seguir relaciona-se com o texto, em sua legenda temos a identificação, essa pequena descrição traz elementos importantes para entender aspectos importantes. Os autores concluem que a condição dos cabanos é de extrema miséria, exclusão social da maior parte dos cabanos, as habitações é a manifestação da pobreza.

Além disso, a imagem retrata as condições materiais que afligiam a grande maioria dos cabanos. A miséria material representada na imagem relata a vida dura do cabano no interior da província do Grão-Pará. Os autores querem enfatizar essa característica, porém eles não usam a figura humana como outros autores, mas sim as condições materiais as quais deixam claro o que os autores querem passar.

Figura 1 - Imagem “Breves, às margens do rio Pará”.



Fonte: COTRIM; RODRIGUES, 2015, p 257.

Como observou Sandri em seu artigo *Decifra-me ou Devoro-te: limites e possibilidades do uso da iconografia*, a iconografia é representação, logo ela é usada para manifestar uma determinada visão do fato histórico. É a partir destas análises que compreenderemos a relação entre representação e a imagem que os autores têm do movimento cabano. “A iconografia é fonte privilegiada para tradução de representações do mundo, pois é dotada de conteúdos epistemológicos, simbólicos e estéticos, o que dá o acesso a significados de uma época e de um povo” (SANDRI, 2010, p. 2.).

A autora Sandra Maria relaciona imagem e representação, a Cabanagem foi representada segundo a concepção dos autores, a imagem que os autores escolheram para representar a Cabanagem é muito significativa, pois representa as moradias de parte dos participantes do movimento cabano e o que vai denominar o movimento. “Imagem do passado ou do presente é sempre uma representação da realidade, não ela propriamente” (SANDRI, 2010, p. 9).

Como possibilidade, a iconografia, em especial para o uso da história, é uma fonte que traduz uma representação do mundo, por estabelecer uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, bem como por revelar o imaginário que reproduz, podendo ser captado pela leitura que dela se faz (Idem) .

“Como documento, as imagens revelam desejos, anseios, valores, sentimentos, e representações que os homens fazem de si, do outro e do mundo” (Idem). Assim como as palavras, as imagens são formas de representação do mundo que fazem parte do imaginário de povos, dos atores que as produzem e dos que são reproduzidos. A imagem representa as habitações dos cabanos, esses casebres estão espalhados nas margens dos rios por toda a região Amazônica. A imagem em questão é representação de um casebre na ilha de Marajó. Entretanto em 1842 essas pequenas moradias típicas da população pobre da província eram parte permanente da paisagem. Elas estavam por toda a região Marajoara.

2.6 A CARACTERIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO PROJETO ARARIBÁ

Outra obra analisada é o Projeto Araribá da Editora Moderna. A Editora Moderna foi criada por três professores em 1968, inicialmente suas publicações eram restritas as áreas de Química e Desenho Geométrico, “Durante o governo militar, duas outras editoras, que viriam a ter projeção nacional, foram fundadas: a Editora Moderna e a Atual. A primeira foi criada em 22/10/1968 pelos professores Ricardo Feltre, Carlos Marmo e Setsuo Yoshinaga” (CASSIANO, 2005, p.298), porém Ricardo Feltre seria o mais importante dos autores.

A segunda coleção mais vendida é a obra da Editora Moderna denominada Projeto Araribá cuja organização, produção e desenvolvimento são coletivos, porém temos como editora responsável Maria Raquel Apolinário. Ela possui graduação em História pela

universidade de São Paulo (USP), já exercer a docência a mais de 12 anos nas redes estadual e municipal de ensino.

A obra é composta por nove unidades que por sua vez é subdividida em entre quatro e cinco temas em um total de trinta e sete temas. A divisão das 240 pagina do livro didático abarcam os principais assuntos do 8º ano do ensino fundamental, vemos abaixo uma citação de como é estruturado as unidades do Projeto Araribá.

8º ano (240 páginas). Aprenda a fazer. Unidade I: A expansão da América portuguesa. II: A mineração no Brasil colonial. III: A Revolução Industrial na Inglaterra. IV: A independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa. V: A era de Napoleão e as independências na América. VI: A independência do Brasil e o Primeiro Reinado. VII: Revoluções e novas teorias políticas na Europa. VIII: Brasil: da Regência ao Segundo Reinado. IX: A expansão dos Estados Unidos no século XIX.

Essas unidades trazem temas os quais fecham tópicos importantes para a compreensão dos assuntos, ou seja, as unidades trazem temas interligados que estão relacionados entre si. Na unidade I temos os seguintes temas: A pecuária e a expansão para o interior, as missões jesuíticas, a conquista do sertão e a crise no Império e as rebeliões na colônia.

Na unidade II encontramos: A exploração de ouro e diamante, os caminhos para as minas e a sociedade mineira. Já na terceira unidade III temos: O pioneirismo inglês, a Revolução Industrial, o cotidiano no mundo industrializado e as lutas operárias e organização sindical. A unidade IV é composta: O Iluminismo, a independência dos Estados Unidos, às vésperas da Revolução na França, a Revolução francesa e Mudanças trazidas pela Revolução.

Unidade V: Napoleão chega ao poder, o Império napoleônico, a independência do Haiti, as independências na América espanhola e indígenas e africanos na América independente. Unidade VI: O Brasil e a crise do antigo sistema colonial, a família real no Brasil, a independências do Brasil e o primeiro reinado.

As revoluções liberais na Europa, a unificação Italiana e Alemã e novas teorias políticas fazem parte da unidade VII. A unidade VIII organiza-se: O período regencial (1831-1840), o jovem D. Pedro II no trono do Brasil, a expansão cafeeira no Brasil, o fim da escravidão no Brasil e os imigrantes no Brasil. A última unidade IX contem os seguintes temas: A conquista do oeste, a guerra de secessão e tempos modernos.

Os capítulos e temas abrangem conteúdos e assuntos importantes referentes ao 8º ano do ensino fundamental, eles são recorrentes em outros livros didáticos também. É na unidade

VIII que encontramos o assunto de nossa pesquisa. As unidades e temas estão logicamente relacionados, eles seguem uma coerência temporal.

Os autores iniciam a unidade com uma indagação “Por que o período regencial é considerado o mais conturbado da história independente do Brasil”. (APOLINÁRIO, 2014, p. 188). A qual será respondida no decorrer da unidade, eles farão uma síntese do período, abordaram as Regências, a formação da Guarda Nacional, a Rebelião escrava Manoel Congo, As revoltas regências, A Revolta dos Malês, Guerra dos Farrapos e a Cabanagem.

Revolta e Rebelião são dois substantivos usados demasiadamente para caracterizar os fatos ocorridos no período regencial, logo notamos o posicionamento dos autores, porém eles, assim como outros autores, atribuem valor de Revolução ao movimento do Rio Grande do Sul “(...) Revolução Farroupilha, liderada por ricos estancieiros”(APOLINÁRIO, 2014, p.191). Os substantivos não são problematizados, eles seguem uma linha interpretativa a qual deixa de lado as interpretações revisionistas.

É comum usar o termo Revolta, porém as novas abordagens problematizam esse termo ou até evitam. O que observamos a tendência dos principais autores de livro didático em generalizar, os fatos ocorridos no período regencial como Revolta ou Motim, ou seja, Balaiada, Sabinada e Cabanagem tivessem as mesmas características.

Os autores também usam uma imagem, para ajudar na compreensão do que foi a Cabanagem. Os autores destinam uma página para trabalhar esse assunto, é na página 192 que se encontra a gravura de Auguste François Biard (1798-1882),⁵ a qual originalmente chama-se *Case au rio Madeira*, todavia traduzido para o português “ A cabana no rio Madeiro” de 1862.

Auguste François Biard (1798-1882), francês de Lyon retratou a natureza de diversos lugares, chegou ao Brasil em meados de 1858 e ficou até 1859 neste um ano retratou a família imperial. Esteve além do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Belém e Manaus e depois fez uma expedição pelo Rio Madeira.

Essa expedição foi muito importante na sua produção, pois nela o pintor retratou uma variedade de paisagens, naturais, artificiais, fauna e flora. Auguste François Biard representou através de sua pintura, o cotidiano amazônico outro tema que François representou foi a botânica, foram inúmeras espécies de plantas detalhadas minuciosamente. O humano também é um tema central de suas pinturas.

⁵ Sobre Auguste François Biard. Ver: Biard, Auguste François. Dois anos no Brasil / Auguste François Biard. – Brasília: Sena do Federal, Conselho Editorial, 2004.

O gênero humano foi pintado em sua diversidade, foram muitas as cenas que retratam o homem inserido na Amazônia, índios, caboclos e portugueses são os mais representados. As etnias Muras, Mundurucus e Araras onde estas duas primeiras etnias travaram um grande duelo no período da Cabanagem. Mura e Mundurucu estavam em lados opostos e foram responsáveis por conflitos violentíssimos, mesmo após o término da Cabanagem.

O caboclo amazônico é retratado em um cenário hostil, selvagem, inóspito e repleto de adversidades. François, talvez seja um dos pintores que mais contribuíram para o acervo amazônico do período da Cabanagem, porém ele não é o mais popular. Auguste François Biard tem uma vantagem em relação aos demais pintores que retrataram a Cabanagem, ele esteve nos locais pintados.

Além do mais, o caboclo que podemos associar com os cabanos são representados sem idealização, seus costumes rústicos são retardados constantemente, os hábitos alimentares e outras necessidades humanas são pintados naturalmente. Os cabanos são retratados em um mundo de privações e dificuldades naturais. As representações feitas pelo autor mostram as privações e dificuldades impostas pela natureza.

2.7 A IMAGEM DA CABANAGEM NA COLEÇÃO PROJETO ARARIBÁ

O Projeto Araribá traz a seguinte descrição como legenda da imagem usada para representar o movimento cabano. “Cabana no Rio Madeiro, 1862. Grande parte da população pobre da província do Grão-Pará morava em cabanas como essa, à beira dos rios ou igarapés.” (APOLINÁRIO, 2014, p.192). Acreditamos que, os autores querem evidenciar algumas características do movimento, como a pobreza material a qual grande parte dos cabanos estava sujeita, essa imagem é sem dúvida muito significativa, uma vez que ela caracteriza e representa o movimento na visão dos autores.

Sandri afirma que “a iconografia é fonte privilegiada para tradução de representações do mundo, pois é dotado de conteúdos epistemológicos, simbólicos e estéticos, o que dá o acesso a significados de uma época e de um povo” (SANDRI, 2010, p. 2). Observamos essas características na representam da Cabanagem feita por François Biard, traduzir as representações do mundo amazônico.

Figura 2 - Imagem “Casa no Rio Madeira” encontrada no livro



Fonte: APOLINÁRIO, Maria Raquel, 2014, p 129.

A representação feita pelo francês destaca uma habitação típica da região, nela observamos uma cabana rustica feita de resto de madeira, telhado de palha, e dois homens dialogando, um sentado e outro de pé, o que está de pé possui uma bengala. O interessante é a vastidão, o cenário é repleto de floresta. Não observamos outras habitações, mas a imensidão do território amazônico, o autor demonstra a relação homem natureza.

2.8 A CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA

O livro didático mais vendido no Brasil foi História Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior. Foram vendidos no ano de 2017, 3.387.162 livros didáticos de história colocando a Editora FTD como uma das maiores do Brasil.

Dentre as editoras pesquisadas, a mais antiga é a FTD, cuja primeira publicação no Brasil foi em 1902, em função da atuação dos irmãos maristas na área da educação no país. Iniciada na França, em 1817, pelo Padre Marcelino Champagnat, a Congregação dos Irmãos Maristas já estava no Brasil desde outubro de 1897, onde fundou várias instituições educacionais. Segundo Megale (2003), o Irmão Isidoro Dumont, que é considerado o fundador da editora marista no Brasil, sucedeu ao Irmão Andrônico, autor do primeiro livro da FTD, na direção do Colégio do Carmo, fundado em 1899. Como as publicações tinham autoria dos irmãos maristas, que não

queriam seus nomes discriminados, apenas o logotipo da Congregação com a sigla FTD aparecia nas capas (CASSIANO, 2005, p 293).

Porém, até 1930 as obras usadas no Brasil eram impressas na França, foi na década 1960 que ela terá sua constituição como editora. FTD são as iniciais de Frère Théophile Durand, ela teve grande destaque com edição de livros didáticos de matemáticas, foram eles que deram notoriedade a essa editora.

Alfredo Boulos Júnior é Mestre em História social pela Universidade de São Paulo e Doutor em Educação pela Pontífice Universidade Católica de São Paulo(PUC-SP), autor de livros didáticos, paradidáticos e material didático, artigos acadêmicos, coordena grupos de pesquisa ligado ao ensino de História, além da autoria de duas coleções a saber; construindo a Nossa Memória e o Sabor da História.

O autor transita tanto no meio acadêmico quanto na produção didática. Ele tem conhecimento dos procedimentos técnicos, metodológicos e teóricos da história. Sua tese de doutorados “Imagens da África, dos africanos e seus descendentes em coleções de livros didáticos de História aprovados no PNLD de 2004”, aborda as interações entre esses grupos e o livro didático.

História Sociedade e Cidadania 8º ano é dividido em três unidades e dezesseis capítulos. A organização do livro é composta por itens, os itens os quais estão em todos os capítulos e unidades são eles: Abertura de Unidade, Abertura do Capítulo, Para Refletir, Para Saber Mais, Dialogando, Atividades, O Texto Como Fonte, A Imagem como Fonte, Livro, Sites e Filmes e Debatendo e Concluindo. Esses itens interferem no processo ensino aprendizagem, ou seja, eles são essenciais na construção do conhecimento dos alunos.

História Sociedade e Cidadania 8º ano em suas três unidades contém 320 paginas, além do manual do professor o qual possui 118 paginas é dividido em Metodologia da História e do Ensino e Aprendizagem, Cidadania e Movimentos Sociais, Seções do Livro e Partes Especificas.

O manual do professor é composto por subtítulos, temos Visão de Área, Correntes historiográfica, Pressupostos teóricos, Objetivos para o Ensino de História e Conceitos-Chaves da Área de História, todos ligados à metodologia da História. Já na secção ligada à metodologia de ensino-aprendizagem encontramos Conhecimento Histórico Escolar, a Nova Concepção de Documento, o Trabalho com Imagens Fixas, Cuidado ao Trabalhar com Imagens Fixas,

Além disso, o Trabalho com Imagens em Movimentos (o Cinema na Sala de Aula), o Cinema Serve ao Professor de História, Alguns Outros Cuidados, Sugestão de Leitura, o PISA e a competência Leitora, as Competências selecionadas, a Competências Selecionadas, a Contribuição da História para a Formação de Leitores e Escritores e Sugestões de Leitura.

Na seção Cidadania e Movimentos Sociais observamos a Luta pela inserção da África nos currículos, Por que Estudar a Temática Afro e a Temática a Indígena, Textos de Apoio á Implementação da Lei n. 11.645/2008- a Temática Afro, Sugestões de Livros, Sites e Filmes, Texto para a Implementação da Lei 11.645/2008-a Temática Indígena e Livros, Sites e Filmes sobre a Temática Indígena.

Além disso, temos as seções do Livro Páginas de Abertura de Unidade e de Capítulo, Corpo do Capítulo, Boxes, Dialogando, Atividades de Tipologia variada, o Texto como Fonte, Livros, Sites e Filmes e Orientação para Uso de Imagens da Internet, Também temos as partes específicas que ajudam o professor a organizar as aulas de acordo com as unidades e capítulos.

O autor tem interesse de proporcionar suporte teórico metodológico para o professor, o manual do professor é pensado com esses objetivos. Os textos do manual do professor são compostos por textos atuais que insere o professor nos principais debates teóricos e metodológicos, esses textos também trazem autores clássicos das principais correntes historiográficas. Sendo assim, o manual do professor tem uma grande conexão com o livro do aluno, além do mais ele norte o docente a trabalhar com a obra, tratar os assuntos e criar estratégias metodológicas.

As unidades são eixos temáticos as quais possuem atreladas a elas os capítulos, os capítulos estão relacionados diretamente com as unidades, essa articulação é observada em todo o livro didático. Essa articulação ajuda os discentes na compreensão dos assuntos mais relevantes do 8º ano. Portanto, observamos essa conexão abaixo:

8º ano (320 páginas). Unidade I - Dominação e Resistência: Africanos no Brasil: dominação e resistência. A marcha da colonização na América portuguesa. A sociedade mineradora. II - A Luta pela Cidadania: Revoluções na Inglaterra. O Iluminismo e a formação dos Estados Unidos. A Revolução Francesa. A Era Napoleônica. III - Terra e Liberdade: Independências: Haiti e América espanhola. A emancipação política do Brasil. O reinado de D. Pedro I: uma cidadania limitada. Regências: a unidade ameaçada. O reinado de D. Pedro II: modernização e imigração. Abolição e República. Estados Unidos e Europa no século XIX.(PNLD, 2017, p. 106).

Os conteúdos das obras analisadas possuem certas semelhanças, eles quando mudam são em alguns aspectos, porém as diferenças não são radicais. Na citação acima observamos os conteúdos do livro didático de história do 8º ano, ele também é encontrado com algumas poucas diferenças em outras obras didáticas. História Sociedade e Cidadania vai trazer temas, assuntos, ele parte de eixos temáticos para discutir os assuntos, assim até tenta inovar na construção do conhecimento didático.

Os elaboradores do PNLD tecem o seguinte acerca de História Sociedade e Cidadania “Na coleção integram-se os conteúdos da História do Brasil e da História Geral, em uma perspectiva cronológica linear. Apresenta-se uma proposta pedagógica que privilegia a formação de sujeitos capazes de pensar historicamente e de desenvolver o senso crítico.” (PNLD, 2017, p.105). É comum em quase todas as obras analisadas, a formação do cidadão crítico, atuante e que pense historicamente.

Alfredo Boulos, assim como a maioria dos autores de livro didático não podem alterar muitos aspectos, nem incorporar muitos elementos novos, uma vez que as coleções seguem um determinado padrão.

Nossa análise vai focar na unidade III, especificamente no capítulo doze denominado de *Regência: a unidade ameaçada*, pois é neste capítulo que encontra-se inserido a discussão sobre Cabanagem que é nosso objeto de estudo. Nele constam além de construções textuais e imagéticas para representar os fatos. Além disso, analisaremos qual é a visão do autor acerca deste movimento.

O autor abre essa seção com uma imagem e partes do hino do Rio Grande do Sul, ele assim como outros autores valorizará o fato ocorrido nesse estado em detrimento dos outros. É comum os autores darem um destaque a Farroupilha e um maior espaço nos livros didáticos a esse movimento. Alfredo Boulos representa a Farroupilha como uma Revolução, não Rebelião ou Revolta como os outros movimentos, ele segue a corrente mais tradicional.

Boulos enfatiza a história política, ele descreve os principais fatores da Regência e sua própria formação, passando pelas fases regenciais “O período regencial foi relativamente curto: durou de 1831 a 1840; apesar disso, foi também um dos períodos mais agitados da nossa história. Naqueles nove anos ocorreram intensas disputas políticas.” (BOULOS JÚNIOR, 2015 p.202). Não podemos fugir da história política, neste período as relações realmente foram tensas, a política central era vista com muita desconfiança pelas oligarquias regionais.

A Regência na ótica de Boulos tem certa autonomia política, porém os embates entre o Governo central e as regiões distantes eram frequentes. Os grupos políticos travaram grandes embates, foi neste período que foi criado o ato institucional que deu essa autonomia. Criação das Assembleias Legislativas Provinciais, eleições, extinção do conselho de estados e substituição da Regência Trina pela Una foram prerrogativas do Ato Adicional.

Ao longo do capítulo temos o subtítulo onde o autor vai tratar especificamente dos choques entre as províncias e o governo central. As *Rebeliões Regenciais* trata da Balaiada, Cabanagem, Sabinada, Revolta dos Malês e Farroupilha. O autor usa vários termos tais como Agitações, Rebeliões, Revoltas e Revolução.

No período regencial ocorreram agitações de rua, revoltas escravas e rebeliões republicanas. Essas manifestações na província do Império estão relacionadas ao alto custo de vida nas cidades brasileiras, ao escravismo e ao autoritarismo dos regentes. Dispostos a mudar essa situação, pobres e ricos, peões e fazendeiros, indígenas, mestiços e negros e brancos se uniram para combater o governo central com sede no Rio de Janeiro. Mas, enquanto as elites provinciais lutavam pela autonomia das províncias, os oprimidos batalharam por liberdade e uma vida melhor (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 205).

Essa citação mostra o que será tratado, o primeiro movimento é a Cabanagem analisado. Boulos faz uma discussão interessante e diferente dos demais autores de livros didáticos analisado até agora, primeiramente faz uma localização geográfica do movimento cabano “Em 1835, quando se iniciou a Cabanagem, a província do Grão-Pará abrangia os atuais estados do Pará, Amapá, Rondônia e Amazonas” (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.206). Isso é um fato importante, pois houve muitas mudanças administrativas nestes estados.

Além disso, o autor traz dados importantes no tocante a população no período da Cabanagem “Índios 33.000, Negros 30.000, Mestiços 42.000 e Brancos 15.000” (FAZOLI, Filho, 1994, p.55). Essa soma daria um total de 120.000 pessoas, porém dentro desse universo temos muitos outros grupos étnicos.

Os paraenses eram sua maioria muito pobres: viviam da pesca, exploração da madeira, castanha-do-Pará, cacau, baunilha e ervas medicinais; trabalhavam no regime de escravidão ou por baixíssimos salários e moravam em cabanas erguidas sobre estacas às margens dos rios, por isso eram chamadas de cabanos (BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 206).

Alfredo Boulos Júnior evidencia uma das características marcantes dos integrantes do movimento que é a pobreza. Uma das causas mais forte da eclosão da Cabanagem foi à

pobreza a qual afligia grande parte da população da província do Grão-Pará. Escravidão e salários baixíssimos como o autor afirma somava-se a uma economia altamente inflacionada, isso agravava ainda mais a situação da maior parte da população.

Boulos em determinado momento de sua narrativa afirma que houve a instauração de uma República cabana “o governo central não aceitou a República paraense” (Ibid., p.207). Ele diferente de outros autores não caracteriza o movimento como uma Anarquia, Revolta, Motim ou outro adjetivo do gênero. Além disso, esse autor mostra as diferentes fases da Cabanagem.

A construção textual feita pelo autor é composta de fatos que levaram a eclosão da Cabanagem, também o desenvolvimento do governo cabano, além do seu fim. O processo exposto pelo autor aborda as reivindicações dos cabanos, suas lutas e seus governantes. Alfredo Boulos Júnior constrói uma narrativa da Cabanagem evidenciando a variedade humana a qual compunha o movimento.

A construção textual vai ao encontro com a imagética, imagem e texto estão conectados, a imagem usada pelo autor é a mais recente do que as encontradas nas outras obras. A imagem de Getúlio Delphim mostra o auge do conflito entre os cabanos e as forças do governo central.

2.9 A IMAGEM DO CABANO NA COLEÇÃO HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA

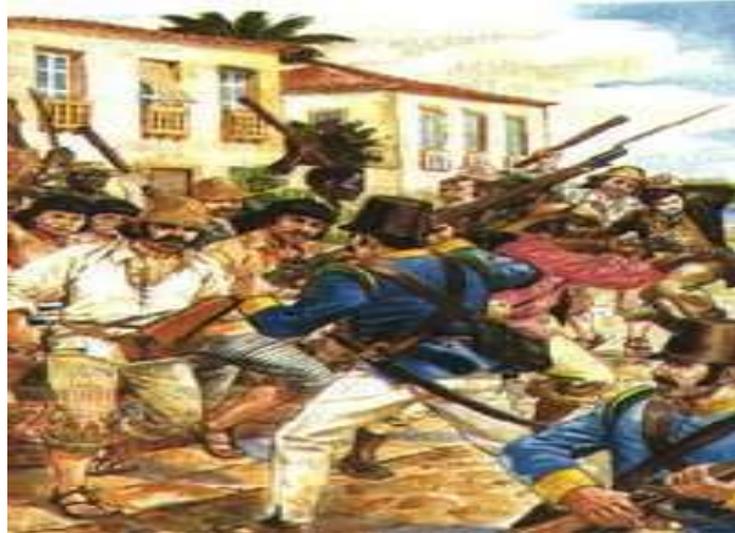
A imagem é na realidade um quadrinho feito pelo carioca Getulio Delphim. Ele é um quadrinista e ilustrado, iniciou sua carreira aos 15 anos, como desenhista fez ilustração para diversas revistas de história em quadrinhos. A imagem usada retrata o auge dos conflitos entre cabanos e os governistas.

A imagem retrata a luta dos cabanos, nela observamos armas, pessoas representando os dois lados. O conflito ocorre na rua, descalços de armas nas mãos os cabanos são representados em maior número, o autor destaca a diversidade dos grupos sociais envolvido neste conflito. Além disso, outro fato interessante são as expressões faciais principalmente dos cabanos, pois o que observamos é um sentimento de raiva.

A representação feita por Getulio Delphim sobre a Cabanagem é relevante, uma vez que mostra os embates entre os cabanos e as forças legalistas. Delphim representa a luta cabana, o lado cabano é heterogêneo, índios, negros e caboclos, armados de pau, facão e

outras armas. Nesta imagem, os legalistas estão em menor número, porém em superioridade no tocante ao armamento.

Figura 3 - Imagem do livro História Sociedade & Cidadania



Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 207.

A representação feita por Getulio Delphim retrata uma batalha de rua; Delphim mostra o auge do confronto, as forças legalistas estão uniformizadas, possuíam um melhor armamento segundo seu autor, o desenho é a concepção do seu autor do que foi a Cabanagem, essa imagem é a mais contemporânea de todas analisadas.

Portanto, Alfredo Boulos em sua narrativa textual evidência a luta, combate e conflito principalmente contra pobreza, são notórios em seu texto a luta contra a pobreza e espoliação da massa cabana. Índios, negros, mestiços e brancos empobrecidos estavam inseridos em um mundo de pobreza.

2.9.1 A CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO COLEÇÃO PROJETO MOSAICO

O livro didático que será analisado agora foi o usado pela turma do 8º ano da escola Terezinha de Jesus, logo será dada mais ênfase na sua análise. O Projeto Mosaico é produzido pela Editora Scipione. Ele foi uma das coleções mais vendidas ficando entre as cinco coleções com maior número de vendas.

A Editora Scipione atua como uma editora de livros didáticos, sendo uma das maiores neste ramo. A empresa foi fundada pelo professor Scipione Di Piero Netto em 1983 quando foi comprada pela Editora Ática. A Editora Scipione tinha um catálogo de mais ou menos cinco títulos e vendia 100 mil exemplares anualmente em média. Porém, em fins de 1999 foi vendida novamente, agora junto com a Editora Ática para um grupo francês Havas em associação com a Editora Abril. Desde sua fundação em 1980, a Scipione foi responsável por lançamentos de produtos que se tornaram referência no mercado educacional, Scipione e Ática foram editoras bastante atuantes no segmento de didáticos brasileiro.

Em setembro de 1983, a família Fernandes Dias, ou seja, os mesmos donos da Editora Ática adquiriram do Prof. Scipione Di Piero Netto a Editora Scipione. Nessa época, o catálogo desta editora contava com cinco títulos, tendo um volume de vendas de aproximadamente 100.000 exemplares por ano, sendo que, em 1984, com o lançamento das primeiras coleções voltadas para o ensino de 1ª à 4ª séries, alcançou a marca de 2 milhões de exemplares no mercado governamental. As editoras Ática e Scipione, apesar de pertencerem à mesma família, constituem duas empresas independentes, tendo instalações e administrações separadas. (CASSIANO, 2005, p. 295).

O autor de livros didáticos Cláudio Vicentino, conhecido e consagrado como um dos maiores autores de livros didáticos para os Ensinos Fundamental e Médio, juntamente com seu filho, José Bruno Vicentino, são responsáveis pela autoria do Projeto Mosaico. Temos outros profissionais os quais colaboram para edição de um livro didático, além deles temos profissionais de inúmeras áreas trabalhando para o sucesso da editora.

Cláudio Vicentino é um dos maiores escritores de livro didático do Brasil, seu filho Bruno Vicentino sem dúvida entrou neste ramo por influência do pai o qual viu que escrever livro didático no Brasil é algo muito rentável. Embora Cláudio Vicentino seja um dos autores com maior número de publicações e conseqüentemente mais lidos por nossos alunos e professores não encontramos muito a seu respeito. Fizemos uma breve pesquisa em portais de pesquisadores, mas não achamos nada de relevante, porém sabemos que é um autor que vem a décadas produzindo livros didáticos, podemos afirmar que ele é um grande conhecedor dos mecanismos e processo os quais estão inseridos a produção do livro didático.

O Projeto Mosaico é dividido em oito módulos, que por sua vez são divididos em 17 capítulos, entretanto cada módulo é composto por dois capítulos, com exceção do módulo 7 composto por três capítulos totalizando 320 páginas. Cada módulo contém em média 40 páginas, porém temos ainda o manual do professor, contando com 134 páginas. A obra também foi disponibilizada em mídia digital para o professor.

O Projeto Mosaico conta com itens que são interessantes e que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Tais itens são presentes nos módulos e, conseqüentemente em cada capítulo. São eles: você precisa saber - ao final de cada capítulo uma síntese dos principais tópicos estudados. Está dividida em o que você precisa saber e por que. Fique ligado - boxe em que se discutem alguns conceitos ou abordagens históricas. Conheça mais - boxe que apresenta aprofundamento e complemento de um tema ou capítulo. Passo a passo - é uma atividade especial que exercita a escrita de diferentes tipos de textos. Saber fazer - esta seção vai orientar você a desenvolver vários procedimentos que serão úteis em seus estudos de História e em outras disciplinas e aprendizados escolares. Ponto de encontro - essa seção valoriza a interdisciplinaridade, relacionado à História dos outros saberes, disciplinas e áreas do conhecimento. Ela aparece em momentos diferentes ao longo do volume.

Além destas, temos outras como: trabalhando com documentos - no final de todos os capítulos, essa seção permitirá a você conhecer e analisar os mais diferentes tipos de documentos históricos. Lendo imagem - seção que encerra cada módulo. Primeiro apresenta a análise de uma imagem. Na página seguinte, propõe uma imagem para você ler, seguindo etapas que vão ajudar pouco a pouco a desenvolver essa competência. Explore também - no final de cada volume traz dicas de filmes, livros, músicas e sites relacionados aos temas de cada capítulo, para você explorar e aprofundar seus estudos. Jeitos de mudar o mundo - a seção aparece duas vezes no volume. Estimula a discussão de direitos e questões importantes na atualidade e a prática cidadã.

Tudo isso faz do Projeto Mosaico 8º ano-Ensino Fundamental –Anos finais- História, sendo, em nosso entendimento, uma obra que atenderá a na medida do possível demanda e anseios de alunos e professores. Porém, em alguns pontos ele deixar a desejar como veremos ao longo deste capítulo. Na avaliação do Plano Nacional do Livro Didático:

A coleção toma como base uma organização curricular cronológica linear na apresentação dos conteúdos da disciplina escolar História. Os conteúdos abordam desde a origem da humanidade até a primeira década do século XXI, contemplando e alternando os processos históricos do Brasil com a História Geral. Como contempla amplo conjunto de conteúdos em seu texto principal, utiliza estratégias e recursos de retomada e de revisão nas atividades e nas seções (PNLD, 2017, p.45).

Os autores sabem que não podem fugir à regra. Vicentino conhece os procedimentos burocráticos; esses autores não podem inovar tanto, visto que os livros mantêm um padrão

religiosamente seguido pelos autores. Ele como poucos se adaptou para atender o mercado e principalmente ao governo. O livro tem como proposta a chamada História cronológica. Mas o mercado exige algumas mudanças, porque em grande medida, são demandas sociais, por exemplo, um bom livro didático tem que ser atraente para os alunos, ter um bom projeto gráfico. A sociedade é dinâmica, sendo assim o ensino de História não pode ser estático, o material didático segue essa mesma lógica.

Temos em todos os volumes, a coleção apresenta um importante diferencial no tratamento da história das mulheres, entendidas como protagonistas de lutas e de processos históricos. A obra ainda apresenta intenso trabalho pedagógico com documentos visuais e textuais, destacando o conjunto de informações constantes nos boxes complementares, especialmente Conheça Mais, Fique Ligado e as indicações procedimentais do boxe Passo a passo (PNLD, 2017, p.45).

Além disso, o livro Mosaico 8º ano - Ensino Fundamental- consagra um modelo tradicional, uma cronologia linear. Vejamos o que é mencionado sobre a estrutura organizacional do livro.

8º ano (320 páginas). Módulo I: Mundo Contemporâneo; a Era das Revoluções. II - Tempo de revoluções e rebeliões. III - A Era Napoleônica e a industrialização. IV - Independência na América ibérica. V - Os centros de poder no Século XIX. VI - África e Ásia: tempos da dominação colonial. VII - A consolidação do Brasil independente. VIII - Brasil e o fim da monarquia (PNLD, 2017, p.46.)

O Projeto Mosaico, assim como qualquer outro manual didático pode auxiliar o professor e é, sem dúvida, uma ferramenta útil. Temos um bom trabalho gráfico, todavia os autores seguem a evolução dos temas num ritmo cronológico. No que se referem às figuras observa-se que elas estão presentes em outros livros didáticos, a maior parte das figuras encontradas na obra já faz parte do universo didático há algum tempo. Há intenção, também de elencar uma série de capacidades e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, como a relação presente – passado, incluindo a possibilidade de compreensão das relações da História estudada com a história vivida no presente, problematizando questões importantes como cidadania, direitos das mulheres e, movimentos sociais em diferentes sociedades e épocas. Tais questões são conectadas ao cotidiano do aluno pois, segundo os autores, a relação com o presente é a chave atraente e importante para o trabalho em sala de aula.

Como afirma Rüsen (1997b, p. 85): “A questão se certos conteúdos históricos são adequados ou não para um livro didático, depende do grau em que contribuam para a

compreensão do presente e as oportunidades vitais das crianças e dos jovens”. Vicentino deixa claro sua proposta, que é a de apresentar conteúdos mais críticos e próximos da realidade, porém “não existe nenhuma coleção perfeita, suas apropriações e possibilidades de uso serão sempre abertas a muitas leituras possíveis, condizente com um país tão complexo e multicultural” (PNLD, 2017, p.9). Temos pontos fracos no livro, principalmente no que se refere ao período regencial como já foi mencionado.

Outro ponto importante refere-se às diferentes linguagens encontradas ao longo do livro didático. Isso faz com que os alunos tenham contato com uma variedade de linguagens. Sendo assim, eles logo notarão que não existe somente linguagem escrita ou falada; as imagens também podem ser lidas sob muitos aspectos.

Lendo imagem: a seção encerra cada módulo. Objetivo é promover a leitura de imagens variadas, incluindo reprodução de pinturas e objetos, como cerâmicas, esculturas, etc. É também um trabalho com documento, mas especificamente voltada para o imagético. Ele propõe a identificação análise e criação de hipóteses e/ou contextualização dos vestígios do passado, reproduzidos em imagens que privilegiem a riqueza dos detalhes (VICENTINO, 2016, p. 340).

O manual do professor está estruturado da seguinte forma: aos professores sobre a coleção, fundamentos da coleção, a estrutura e os quadros de conteúdo, sobre o 8º ano: comentários e sugestões, após verem os módulos com seus respectivos conteúdos.

No módulo 7, capítulo 14 os autores discutem o Período Regencial. Em um dos seus títulos os autores denominaram: “As Rebeliões Regenciais; o Império em risco”. Logo a seguir, em outro subtítulo intitula: “Revolta Rural dos Papaméis”, tal substantivo dá ideia de perturbação da ordem imperial. Vicentino desloca para o lado mais tradicional da historiografia e conseqüentemente acaba se afastando das novas abordagens. Isto ocorre porque ele considera como Revolução a farroupilha e não os demais movimentos. Ou seja, quais parâmetros foram utilizados para conceituar tal movimento como Revolução e a Balaiada e a Sabinada como Revolta? Ele poderia ao menos problematizar os conceitos e não deixar os demais movimentos tão relegados ao desmerecimento.

Na abertura do capítulo do livro didático “As Rebeliões regenciais: o Império em risco” nota-se uma batalha pela memória, até porque depois o autor grafará Revolta, Insurreição e Revolução. Aqui temos forças tencionando a todo o momento. O ensino de História é um campo de disputas no qual o livro didático contribui exponencialmente. No texto de Vicentino:

[Em] meio à instabilidade política do período regencial, eclodiram rebeliões em diversas províncias do Império. Os rebeldes se “insurgiram pelos mais variados motivos” (VICENTINO, 2016, p.244).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, todo material pode ser pedagógico a depender do uso que o professor fizer dele. É inegável a quantidade de recursos imagéticos presentes nos livros didáticos. O desafio aqui enfrentado trata-se de apreender como a Cabanagem (1835-1840) é representada nos livros didáticos de História, para colocar em questão as representações sobre a Cabanagem presentes no livro didático, além da tentativa de construir juntamente com os discentes, um conhecimento crítico.

O processo de construção do conhecimento histórico transforma-se; assim como o ensino de História também muda ao longo do tempo, pois de geração em geração mudam também os sujeitos sociais. Não podemos negar que o mundo não é o mesmo de décadas atrás, hoje o mundo está conectado, integrado, globalizado e podemos ter muito mais informação do que há duas décadas. Segundo a pesquisadora Selma Fonseca (2003), as transformações operadas no ensino de história nas últimas décadas do século XX aconteceram articuladas às mutações sociais, políticas e educacionais de uma forma mais dilatada, bem como aquelas advindas no interior dos espaços acadêmicos e escolares.

2.9.2 A IMAGEM DO CABANO NA COLEÇÃO MOSAÍCO

Foram trabalhadas algumas coleções de livros didáticos do 8º de História, porém na turma do 8º ano da escola Terezinha de Jesus a qual foi realizada a pesquisa trabalhamos especificamente com o livro da coleção Projeto Mosaico 8º ano. Nesta parte analisaremos como é construída a figura do cabano na referida obra, é chegada a hora mais importante deste capítulo que é a de analisar a imagem do cabano de, Alfredo Norfini⁶ (1867-1944) no livro didático.

Embora a introdução de gravura e mapas no Ensino de História, há cerca de um século, e a multiplicação de imagens apresentadas atualmente como material

⁶ Alfredo Norfini faz parte do conjunto de artistas europeus que imigram para a América Latina entre as últimas décadas do século XIX e início do XX. Uma de suas primeiras exposições no continente, é realizada em 1893 durante sua estada em Buenos Aires. Nessa mostra de aquarelas, revela a predileção pela técnica por meio da qual produz a maior parte de sua obra, embora também realize trabalhos a óleo. Apreciador das viagens, Norfini notabiliza-se no Brasil por suas cenas de gênero e paisagens, especialmente marinhas, luminosas e trabalhadas com rapidez. Preza a pincelada curta, em pequenos toques de cor, reservando o recurso da aguada para áreas de cor um pouco maiores da composição. (ALFREDO Norfini. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22260/alfredo-norfini>>. Acesso em: 29 de Out. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7).

didático mostrem a importância desse recurso na cultura escolar, a reflexão sobre o papel que efetivamente desempenham no processo de ensino e aprendizagem é escassa. As imagens são meros recursos para motivar e ilustrar o curso de História? (BITTENCOURT, 2013, p.70).

A autora afirma que não é de hoje a introdução de ilustrações, assim como mapas, fotos e até filmes no livro didático como recursos pedagógicos já no século XIX tínhamos litogravuras que representavam principalmente cenas históricas, porém, não se tem refletido significativamente os impactos delas no processo de ensino e aprendizagem. A pesquisadora constrói a tese de que as imagens, dentre outras funções, servem para “concretizar” noções abstratas, como no caso do tempo histórico.

Atualmente verifica-se um aumento significativo de trabalhos interessados em analisar as imagens no livro didático, porém, eles se restringem, basicamente, a trabalhar como é retratado os negros e índios no livro didático. Atualmente, diferente do passado, o uso da imagem no livro tem outras finalidades, até porque as novas gerações têm muito mais informações em um menor tempo.

“Ver as cenas históricas” era o objetivo fundamental que justificava, ou ainda justifica, a inclusão das imagens nos livros didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizam a noção altamente abstrata de tempo histórico (BITTENCOURT, 2013, p.70).

Para Bittencourt isso é um ponto que justifica a utilização de imagens no livro didático tanto no passado quanto no presente. Mas ela observa outros pontos que fazem das imagens um importante recurso pedagógico. Outra questão abordada pela autora é referente as questões ideológicas e estruturais as quais contribuem para o resultado final do trabalho.

Antes de analisar a obra vamos conhecer um pouco do autor, Alfredo Norfini: foi paisagista, pintor de gênero de naturezas-mortas e de figuras. Também foi desenhista e aquarelista. Italiano nascido em Florença chegou em 1898, ao Brasil morando primeiramente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, onde foi docente.

Iniciou os estudos artísticos em Florença com seu pai que foi pintor de histórias de batalhas e retratista. Além de seu pai, seu irmão também enveredou pelos caminhos artísticos, cursou a Real Academia de Belas Artes de Lucca, em Roma. Conclui a formação em 1892.

A imagem do *cabano Paraense* abaixo é a mais conhecida representação da Cabanagem “Imagens e signos visuais, mesmo quando carregam semelhança próxima às coisas a que fazem referência, continuam sendo signos: elas carregam sentido e, então, têm que ser interpretado”(HALL, 2016,p.39). Pensar no sentido desta representação não é tarefa

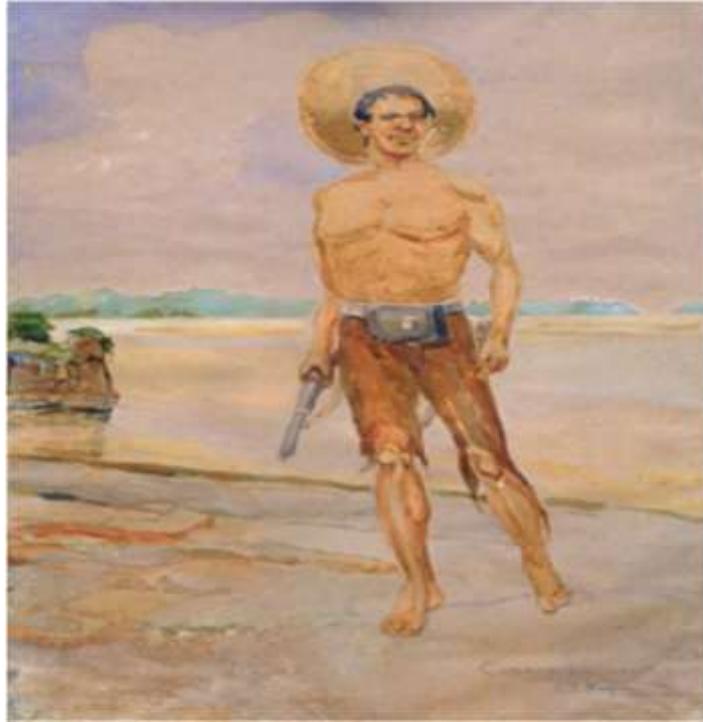
fácil, segundo Hall: “são os próprios sujeitos que atribuem sentido ao objeto, os sentidos atribuídos são tão fortes que com o passar do tempo se naturalizam” (HALL, 2016, 41).

São inúmeras as formas de construir os sentidos, porém devemos levar em conta a subjetividade do sujeito, seu meio social. Além disso, as representações são elementos essenciais da cultura, ou seja, eles são uma forma pela qual determinado grupo enxerga o mundo. Foi exatamente isso que aconteceu com essa representação feita por Norfini. Ele representou a Cabanagem de acordo com seus filtros culturais de sua época. “O sentido é, portanto construído no diálogo entre a pintura e o espectador.” (HALL, 2016,p.106).

Outro ponto importante é a discussão feita por Foucault (1926-1984), e problematizado por Stuart Hall acerca do sujeito da/na representação. “A representação e o sujeito são as mensagens por trás da pintura – o que ela quer dizer, seu subtexto.” (HALL, 104). As imagens possuem entrelinhas ele deixa pistas de como as representações e o sujeito se relacionam.

O *cabano paraense* é uma narrativa um discurso esse é permeado de representações e significados explícitos e implícitos. Ela é composta de uma parte visível e outra invisível, isso é a imagem possui ausências importantes para compreensão geral do que o autor quer passar. “O sentido da imagem argumenta Foucault, por meio dessa complexa interação entre *presença* (o que você vê, o visível) e ausência (o que você não pode vê, o que está deslocado) A representação funciona tanto no que *não* é mostrado, quanto no que é mostrado (HALL, 2016, p.105).

Figura 4 - Imagem “O Cabano Paraense” encontrada no livro



Fonte: VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. 2016. p, 247.

Em 1940, Alfredo Norfini pinta o quadro “O Cabano Paraense”, que se encontra hoje no Museu de Artes de Belém. A obra se integra às narrativas sobre a Cabanagem ao longo do século XX. Essa representação está presente no livro didático de História do Projeto Mosaico. As narrativas cientificistas do século XIX em grande medida estão em lados opostos, ou melhor, em dois extremos: o Romantismo e o Naturalismo.

Norfini elogiava os artistas paraenses; porém afirmava que faltava pintar temas mais regionais, ou seja, faltava o regionalismo em suas pinturas: “Norfini afirmava que o que faltava para os artistas brasileiros era serem regionais”. (RICCI, 2005, p.50-53). Logo ele tratou de pintar temáticas regionais, *O Cabano paraense 1940* não foi sua única pintura sobre a Cabanagem outra importante pintura é *Assalto Cabano ao trem de Guerra 1940* retratou uma das inúmeras batalhas que ocorreram ao longo dos cinco anos de Cabanagem.

Porém, nesta tela devemos observar assim como no *Cabano paraense* que Alfredo Norfini, na tentativa de representar a identidade regional, apagou toda a diversidade social do movimento cabano. O pintor usando de sua imaginação, cria uma imagem de um cabano sintético, uma vez que sua descrição representa homens de estatura média pardo, adulto,

vestido com calça rasgada na altura do joelho, sem camisa, chapéu de palha e armado de espingardas essa tela representa centenas de personagens com esse mesmo estereótipo.

Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e poder. No entanto, é preciso sondar mais profundamente a natureza deste. Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na representação; poder de marcar, atribuir e classificar; do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação” (HALL, 2016, p. 193).

Na verdade, essa imagem do cabano é um estereótipo segundo Stuart Hall os estereótipos produzem significado. Porque, Norfini reduz um movimento em um personagem, além de atribuir algumas características de um grupo, raça e região “[...] reducionistas e naturalizadores da estereotipagem, que reduz as pessoas as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p.190).

Esse autor afirma que “A estereotipagem enquanto prática de produção de significados é importante para a representação da diferença racial” (Ibid. p.190). Raiol, Norfini e Inglês de Sousa em suas representações da Cabanagem e do movimento cabano estereotiparam tanto o movimento quanto o cabano, uma vez que eles usam elementos para desqualificar inferiorizar o outro, no caso os cabanos. O cabano sai do padrão é excluído, colocado a margem é o anômalo, o interessante é que tais representações chegam aos alunos.

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o patológico, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencer” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro”(insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles (HALL, 2016, p.192)

Essa citação mostra claramente aspectos usados nas obras de Raiol, Norfini e Sousa, esses elementos criam discursos que estereotipam o movimento cabano. O fato interessante é que alguns aspectos apareceram nas representações de alguns alunos. Vários adjetivos citados acima são atribuídos ao cabano, essa desconstrução só é possível, pois questionamos dentre outros aspectos a construção das representações e dos efeitos causado por elas nos discursos produzidos socialmente.

Essa estereotipagem tem muitas funções, dentre elas produzem orientações principalmente de cunho político, ideológica e científica. Tal representação forja um discurso cientificista dominante o qual aplica o conceito de raça. Esse poder simbólico segrega, classifica, joga e desqualifica o outro sobrepondo uma cultura sobre outra.

A sua postura pode até mostra um homem destemido, de peito aberto pronto para o combate, mostrando firmeza e coragem, além da força e vitalidade. A imagem retrata o homem no ambiente natural forte, destemido corajoso e pronto para o embate. A força física extraordinária e resistência ao ambiente hostil do interior amazônico o qual forja homens fortes e rústicos.

Segundo Hall isso tudo gera uma “violência simbólica”, a criação de estereótipos foi um fato constante na história, temos inúmeros exemplos. Norfini também tinha suas concepções de Cabanagem, seus posicionamentos, desejos e vontades sintetizam sua obra. Ele participava de um determinado grupo cultural “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p.31).

Além disso, Stuart Hall afirma que “o processo de representação e permeado do uso da linguagem de signo e imagens” (Ibid., p.31) Esse foi o caso do *Cabano paraense* de Norfini, ele tentou produzir sentido através da sua arte para o movimento cabano. A linguagem imagética usada pelo pintor relaciona-se diretamente com a produção de conceito e significado do evento histórico.

No *Cabano Paraense* o pintor na tentativa de resgatar a identidade regional homogeneiza um movimento extremamente heterogêneo. O movimento cabano, enquanto movimento, perde sua pluralidade, diversidade e ganha uma forma reduzida e sintética. Mas seria quase impossível representar a Cabanagem em apenas uma pintura, visto que ela é composta por muitos grupos sociais, além disso, cada grupo atua de forma diferente em espaço diferente e tempo diferente.

Ao pensar o próprio termo “Cabanagem”, verifica-se que ele não contempla a diversidade social deste movimento até porque nem todos os participantes habitavam cabanas como observaram os primeiros autores que se debruçaram para entender esse movimento. Essas reflexões geralmente não chegam aos livros didáticos, pois observa-se não só na coleção que estudamos, mas em outros livros encontra-se generalizações e até erros no tocante a datas, região, causas e componentes.

O cabano paraense, pintado por Alfredo Norfini, não foge à regra. De um lado temos uma visão da manutenção de uma narrativa que romantiza os episódios históricos. Ela cria o espaço para uma ressignificação do quadro junto à memória histórica, transformam tais objetos em artefatos quase que sacralizando o fato. Por outro lado, temos o Naturalismo que, em oposição ao Romantismo; o pintor mostra o cabano como produto do meio, um ser beirando a animalidade, naturalidade e agressividade regionalista. Foi sob essa ótica que foi produzida um clássico da literatura paraense “A quadrilha de Jacó Patacho (1892)”, de Inglês de Sousa.

O Naturalismo, configurado como uma faceta do Realismo está presente na obra de Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), intitulada como: “A quadrilha de Jacó Patacho”.⁷ É uma obra que tem uma visão da Cabanagem na qual os cabanos são caracterizados como assassinos, facínoras, salteadores e até lascivos, ou seja, esse autor mostra uma visão carregada de elementos naturalistas. Estas características também são possíveis de serem observadas no quadro de Norfini.

A leitura dos sentidos e significados das imagens só é possível dentro de um contexto histórico-cultural particular, uma vez que é partindo desse pressuposto que os discentes tecerão suas representações que serão responsáveis pela atribuição de significados a partir de uma dada linguagem representacional, também construída historicamente e espacialmente. Assim sendo, a imagem não é um “sistema de significação”.

O terceiro capítulo trata da realização de uma oficina com os alunos, na qual mesmo os alunos não tendo o contato com as características do Naturalismo enquanto escola literária, pois o conhecimento trabalhado é referente ao ensino médio e foi observado, dentro do questionário aplicado, os alunos caracterizarem o quadro “O cabano paraense” com várias características naturalistas. Na obra de Inglês de Sousa os cabanos são desqualificados. Foram marcantes as comparações entre o quadro de Norfini e essa obra, mas analisaremos mais adiante essas comparações.

O processo de consolidação do Governo legalista e a liquidação do projeto cabano, prescindida de uma gama de agentes para cuidar da memória, história e imagem do evento que marcaria para sempre a região Norte do Brasil. Já foi discutido esse assunto no primeiro capítulo, mas aqui abordaremos outros aspectos importantes, historiadores, políticos, literários e pintores.

⁷ “A quadrilha de Jacó Patacho” é um dos contos que compõe a obra de Inglês de Sousa, também encontramos além dela “O Voluntário” e “o Acauã”, dentre outros contos. Ver: SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Os Pintores guardam e exaltar os fatos, além de cria-los, quando o fato foi consolidado por tais agentes. Aqui será analisado qual foi a contribuição dos pintores para a construção/criação da imagem do cabano. Embora nossa imagem seja construída/criada um século depois do fim da Cabanagem é importante analisar alguns aspectos imagéticos do século anterior à criação, com “(...) historiadores para cuidar da memória, de pintores para guardar e enaltecer a nacionalidade, literatos para imprimir tipos que a simbolizassem” (SCHWARCZ, 1993, p.50).

O objeto, do quadro de Alfredo Norfini, não se enquadra na tentativa de estabelecer uma identidade visual da nação. Não são as grandes batalhas nem os clássicos da pintura nacional, mas *o cabano paraense* caracterizar como uma pintura histórica regional. Pois, retrata um fato histórico regional. Muitos dos gêneros artísticos tentam criar uma identidade visual para simbolizar a nação, exaltando grandes feitos, criando heróis. A construção da identidade nacional deu-se de várias formas e a pintura foi uma delas.

O quadro de Alfredo Norfini denominado “O cabano paraense”, pintado em 1940, já no século XX não é fruto diretamente dessas influências, porém não podemos contextualizá-lo sem antes fazer essas discussões. Alfredo Norfini tem a visão de que a população amazônica era “selvagem e exótica”, como os outros viajantes a caracterizavam, mas não rompe essa visão volta-se para os aspectos sociais e culturais construindo um olhar sobre um homem não europeu e considera as populações amazônicas não capazes de integrar o conjunto das nações civilizadas.

O ano 1940 marca um grande desenvolvimento artístico e intelectual no Brasil. Muitos estudiosos estavam estudando fora do continente e retornaram à sua pátria trazendo novas influências. A Europa se encontrava em guerra e ao retornarem ao Brasil os artistas trazem uma renovação ao já consolidado modernismo brasileiro. São muitos os artistas que contribuem para esse cenário.

A temática social marcou as obras de Norfini, mas ele não retratava/pintava somente temáticas sociais, entretanto, elas ocuparam o centro de suas criações, embora não seja muito conhecido, ele tem importantes trabalhos. Seus trabalhos vão desde paisagem, natureza, igrejas, construções e até figuras como o cabano. Alfredo Norfini⁸ usa diferentes técnicas, pois ele é desenhista, aquarelista e pintor.

⁸ Sobre as obras de Alfredo Norfini, embora elas não constem no livro didático, são importantes para conhecer um pouco mais do seu trabalho. Paisagem Rio Tietê, 1904, A igreja, 1942, Velho Solar Colonial, 1940, Construção do Açude Fazenda Cachoeira- Campinas, 1921, A Tomada do Trem de Guerra, Rua do Rosário, 1918, Rua Alegre 1862 (Rua Brigadeiro Tobias), 1920, O Cabano, 1940, além de outras obras. Ele fez duas

Alfredo Norfini tem uma grande bagagem artística, ele tem décadas de experiência, porém, o que nota-se foi que quando os alunos observaram sua obra foi à atribuição de características rústicas e grotescas eles mencionaram, também características de outros períodos bem anteriores ao autor. Essas características colocadas intencionalmente pelo autor para desqualificar o movimento.

Deste modo, a construção de “O cabano paraense” encontrada no livro didático de história é a imagem clássica, porém acredito que ela não represente os cabanos em sua totalidade, pois havia muitos grupos: negros, indígenas e brancos, e essa imagem tenta mostrar um seguimento de cabano que deu origem ao nome do movimento, caboclo, tapuia, ribeirinho, ou seja, os habitantes que moravam nas margens dos rios e igarapé amazônicos e habitavam cabanas nas margens desses rios.

Essa representação feita por Alfredo Norfini é a sua visão de Cabanagem, não só dele, mas também de uma parcela da sociedade paraense da época, essa parcela mantinha essa mesma visão, eles, produzia obras volumosas no campo das ciências humanas como Raiol ou na literatura como Inglês de Sousa, cada um deles deixou suas representações para gerações futuras acerca da Cabanagem, algumas dela como é o caso do *o cabano paraense* chega até nós através do livro didático.

CAPÍTULO III

UMA SUGESTÃO DE MODELO DE AULA

3.1 PROPOSIÇÃO DE AULA OFICINA

O terceiro e último capítulo deste trabalho é baseado em uma oficina realizada com alunos do 8º Ano da Escola Municipal Terezinha de Jesus. O objetivo central desta oficina foi fazer com que os discentes conseguissem interpretar as imagens contidas no livro didático de História da coleção Projeto Mosaico (8º Ano), não somente relacionadas à Cabanagem, mas qualquer imagem que compõe o livro didático. Além disso, também temos por objetivo dessa fase da pesquisa identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os temas.

Faz-se necessário uma nova concepção sobre o aluno, torná-lo um sujeito questionador. Fazer com que ele questione as formas de conhecimento pronto e acabado: fazê-lo sujeito do conhecimento e não meramente um receptor. Além disso, fizemos um pequeno questionário a partir do qual os dados obtidos nestes questionários se farão presentes nesta parte do trabalho, uma vez que ele norteará o presente capítulo.

É também neste capítulo que estudaremos qual a representação presente no universo discente. A problematização do conhecimento histórico em sala de aula é relevante no desenvolvimento intelectual do discente, porque amplia sua compreensão sobre os discursos referentes ao passado e ao presente.

Além do mais, colocar em questão as representações dos discentes sobre o movimento cabano é retirá-los da condição de passividade frente ao conhecimento pronto do livro didático. Significa alçá-lo à condição de sujeito, tanto quanto recuperar a imagem, ou seja, a imagem de um movimento heterogêneo, plural, composto de vários seguimentos da sociedade amazônica, quando pensar nessa imagem devemos refletir que a composição do movimento não representou um único grupo. O aluno deve ter uma postura crítica frente à representação do livro didático, questionando sua construção e quais fins pretende alcançar. Assim, inserimos os discentes como sujeitos construtores do conhecimento.

Questionar a imagem do cabano e da Cabanagem é de fundamental importância; porém a interpretação de uma imagem não é algo simples, pois depende da criatividade e dos filtros culturais dos observadores. Ou seja, depende de quem vê, já que essas imagens são compostas por símbolos e signos, uma vez que expressam o jogo das representações sociais.

Além da necessidade de ser mais amplamente conhecida e discutida em sala de aula é preciso reconstruir as representações dos alunos sobre esse acontecimento, a qual no livro didático aparece de forma sintética. Assim, as questões que orientam a pesquisa estão articuladas no sentido da compreensão da representação dos alunos sobre a Cabanagem. Criar mecanismo que possibilite os discentes ver o movimento cabano multifacetado, isso mostrar que a representação feita por Norfini é uma visão e uma tentativa de homogeneizar o movimento. Dessa forma pode-se desenvolver uma postura crítica dos alunos ante as representações imagéticas da Cabanagem nos livros didáticos.

É preciso compreender que a Cabanagem permanece presente no imaginário social do caboclo amazônico, principalmente o paraense. Assim, como essas representações são elaboradas pelos discentes? Como eles concebem as disputas em torno da história da Cabanagem? São perguntas que foram respondidas ao longo desse trabalho.

Na nova abordagem da aprendizagem do ensino de História, os alunos não são apreendidos só na relação apreender/decorar os acontecimentos “neutros” presentes no livro didático; é fundamental importância ensiná-los como este conhecimento foi produzido e significado ao longo do tempo. Percebe-se que a Cabanagem é tema importante para os alunos da Amazônia; porém, com pouco espaço na história do Brasil e da América. Torna-se fundamental que se crie um espaço entre os estudos históricos escolares para os fatos regionais, motivando o discente a conhecer como as representações sobre as realidades históricas e sociais são construídas e significadas.

Levar o aluno a desconstruir conhecimento cristalizado no livro didático é um dos objetivos centrais do ensino de História, fazer o discente pensar criticamente e conceber o livro como um lugar de batalha pela memória e deve ser questionado. Levar os alunos a pensar que os livros atendem uma demanda de mercado e exigências governamentais. Tais livros têm um padrão e a tendem a muitas regras, além de certas editoras monopolizarem o mercado há décadas.

3.2 PERFIL SOCIAL DA CIDADE DE PARAUPEBAS

Dados estatísticos da Cidade de Parauapebas.

É um documento elaborado na tentativa de mostra/mapear nossos sujeitos contendo dados econômicos, sociais e culturais da classe à qual realizamos a pesquisa. É uma riquíssima fonte para análises com descrições e dados. Abrangendo a todos os setores e ilustrado com gráficos e tabelas para melhor visualização, necessitamos levar em consideração que eles são pessoas com idades parecidas, morando no mesmo bairro, ou seja, não apresentaremos muitas variações.

Alguns dados serão descritos textualmente e outros graficamente ou em forma de tabela, conforme a tabela 1, primeiramente falará um pouco do município de Parauapebas.

Tabela 1- Dados sobre o município de Parauapebas, Pará.

População	153.908 hab.
Área	6.886,208 km ²
Bioma	Amazônia
Instalado em	01/01/1989

Fonte: Brasil IBGE, *idades-estados*, 2017. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

A primeira observação relevante é que a população é extremamente volátil, ou seja, ela tem uma grande variação no tocante ao número de habitantes, pois a maior parte da população de Parauapebas é composta por migrantes, pessoas que vêm de outras regiões do país para trabalhar. Parauapebas é considerada uma região rica e com muitas oportunidades, isso atrai muitas famílias. Porém a realidade é diferente o que temos é uma grande concentração de renda. Mas quando há uma crise notamos a migração em massa de pessoas em busca de novas oportunidades de emprego em outras regiões.

As famílias que chegam à Parauapebas geralmente vêm com o objetivo de ter uma melhor qualidade de vida, vêm principalmente pela oferta e/ou à procura de trabalho. A grande maioria das famílias é oriunda do Estado do Maranhão, mas também de Goiás e Minas Gerais, na verdade Parauapebas é composta por pessoas de muitas regiões do país.

Tabela 2 - Dados estatísticos do Município de Parauapebas.

Estabelecimentos de Saúde SUS	25 estabelecimentos
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 2010 (IDHM 2010)	0,715
Matrícula - Ensino fundamental - 2015	41.521
Matrícula - Ensino médio - 2015	11.313
Número de unidades locais	3.507
Pessoal ocupado total	50.485 pessoas
PIB per capita a preços correntes - 2014	84.910,23 reais
População residente	153.908
População residente - Homens	77.893
População residente - Mulheres	76.015
População residente alfabetizada	122.566
População residente que frequentava creche ou escola	52.040

Fonte: Brasil IBGE, **idades-estados**, 2017. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

Podemos observar na tabela 2, outra informação relevante para compreender o perfil da nossa cidade é mostrar um pouco do histórico de Parauapebas que possui muitas especificidades.

Segundo o IBGE:

No final da década de 60, pesquisadores descobriram a maior reserva mineral do mundo, em Carajás, no então município de Marabá. Anos depois, o governo federal concedeu à Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), hoje Vale, que na época era estatal, o direito de explorar minério de ferro, ouro e manganês no local, antes habitada por índios Xikrins do Cateté (Brasil IBGE, **idades-estados**, 2017. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2017.).

Em Parauapebas uma estória é do conhecimento de todos. Ela é contada desde os primórdios desta vila que viria a ser uma das cidades mais dinâmicas do sudeste do Pará. O motivo de tal estória é óbvio, porém não entraremos nesta discussão, mas essa narrativa mostra que a descoberta da Mina de Ferro de Carajás foi uma grande coincidência, uma vez que Breno dos Santos sobrevoando a região observou uma clareira no meio da mata. Breno

sendo um bom geólogo estava de posse de seu martelito, martelo de rocha faz a descoberta da maior mina de ferro do mundo.

Assim, nasce Parauapebas que em língua indígena significa “rio achatado, braço de rio, rio pequeno” existindo ainda outras variações. O fato é que essa cidade possui uma vasta riqueza e esse fato mudaria bruscamente sua história, a cidade nasceu em decorrência das Minas de Ferro Carajás.

Em 1981, deu-se início à implantação do Projeto "Ferro Carajás", quando então, no vale do rio Parauapebas, começou a ser construída a Vila de Parauapebas. A notícia da construção do povoado de Parauapebas provocou um intenso deslocamento de pessoas para a área. Em pouco tempo, o povoado do Rio Verde, apesar das condições inferiores em relação aos padrões do núcleo urbano projetado em Carajás, cresceu descontroladamente. O movimento comercial também ocorreu rapidamente, justamente na área onde hoje é o bairro Rio Verde. A vila, que havia sido projetada para atender até 5mil habitantes, segundo dados do IBGE, já estava com cerca de 20 mil habitantes.

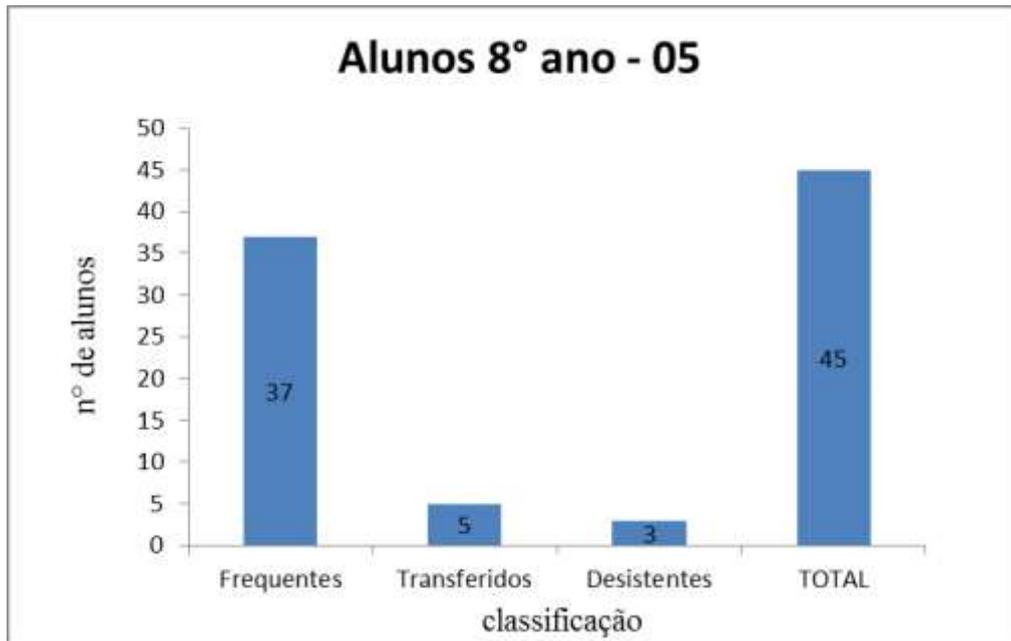
De vila a 5° cidade mais populosa do Pará, Parauapebas é um espaço urbano com um fluxo muito alto de dinheiro, também uma grande concentração de renda e um abismo social gigantesco, pois o dinheiro que circula na cidade fica em poucas mãos, ou melhor, em algumas empresas.

Por três anos antes o PIB chegou a ser o maior de todo o estado do Pará, superando o PIB da capital Belém. O produto interno bruto per capitado município foi de R\$84.910,23 mil reais. Porém, hoje a cidade vem perdendo para outra cidade que cresce em função da mineração, a cidade de Canaã dos Carajás que vem despontando como a cidade mais próspera da região.

3.3 PERFIL SOCIAL DA TURMA 8° ANO 05

O 8° Ano 05 é da Escola Terezinha de Jesus é uma turma composta por alunos majoritariamente masculinos, em geral o número de transferidos e desistentes é grande, porém nesta turma esses números são baixos. Em certos casos o número de desistentes e transferidos chegar a 30% do total de alunos. Essa turma é composta em sua grande maioria por alunos que não repetiram o ano, além de possuir boas notas e comportamento. O percentual de faltas também é baixo, variando entre 10% e 15%, os alunos desta classe geralmente entregam as atividades e isso é o que mostraremos graficamente abaixo na Figura 5.

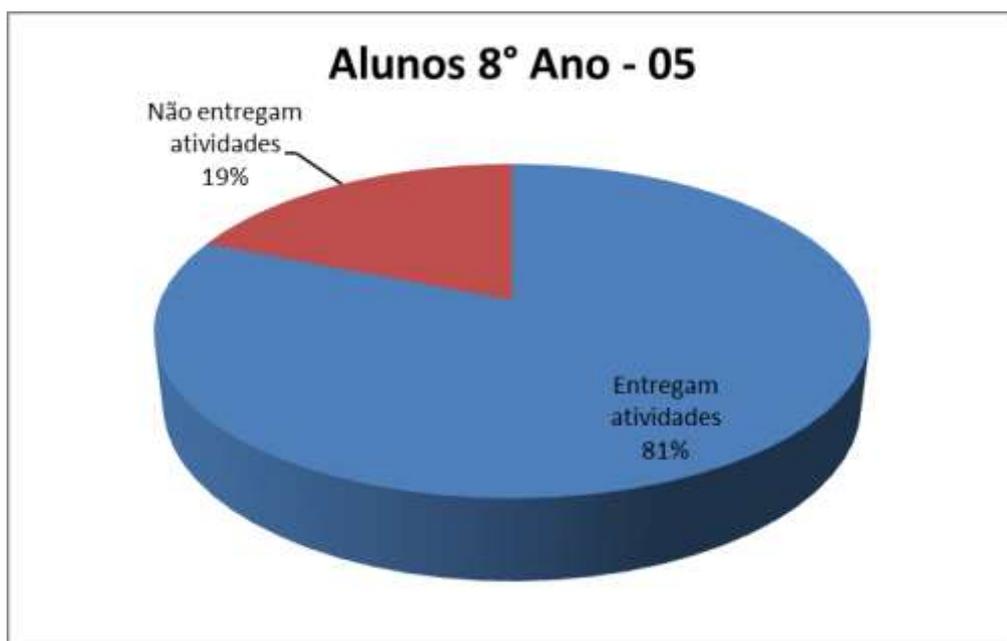
Figura 5 - Gráfico com Dados referentes ao número de alunos na turma 8° ano 05.



Fonte: SILVA, Edilson, 2017.

Temos algumas turmas que extrapolam os 40 alunos, isso é comum entre os 8° anos, pois na escola são apenas cinco turmas e a procura por vagas nesta série é grande. Uma turma com 37 alunos, ela é considerada pequena para o município de Parauapebas a quantidade de alunos é grande por tudo o que já foi exposto no perfil do município.

Figura 6 - Gráfico com Taxa de alunos que entregam ou não as atividades (frequentes).



Fonte: SILVA, Edilson, 2017.

As atividades são parte importante da avaliação. Os professores da escola Terezinha de Jesus são orientados a passar atividades em sala de aula e para casa, pois elas são somadas à avaliação final. A avaliação final não poderá ser somente prova, ela é composta por outras atividades ora de caráter individual ora de caráter coletivo.

O percentual masculino é outro fator que diferencia o 8º Ano 05 que é composto por maioria masculina. Isso é raro, pois em todas as demais turmas é majoritário a presença feminina. Essa (turma do 8º ano – 05) é a única que temos com uma maior quantidade masculina. A faixa etária é praticamente a mesma das demais turmas dos oitavos anos com poucas alterações.

Desconhecemos os mecanismos de formação das turmas, mas o que observamos é que tem turmas como mesmo percentual etário de alunos e uma turma com alunos com faixa etária elevada, parece que o sistema seleciona alunos com maior idade e agrupa em uma única turma. Outro ponto importante é no tocante quanto à religião que é predominantemente evangélica, porém temos os católicos na segunda posição.

Tabela 3 - Dados sobre sexo e religião dos alunos (8ºano – 05)

Descrição	Nº de alunos
Masculino	22
Feminino	15
Católicos	10
Evangélicos	20
Sem religião	7
Total	37

Fonte: SILVA, Edilson, 2017.

Tabela 4 - Faixa etária dos alunos (8º ano – 05)

Quantidade de alunos	Idade
1	12 anos
19	13 anos
15	14 anos
2	15 anos

Fonte: SILVA, Edilson, 2017.

Uma visão geral da turma constata-se que eles são receptivos, participativos e questionadores. Os alunos quase não faltam, respeitam os prazos e acordos; além disso, em sua grande maioria são alunos dedicados e esforçados, mas na medida do possível fazem o que lhe é solicitado. Esses alunos também têm suas limitações, causadas pela grande quantidade de conteúdos e a própria afinidade com a disciplina é um fator importante que deve ser levado em consideração, na verdade a turma no começo do ano era bastante dispersa, hoje temos uma classe mais concentrada.

A participação dos alunos é um fator determinante para o sucesso dessa turma que, geralmente, participam das atividades tanto individuais como também das coletivas. Foi esse um dos motivos que levaram a escolher tal turma, além disso, o tema de pesquisa é tratado nesta série. A interação da turma é outro ponto positivo, pois nem todas as turmas possuem as referentes qualidades.

A oficina seguirá um roteiro, o qual norteará as ações. Ela auxiliará na interpretação da imagem, os alunos serão levados a pensar certos aspectos e outros buscaram nas pesquisas. Isso para que ele tenha uma melhor compreensão das imagens postas nos livros didáticos, pois “as imagens e a leitura delas podem nos levar e nos auxiliar na tarefa de melhor compreender nossa história” (PAIVA, 2006, p.104). Esse é o objetivo central desta parte do nosso trabalho, visto que, certas obras tem grande relevância no entendimento de nossa sociedade, pois marca uma época com seus costumes, tradições, modos, os aspectos visuais são importantes eles mostram muito do que foi a sociedade do passado.

As ações que nortearão a oficina são baseadas em um conjunto de procedimentos metodológicos foi o mais adequado para essa etapa do trabalho. As características importantes a qual ajudarão obter o resultado desejado.

Uma imagem é um bom recurso e se aliarmos outros recursos para desenvolver a capacidade de interpretação dos alunos, percebe-se que ela (a imagem) torna-se algo rico e, entende-la como uma fonte histórica é um dos primeiros passos. Analisar os planos externos e internos e definir a qual categoria ela pertence é importante e para isso devemos também situar o autor, além dessas, há outras medidas que logo detalharemos.

Antes de entrar de fato na oficina vou tentar pensar e refletir o uso das imagens não só no livro didático de História, mas também no próprio ensino de História. Devemos questionar sobre o uso da imagem não somente no livro, não é de hoje que os professores, pedagogos, historiadores vêm utilizando as imagens no ensino, mas qual é sua finalidade?

A professora Circe Bittencourt fornece uma pista: “As imagens complementam os textos dos livros ou servem apenas como ilustrações que visam tornar as páginas mais atrativas para os jovens leitores?” (BITTENCOURT, 2004, p. 70). Ela traz uma indagação importante, porém as indagações não param, a autora reflete questões relevantes para pensar a relação imagem, ensino de história e livro didático.

A reflexão sobre as diversas ilustrações dos livros didáticos impõe-se como uma questão importante no ensino das disciplinas escolares pelo papel que elas têm desempenhado no processo pedagógico, surgindo indagações constantes quanto se aprofundam as análises educacionais. Como são realizadas as leituras de imagens nos livros didáticos (Ibid., p.70.).

Como ler as imagens? Talvez seja a pergunta mais importante nesta parte de nosso trabalho, uma vez que elaboramos uma oficina para fazer do aluno um leitor crítico, tanto dos textos escritos quanto das imagens que retratam o cabano. Devemos levar em consideração alguns fatores relevantes sobre a leitura de imagens. Principalmente, porque os alunos têm suas próprias representações e trazem consigo uma gama de signos, ou seja, o significado atribuído à imagem depende de quem a lê e vê.

As iconografias são parceiras do historiador e do professor de história e essa parceria já vem de longas datas. E não somente elas, temos também gravuras, filmes, charges, mapas, músicas, desenhos dentre outros: “Os livros didáticos de história, já em meados do século XIX, possuíam litogravuras de cenas históricas intercaladas aos textos escritos, além de mapas históricos” (Ibid., p. 69). Além disso, a mesma autora aponta que os livros didáticos estão cheios de ilustrações e até nos causam a impressão de estarem concorrendo com os textos escritos.

É importante a utilização da imagem como recurso pedagógico, com as devidas críticas. A imagem sem dúvida é muito importante principalmente para historiografia recente, pois ela quando bem trabalhada com os devidos cuidados metodológicos enriquece o trabalho do historiador e tornam-se fontes excelentes para eles (os historiadores). No entanto, elas causam grande polêmica no meio acadêmico, devido à sua subjetividade. A sua produção assim como qualquer outra fonte é uma marca do passado que um determinado grupo quer deixar.

A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. (...) A História e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa

produção. (...) Isso significa que as fontes nunca são completas, nem as versões historiográficas são definitivas. São, ao contrário, sempre lidas diversamente em cada época, por cada observador, de acordo com os valores, as preocupações, os conflitos, os medos, projetos e os gostos (PAIVA, 2002, p.13).

Paiva faz uma observação pertinente, podemos consumir imagens e ingerir representações, ou seja, devo levar em conta que elas são uma construção ou até mesmo um recorte, elas são representações do autor ou de um grupo de pessoas. Foi isso que Norfini, Sousa e Raiol fizeram acerca da Cabanagem. Portanto, não podemos usá-las sem antes fazer os devidos procedimentos metodológicos. As imagens não são ingênuas, em grande medida ela quer passar uma determinada mensagem, devemos filtrá-las e ler as entrelinhas.

Assim sendo, devemos ter o cuidado necessário quando analisar a figura do Cabano *paraense* na obra de Alfredo Norfini, de 1940, visto que ela é uma representação feita quase 100 anos depois. A tela de Alfredo Norfini é uma invenção de seu autor e dos homens de sua época. Ele descreve um “tipo idealizado” de cabano, pois, naquele momento, muitos intelectuais e políticos estavam envolvidos com o Estado Novo.

Havia toda a problemática da identidade regional e nacional sendo remodelado, procuravam encontrar feições ideais para o trabalhador brasileiro, o homem simples, o lavrador ou o operário que deveria ser educado e informado pelo governo. Assim, preciso pensar a ambiguidade ou polissemia das imagens que propõe alternativas para a manipulação das representações, além de promover novos caminhos, abordagens e métodos para analisar esse tipo de fonte.

Além disso, as imagens devem ser analisadas criticamente quando passam uma intenção de representar fielmente a realidade. Tais imagens são um produto de recortes, de escolhas. Elas não podem ser concebidas como apartadas da intencionalidade do autor.

Necessito ler o que provavelmente se encontra nas entre linhas. É preciso filtrar o máximo das informações e não somente as intenções que o autor quer passar. A imagem deve ser trabalhada como uma narrativa, porém com os devidos cuidados metodológicos, pois, da mesma forma como a narrativas transmitem significados, as imagens também possuem tal intenção.

A construção das imagens está carregada de intenções; essa construção é uma escolha realizada pelo historiador como qualquer outro tipo de fonte. O que torna o trabalho com imagens complexo e interessante é pensar nas construções efetuadas pelo autor, suas intenções e sua visão de mundo.

Documento é tudo aquilo que o historiador dá importância em um determinado momento, ou seja, é o material de análise do historiador. Estamos cercados por monumentos e outras fontes que remetem ao passado. Realizar um registro desse material e de outras fontes que cercam, bem como desenvolver uma minuciosa análise produzida pela perspectiva do historiador é que faz com que um monumento se transforme em um documento. Entretanto, o que foi deixado é realmente o que existiu: uma seleção de fatos, os quais são conservados.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa os historiadores (LE GOFF, 1997, p. 535).

Aqui, deve-se fazer uma observação antes de iniciar a descrição de como proceder com a oficina. Não existem modelos previamente estabelecidos ou um modelo correto que possa ser utilizado em muitas situações/realidades. Temos um planejamento que deve ser executado, mas não necessitamos ficar preso a este modelo. Essa ordenação feita por nós é uma adaptação a um contexto escolar específico; portanto não podemos fixar um roteiro para os diversos contextos, no sentido geral.

Observamos neste momento pontos relevante para conhecer melhor nossos sujeitos. Vamos fazer uma série de descrições, seja ele de forma escrita, gráfica ou por meio de tabelas, isso para conhecer aspectos da realidade da cidade, escola, turma e aluno. Assim sendo, faz necessário expor esses dados tão relevantes nesta etapa da pesquisa.

Descrição da oficina

- OFICINA
- Iconografia como fonte histórica.
- O que foi a Cabanagem?
- Roteiro da oficina:
- Biografia do autor.
- Avaliando o plano externo.
- Avaliando o plano interno.
- Data da criação.
- Qual é o tipo de imagem?
- O que entendemos nesta imagem?
- O que temos na imagem que permanece hoje?

- O que temos na imagem que não permanece hoje?

3.4 OFICINA

Primeiramente, realizamos uma avaliação diagnóstica, pois precisamos analisar preliminarmente o conhecimento dos discentes sobre o universo imagético. Essa etapa é importante, pois assim conhecemos as dificuldades para planejar nossas atividades. A partir delas, nossa pesquisa é participativa, uma vez que envolve todos, além de colaborativa na sua forma de trabalhar, o 8º Ano 05 da Escola Terezinha de Jesus teve participação de 100% dos alunos frequente. Lançamos para início da oficina algumas perguntas:

- Você sabe qual é a natureza da imagem?
- Onde ela foi produzida e por quem ela foi produzida?
- O que essa imagem representa?

Foram através dessas indagações iniciais que notamos alguns elementos importantes para iniciar nossa oficina. Tais perguntas podem ser usadas para qualquer imagem encontrada nos livros didáticos. Uma imagem apresenta uma possibilidade de interpretação do passado ou até mesmo do presente, entretanto, todo cuidado se faz necessário no que concerne a falar em interpretação do passado. Há também outras formas de interpretação que são importantes para avaliar o passado como, por exemplo, temos: música, filmes, livros, cartas, tudo isso são formas pelas quais se podem tentar interpretar o passado, a imagem é só uma narrativa dentro desse universo que o ser humano produz desde os primórdios.

Essas perguntas fazem parte da avaliação diagnóstica, elas são importantes e necessárias para ponderar a real situação da classe, também, para planejar o que fazer no primeiro período, necessitavam então deparar mais sobre a situação atual de modo que sugerimos uma questão de planejamento da pesquisa. É importante observar qual é a situação atual em termos de objetivos, recursos e características do aluno. As respostas essas perguntas definiriam a primeira parte do planejamento.

As oficinas no ensino de História são instrumentos que nos afasta da ideia de aula expositiva, na medida em que pressupõe um aprendizado que envolve a participação dos estudantes e implica na realização de leitura, de análise e de ponderação sobre os materiais

propostos e das imagens selecionadas. O propósito foi desenvolver reflexões relacionadas com atividades práticas, seja de documentos, música, imagens, vídeo, entre outros.

I. Projeto didático, II. Justificativa, III. Objetivos pedagógicos, IV. Conteúdos.

I. Projeto didático:

Possibilidades e desafios o uso da linguagem imagética no ensino de História. O projeto em grande medida é uma tentativa dos alunos ampliarem o conhecimento do mundo, em sua dimensão histórica. Além disso, buscaremos efetuar transformações em nossa própria prática. O projeto é na verdade composto por várias singularidades que diferenciam as pesquisas participativas, uma vez que só temos resultado na pesquisa quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema.

II. Justificativa.

As imagens atualmente estão presentes nos mais variados locais em muitas formas e tamanhos. O homem contemporâneo é extremamente visual, cria imagem para quase tudo, suas representações vão do mais simples aos mais complexos, mas esse resultado vem de um longo processo de construção temporal. Segundo Sandri o século XXI é marcado por uma cultura da imagem. Das pinturas rupestres até as logomarcas encontradas em outdoors tivemos um longo processo, essa mudança pode ser entendida pela mudança no próprio sistema de produção, porém não é só essa explicação.

As imagens também são encontradas no ensino de História; elas se transformaram em importantes recursos didáticos, principalmente no último século. Nele há uma significativa renovação historiográfica a qual modificou significativamente o conceito de fonte histórica. A imagem como recurso pedagógico já foi muito questionada, entretanto hoje ela foi incorporada em documentos oficiais como o PCN e o PNL, por exemplo.

As imagens são importantíssimas para essa oficina, visto que elas promovem as habilidades de compreensão, interpretação de parte de uma realidade, ou seja, ela é uma representação e ela será tratada como uma fonte histórica. Sendo assim, tentaremos tirar a maior quantidade de informações possíveis dela, por isso ela torna-se um ótimo recurso didático.

III. Objetivos pedagógicos

Objetivos pedagógicos: foram estabelecidos vários objetivos pedagógicos, pois se espera que os estudantes desenvolvam as seguintes habilidades.

- Avaliar os planos externo e interno de uma imagem.
- Analisar a linguagem imagética como veículo de construção do conhecimento histórico.
- Trabalho em grupo, pesquisas sobre as diferentes imagens encontradas no livro didático.

IV. Conteúdo:

Público: Alunos do 8º Ano 05 - Fundamental II, turno 3º, número de alunos 45 Escola Municipal de Ensino Fundamental Terezinha de Jesus.

Tempo estimado de duração: 12 aulas.

Recursos didáticos utilizados: Quadro magnético, pincel, data show, livro didático, questionário.

Metodologia: Aulas expositivas e dialogadas, exibição de imagens contidas no livro didático, exibição de documentários, debates, pesquisas em sites e livros.

Serão abordados conteúdos referentes ao andamento da oficina, ou seja, os conteúdos foram organizados e pensados nela, além disso, abordaremos as escolas literárias relacionando-as com a Arte.

3.5 A REPRESENTAÇÃO DO ALUNO SOBRE A CABANAGEM

Uma parte importante deste capítulo 3 é observar qual a representação da Cabanagem presente nesta classe. O resultado foi muito satisfatório, uma vez que a grande maioria não reproduziu a visão do livro didático. Outro fator importante foi que mesmo os alunos não tendo ainda contato com literatura, caracterizaram o quadro de Alfredo Norfini sob uma perspectiva do naturalismo.

Um dos objetivos deste trabalho é levar o discente a ter uma postura crítica ante as representações da Cabanagem. Ou seja, como eles podem através da imagem, construir o próprio conhecimento sobre a Cabanagem, mesmo sendo um fato histórico tão distanciado dos alunos, principalmente de Parauapebas.

A Secretaria de Educação do Município de Parauapebas deixa a critério do professor como deve ser trabalhado o Período Regencial e este assunto compete ao 8º ano. Ele é um dos assuntos mais complexos desta série, vejamos as orientações recomendadas aos professores no (ANEXO I).

O documento abaixo mostra que podemos combater as visões tradicionais, pois o professor tem autonomia para trabalhar o que crê necessário aos seus alunos. É deixado a critério do professor qual o conflito no caso Revolta será estudado. O elaborador desse documento grafa Revolta, ele entende como Revolta o processo pelo qual o Brasil passou neste período. Esse documento é importante porque ele mostra os conteúdos, procedimentos metodológicos, materiais, eixo temático, avaliação e o tempo das aulas, além de orientar o professor.

O documento norteia o professor, ele ajuda tanto no planejamento como na execução das aulas de modo geral. Ele é entregue aos professores no começo de cada semestre para ser executado em um determinado período, mas devemos lembrar que ele é apenas uma proposta. O que chama também atenção é que notamos na elaboração deste documento a menção das Revoluções Francesa e Gloriosa, mas quando se refere ao Brasil muda a denominação de Revolução e Revolta também percebida no livro didático, as páginas que são indicadas já foram analisadas no segundo capítulo do presente trabalho.

As versões, visões e representações ao longo de séculos geraram denominações tais como Revolta, Motim, Levante, Revolução, Guerra. Mas o que foi afinal a Cabanagem para os discentes do 8º Ano 05? Qual é a memória que permanece hoje no meio discente? Foi por meio do questionário (ANEXO II) que chegamos próximos da representação que os discentes

possuem do fato ocorrido em 1835 no Grão-Pará. Aqui, localiza-se o ponto chave da pesquisa, pois se uniram os três capítulos, as discussões de cunho mais teórico onde foi levantada a constituição da memória da Cabanagem e depois a análise do livro didático e como ele representa a Cabanagem e agora um questionário fechando o ciclo.

O questionário (ANEXO II) foi composto de perguntas, objetivas e outras discursivas. Primeiramente analisaremos as perguntas discursivas depois as objetivas, sendo assim entraremos de fato na representação dos alunos. Nesta parte do trabalho vamos fazer citações diretas, pois necessitamos respeitar nossos alunos como sujeitos, mas também narraremos quando a narração for necessária, pois ela também se faz é importante.

Antes, porém, um fato interessante é que foi impressionante como foi citado características do naturalismo na pintura de Alfredo Norfini. O quadro é encontrado no livro didático Projeto Mosaico que estão em posse dos alunos do 8º Ano 05. O quadro foi pintado em 1940, não sabemos quanto tempo o autor levou para produzir, entretanto podemos afirmar que o Naturalismo é datado 1881-1922 e ele está no período de formação intelectual de Norfini.

É muito vago caracterizar o Naturalismo num período de tempo; ele é muito rico e complexo para fecharmos nossas ideias em um determinado período. O Naturalismo está muito além de qualquer temporalidade, uma vez que ele sofre mutações, transformações e mudanças no tempo e espaço. Sabemos que ele nasceu na França e é bem provável que ele ainda está presente em muitas formas de representação.

O naturalismo vem florescer na França do século XIX, porém não ficaria restrito as fronteiras francesas; logo migrou para outros países da Europa e América, chegando ao Brasil. As características do Naturalismo vão além do Cientificismo, Determinismo e Darwinismo Social ele se manifesta também nas artes plásticas retratando de forma fiel as paisagens, sem idealizações ou distorções da realidade.

O Naturalismo retrata o homem comum, com idealizações de crime, miséria, intriga, violência, sexualidade são uma constante no Naturalismo o comportamento chama atenção, pois nesta escola literária vemos o comportamento humano ser retratado de forma imparcial. Mas, a principal pergunta é o quanto o Naturalismo está presente não só no século XX, mas, sobretudo no XXI, o que levou os alunos caracterizarem a obra de Norfini com tais atributos?

Foi apresentada essa figura a qual compõe o conjunto de imagens presente no livro didático, ela se tornou uma representação clássica da Cabanagem. Na oficina teceremos todo um roteiro o qual foi o guia para alguns alunos, porém nem todos lembraram ou não quiseram

utilizar as coordenadas. Biografia do autor, avaliando o plano externo, avaliando o plano interno, data da criação, qual é o tipo de imagem? O que entendemos nesta imagem? O que temos na imagem que permanece hoje? O que temos na imagem que não permanece hoje?

3.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Tivemos alguns resultados interessantes; é preciso lembrar que são alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental. Mas algumas observações são surpreendentes, complexas e profundas, porém tal turma conta com alunos esforçados e participativos, alunos que muitas das vezes pesquisam por conta própria, questionam e até problematizam.

“A figura parece muito um sem-terra, mas está na praia, não é um pescador, pobre, perdido. Não sei, acho que pode ser um pirata, esperando alguém para atacar e roubar. Parece ser um homem violento ou um ladrão” (Aluna A, 8º ano 5). Vemos como é caracterizada a figura do cabano, uma das características do naturalismo é retratar as classes baixas da sociedade, além de mostrar os seus desvios de comportamento. Localizamos marcas do naturalismo, uma vez que a Aluna (A) mostra as patologias sociais as quais a figura representa. Neste caso, o comentário de Hall é pertinente:

Nós começamos com uma definição bem simples de representação. Trata-se do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definidas como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido. Desde já, essa definição carrega a importante premissa de que coisas – objetos, pessoas, eventos, no mundo – não possuem, neles mesmos nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, dentro das culturas humanas – que fazemos as coisas terem sentido, que lhe damos significados (HALL, 2016, p.108).

Para Stuart Hall são os sujeitos dentro da sua cultura, meio social, que atribuem significados aos eventos, fatos e acontecimentos. Raiol, Norfini e Inglês de Sousa deram significado à Cabanagem por meio de linguagens diferentes. As representações feitas por esses dois autores e as contemporâneas feitas por discentes do ensino fundamental, mesmo estando distante temporalmente elas possui relações. A Aluna (A) associa características negativas à figura como, por exemplo: Sem Terra, Piratas, Ladrão são tipos sociais marginalizados.

Para Stuart Hall o meio social influência na representação do sujeito, os discentes estão em um meio social violento, pode ser por esse motivo que eles atribuem a imagem feita

por Norfini características relacionada à violência. Na Cabanagem ocorreram muito mais que violência física, mas também outros tipos de violência abandono, exclusão, pobreza, miséria isso de alguma forma é evidenciado pelos autores citados neste trabalho.

A segunda representação também coaduna com essas ideias, visto que o discente descreve a imagem de forma diferente, entretanto ela expressa as mesmas ideias da aluna anterior. Vejamos:

Vejo um cenário sujo de lama, no horizonte um rio seco, quem sabe morto, um céu cinza sombrio e sem vida, pois não tem o sol tudo isso. O homem no centro está em movimento ele parece correr ele está sujo de lama e rasgado e descalço com uma garrucha na mão ou uma arma antiga. Ele é a imagem central da tela o pintou quer passar a imagem de pobre pescador sujo e armado (...) (ALUNO B).

Sujeira, lama e morte são palavras usadas pelo discente para representar a imagem e a pobreza considerada como uma característica permanente na visão dos alunos. Mas será que a Cabanagem não ocorreu mesmo por esses motivos? Outra particularidade recorrente na versão dos alunos é a violência que também é uma característica do naturalismo. O homem do interior da Amazônia com seu contato constante com o meio selvagem.

O determinismo é outro adjetivo naturalista, o homem amazônico é violento, porque vive na selva, será que foi essa a visão de Norfini quis passar em seu quadro? “Um homem armado pronto para matar qualquer um [...] homem com fome, sujo parecendo um caboclo dum interior bem longe” (ALUNO (C)). Assassino, facínora foram outros adjetivos atribuídos aos cabanos. O interior da Amazônia configurou-se em um cenário onde explodiu de pequenos a grandes conflitos. E a Cabanagem seja ela vista como Revolta, Revolução, Levante e etc. privou o homem de tudo, até de sua humanidade “O que vejo parece um homem primitivo” (ALUNA(D)).

Enfatizar a natureza do homem como um ser animalesco isolado da “civilização”, uma raça sub-humana foram características do Darwinismo Social vigente no século XIX. O cabano retratado no quadro pode representar tal ideia. Sinceramente não tinha pensado nisso, tal representação tem uma aproximação com a visão do Raiol. Todavia ela vai de encontro como a de outros autores que caracterizavam os cabanos como sujeito revolucionário, lutando pela liberdade da Amazônia contra a toda forma de espoliação.

O que pensar quando uma aluna escreve que tal imagem para ela representa um estuprador, “um tarado”, Isso me custou horas de reflexão, pois o que levou tal aluna a chegar a essa conclusão? As paixões, os vícios, os desejos carnis são características do Naturalismo.

Não chegamos a ler trechos da “Quadrilha de Jacó Patacho”, mas quando analisei o material colhido na pesquisa parecia que estava lendo trechos da obra de Inglês de Sousa. Acredito que os alunos do 8º Ano 05 não tenham lido tal obra, pois seria uma ironia muito grande ele reproduzirem fielmente as ideias do autor.

Mata marinheiro! Mata! Mata! Grito de guerra dos cabanos, que se referiam aos portugueses como marinheiros, dando início a uma sangrenta batalha que termina com a morte, (SOUSA, 2004, p. 122).

Sousa em sua obra usa adjetivos como tapuia, mestiço, negro, índio e branco. Em muitas passagens de sua obra, hierarquiza as “raças”. Esta é, também, outra propriedade do Naturalismo. Sousa, assim como os pioneiros que estudaram a Cabanagem lançam conceitos que ficam no imaginário social da população. Mas, obtivemos outras visões que escapam um pouco das que foram citadas anteriormente.

Stuart Hall ao analisar a função dos estereótipos na produção de significados, conclui que são representações negativas: muitas dessas características são mencionadas pelos alunos. Além disso, esses estereótipos enfatizados por Raiol, Norfini e Souza hierarquizam raça, sexo, grupos sociais. Eles expressam o que é normal, aceitável ou não. Enfim, reconstruem uma fronteira simbólica.

Quando analisamos as representações dos alunos sobre a Cabanagem ficamos atentos às concepções prévias dos discentes. Eles são sujeitos extremamente visuais e estão diariamente em contato com imagens, os autores e editoras de livros didáticos sabem disso. Nesta citação aqui o aluno faz uma associação entre a imagem do “cabano paraense” de Norfini com a imagem da Revolução Francesa, na maioria das vezes os alunos fazem associação entre a imagem do cabano e outra que tiveram contato.

Na minha opinião é um trabalhador explorado, parece a imagem do capítulo da Revolução francesa, lembro da imagem quando o terceiro estado pegar a arma e quer matar os padres e a nobreza. Foi isso que eu entendi dessa figura até a arma é a mesma não sei o nome da imagem mais sei que estudei ele na 7º e agora (ALUNO (E)).

Interessante a analogia entre a Cabanagem e a Revolução Francesa. Podemos concluir que a imagem do cabano passou varias mensagens ao aluno: uma delas foi de luta. Luta de grupos distintos, a Cabanagem realmente foi uma sucessão de lutas pelos mais variados motivos, a Revolução Francesa é um dos assuntos mais importantes do 8º ano, sendo este tema fundamental para entender os demais assuntos. Por isso ela deve ser bem explicada e

detalhada, na visão do discente há semelhanças entre ambas, exploração, grupos antagônicos, armas e o terceiro estado assim como os cabanos vão contra seus exploradores.

O aluno em nenhum momento menciona a palavra liberdade, embora não fale de liberdade, algo faz associar as imagens da Revolução Francesa que representam o ideal de liberdade com a imagem do cabano. Ele fala da exploração sofrida pelo trabalhador, faz também analogia entre o cabano e o terceiro Estado Francês, tal comparação é relevante em virtude de associar a luta pela liberdade. Uma das bandeiras da Cabanagem era exatamente a luta pela liberdade.

As representações da classe não foram homogêneas, a imagem foi observada com óticas diferentes, não usaremos aqui todas as representações dos alunos, mas as mais relevantes para nosso trabalho, até porque depois usaremos os gráficos para representar tais visões. “Vejo na imagem um homem bruto, injustiçado e com muita raiva da situação do seu país (...) ele vai fazer justiça com as próprias mãos não confia em seus governantes” (ALUNO,(F)).

Os cabanos de certa forma lutaram contra as injustiças, mas como o movimento cabano não era homogêneo, o senso de justiça também não era, ou seja, tínhamos várias concepções de justiça. O que o aluno representou foi muito ligado com a atual situação política do país, o fazer justiça com as próprias mãos, mostra a indignação com algumas atitudes.

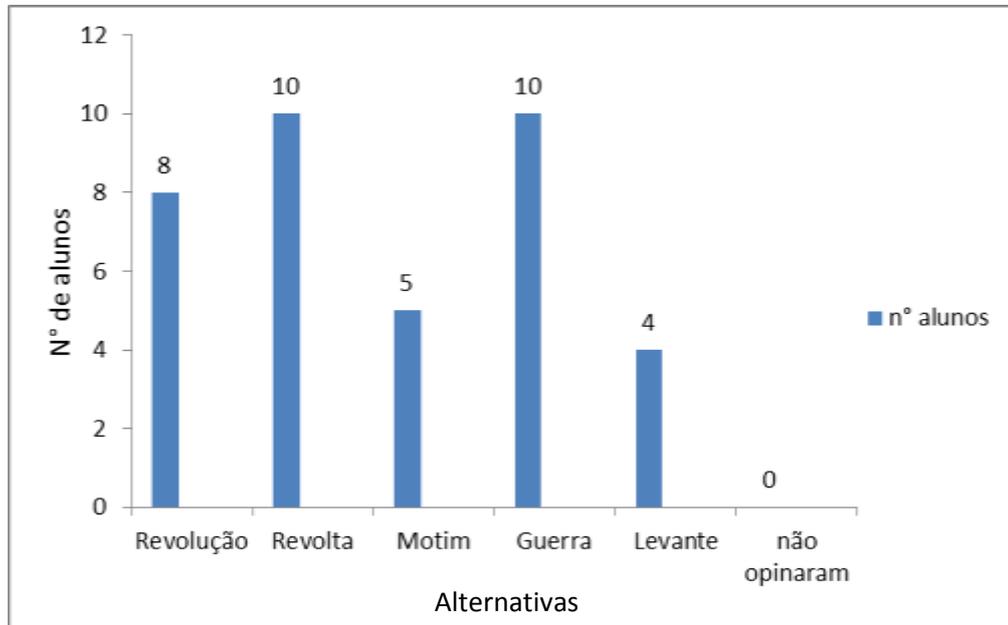
Um homem bruto e injustiçado talvez seja a maior parcela dos cabanos, no quadro de Norfini *O cabano paraense*. O discente relaciona a imagem com a injustiça, no caso a injustiça política, mas os cabanos sofreram sérias injustiças sociais. A brutalidade é uma das marcas latentes do naturalismo, ela é encontrada no seio da Cabanagem, mas ela não foi característica somente do lado cabano. Os legalistas, pessoas que lutaram contra os cabanos, também foram acusados de muitas atrocidades.

São múltiplas as visões dos alunos sobre a Cabanagem, as versões acerca desse fato dependem de muitas variáveis, mas neste momento, podemos afirmar que o livro didático constrói um mito muito difícil de ser combatido tanto pelo professor quanto pelo historiador. Porém, vejo aqui que ele não ficará para sempre, já fizemos algumas ponderações acerca do livro didático mais especificamente no segundo capítulo.

Agora analisarei graficamente alguns resultados relevantes para esse momento da pesquisa. Uma das perguntas principais desta dissertação é qual a representação de Cabanagem que está viva hoje na memória discente, o 8º Ano 05 é meu universo pesquisado

quão grande era a vontade de sabermos qual é a visão que eles têm da Cabanagem, pois o resultado foi interessante, porque é dele que podemos concluir a dissertação.

Figura 7 - Gráfico da opinião dos alunos sobre a Cabanagem – 8° ano – 05



Fonte: SILVA, Edilson, 2017.

Esse gráfico é importantíssimo para concluir o trabalho, pois é a partir dele que observamos a concepção, visão, versão e representação do aluno do 8° Ano 05 da Escola Terezinha de Jesus.

Primeiramente analisamos cada termo, pois eles foram exaustivamente discutidos tanto na oficina como também nas aulas ministradas, acreditamos na possibilidade dos alunos dominarem os termos. Foi feita uma pergunta, no questionário (ANEXOII) As opções seguiram a ordem do gráfico acima, não foi proposital eu colocar a Revolução em primeira opção, como observamos uma grande quantidade de alunos não optou por tal assertiva.

Primeiro, vamos definir uma revolução como um processo de mudança das estruturas sociais[...]Hector Bruit define uma revolução como um fenômeno político-social de mudança radical na estrutura social; um confronto entre a classe que detém o poder do Estado e as classes que se acham excluídas desse poder. Revolução é, assim, um confronto de classes (SILVA, Kalina, HNRIQUE, Maciel dicionário de conceitos históricos, 2009, p. 362.).

Tal definição determinou o que foi a Cabanagem, mas não entraremos aqui em tal questão, visto que ela já foi debatida no primeiro capítulo, sabemos que também, assim como os pioneiros teceram suas teses sobre a Cabanagem a nossa também é só mais uma reapresentação. Revolução, Revolta, Levante, Motim e Guerra não é nosso objetivo aqui definir o que foi a Cabanagem, mas observar qual é a concepção que os alunos têm sobre ela.

Revolução foi um substantivo usado para definir a Cabanagem pelas abordagens historiográficas mais recentes, porém queria que tal substantivo ficasse claro para os discentes, fizemos uma discussão sobre os tipos de revoluções, porque na história o termo é empregado diversas maneiras:

Bruit trabalha com um tipo específico de revolução, aquela com base social e política. Mas o termo pode ser aplicado a diferentes áreas da vida humana: revolução política, revolução cultural, revolução tecnológica. Assim como a contextos históricos, como Revolução Francesa, Revolução Industrial. Revolução, como categoria de análise, significa todo e qualquer fenômeno que transforma radicalmente as estruturas de uma sociedade; quaisquer estruturas, e não apenas estruturas políticas, econômicas e sociais. Na perspectiva política, a historiografia costuma classificar dois tipos principais de revolução: as revoluções burguesas e as revoluções proletárias. Os principais modelos são, respectivamente, a Revolução Francesa e a Revolução Russa (SILVA, Kalina, HNRIQUE, Maciel Dicionário de conceitos históricos, 2009, p.363).

Por diversas vezes recorreremos ao dicionário de conceitos históricos. Assim mostramos os significados e as definições que o termo revolução pode assumir em diversos sentidos. Foram discutidos os outros termos como: Sedição, Perturbação, Rebelião; Sublevação, Desordem, Grande Perturbação esses substantivos femininos foram recorrentemente utilizados para caracterizar a Cabanagem em muitos livros didáticos.

Motim: insurreição, organizada ou não, contra qualquer autoridade civil ou militar instituída, caracteriza-se por atos explícitos de desobediência a autoridades ou contra a ordem pública, sendo frequentemente acompanhado de tumulto, vandalismo contra a propriedade pública e privada, esse termo em grande medida caracterizou a Cabanagem, porque ela teve tais atributos, mas não foram só esses.

Guerra, outra opção bastante associada pelos discentes. Percebe-se que essa palavra assume e tem muitos significados; ela foi utilizada em muitos períodos da história nacional e mundial, expus alguns exemplos como: Guerra do Paraguai, Guerra Fria, Guerra do Iraque, I Guerra Mundial, Guerra do Vietnã, Guerra da Coreia e etc. em geral apresentei para os discentes que ele ocorre desde os primórdios da humanidade, seja, na Antiguidade ou Contemporaneidade, o mundo sempre foi composto por Guerras.

Ela tem algumas características como a luta armada entre as nações ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor a supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos. Qualquer combate com ou sem armas; combate peleja e conflito.

Tudo isso para mostrar que o aluno possui noções prévias do que ele iria marcar. Todas as opções tiveram um bom percentual, entretanto as que mais foram marcadas pelos alunos foram Revoltas e Guerra que juntas somam mais de 50% dos alunos. As outras opções tiveram percentuais consideráveis. A que teve um maior destaque foi a Revolução seguida por Motim e Levante que tiveram também alunos associando esses adjetivos com a Cabanagem.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tem como função compreender qual a representação do aluno sobre a Cabanagem. Além de mostrar como ela é retratada no livro didático e como foi construída a narrativa imagética do movimento, os objetivos principais estão expostos em cada capítulo. Para isso recorreremos às versões, visões e representações dos pioneiros que se debruçaram estudando o movimento, ou seja, realizou-se um mapeamento dos principais autores tanto da historiografia clássica quanto da nova, além de analisar os mecanismos de produção e distribuição do livro didático para, após, analisarmos esse documento tão rico. Finalizamos com uma oficina, a qual permitiu passar um questionário que também usamos como fonte para o trabalho neste capítulo.

Confirma-se isso, uma vez que em grande medida os alunos perceberam o movimento cabano e o quadro de Norfini com características da sua própria realidade. A representação está relacionada às suas experiências pessoais. Essa é uma das características dela, mas não é a única, são muitas as particularidades da representação. Ela é uma experiência permeada de significados, inserida no mundo do sujeito, ela dá sentido ao mundo.

Para entender as representações dos alunos acerca da Cabanagem usamos o conceito de Representação de Stuart Hall, pois ele é o que melhor aplica-se nesta parte do trabalho. A representação que os discentes têm da Cabanagem foi um dos pontos centrais deste trabalho, ela é fruto de uma somatória de fatores, os quais contribuem para formação da representação deles.

Esses sentidos são construídos de várias maneiras, os quais são influenciados por alguns fatores, tais como o próprio meio social dos discentes e sua subjetividade. “O sentido é construído pelo “sistema de representação”. Ele é construído e fixado pelo código, que, estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem.” (HALL, 2016, p.42).

A representação feita por Raiol juntamente com a de Norfini são formas diferentes de construir narrativas e discursos da Cabanagem, hoje elas ainda chegam ao meio discente, principalmente pelo livro didático, essas narrativas e discursos influenciam a concepção dos alunos. Entretanto outros fatores também contribuem para moldar o sentido que os alunos atribuem à Cabanagem.

Para Hall o significado tem uma grande parcela de subjetividade, mas não é só isso. “As coisas não *significam*: nós *construímos* sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (HALL, 2016, p.48). Os discentes representam a Cabanagem de acordo

com seus conceitos e imagens, neste capítulo observamos as representações feitas pelos alunos.

“A percepção envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo” (CHAUI, 1994, p.155). Foi basicamente o que constatamos no decorrer de nossa pesquisa. A Concepção não pode ser entendida fora do mundo do discente.

Esses significados são responsáveis pelas representações dos discentes, “o significado depende do sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem “representar” ou “se colocar como” o mundo” (HALL, 2016, p.34). Essas são as *representações mentais* que para Hall são essenciais para interpretar o mundo. Elas dão possibilidade do sujeito fazer referência e conceituar o mundo que o cerca.

A maior parte dos alunos carrega o conceito de Cabanagem construído também no livro didático, entretanto alguns já estão questionando essa construção. Foi a partir dessa oficina que eles indagaram de forma sistemática as imagens contidas no livro didático. Os alunos devem saber utilizar seus códigos e signos como fator crítico diante das representações imagéticas.

Segundo Hall, a “representação é a produção de sentido por meio da linguagem” (Ibid., p.53). A linguagem imagética enquadra-se perfeitamente nessa lógica, uma vez que “(...) as linguagens em sua amplitude podem usar signos para simbolizar e sacralizar eventos, pessoas, fatos, datas, acontecimentos reais ou abstratos, colocando assim para todas as representações (Ibid., p.53). Hall complementa: “O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significativa, isto é, aquela que produz sentido” (Idem). Essa afirmação é coerente quando pensamos as representações dos discentes sobre a Cabanagem. Outro fato importante é acerca da própria concepção do aluno. Ela deve ser respeitada, considerada e problematizada; cremos que os conceitos prévios são importantes, mas algumas vezes necessitamos intervir quando necessário.

Portanto, a conclusão a qual os alunos chegaram foi quanto à multiplicidade do movimento cabano. Como mostra o gráfico, eles opinaram por assertivas que mostram que a Cabanagem foi uma Guerra, Motim, Levante, Revolução, Revolta, porém muitos discentes creem que a Cabanagem foi tudo isso ao mesmo tempo, ou seja, parte dos alunos compreendem o movimento cabano como um movimento multifacetado.

Isto ocorre porque a Cabanagem é produto de muitos anseios, pois tínhamos vários grupos envolvidos, cada grupo lutava por uma causa, essas lutas foram somadas ao movimento. Ela também é produto de representações as quais têm influências nas representações dos alunos. Esse fato ocorre segundo Hall, pois *nós somos fontes de sentido, em primeiro lugar* essas representações são uma somatória da representação subjetiva do sujeito a representação feita pelos autores.

As imagens são usadas no ensino de História há bastante tempo. Ela é fonte de um grande potencial educativo; porém devemos problematizá-las, pois quando bem utilizadas elas tornam o ensino de História mais compreensivo.

Problematizar as imagens foi parte central deste capítulo, porque questionar, indagar como são produzidas e por quem são produzidas, é fundamental para os alunos desconstruírem de forma crítica certas visões, principalmente a autoridade do livro didático. Trabalhar com imagens implica em certos cuidados metodológicos, conhecer os mecanismos de produção é fundamental para combater seus erros da pedagogia.

Assim sendo, observamos as potencialidades educativas e didáticas do uso da Imagem no ensino de História. As imagens das coleções analisadas foram amplamente discutidas e analisadas, tanto Eduardo Paiva, Bittencourt e Sandri do uso das imagens no ensino de História, além deles também têm os parâmetros curriculares nacionais que cita a importância do uso das mais variadas linguagens no ensino de História, dentre elas temos a linguagem imagética que foi largamente discutida, debatida e analisada neste trabalho.

Esses autores afirmam que a introdução de imagens não é recente, pois ela é um excelente recurso pedagógico na representação de cenas históricas, fatos e eventos relevantes para a história. No entanto, há pouco tempo refletem-se significativamente os impactos das imagens no processo de ensino e aprendizagem. As imagens, dentre outras funções, servem para representar eventos, narrativas, fatos e discursos produzidos por determinados grupos, em determinada época; por isso ela deve ser questionada.

Observa-se o aumento quantitativo de trabalhos preocupados em avaliar as imagens como recursos didáticos. Alguns deles se restringem, basicamente, em analisar a metodologia, outros estão preocupados com aspectos ideológicos. O livro didático é um bom instrumento, porque nele encontramos diversas linguagens e dentre elas, temos a linguagem imagética. Este foi o objetivo deste trabalho, além da caracterização das representações da Cabanagem contidas nos livros didáticos do 8º do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ribeiro do. Fundação de Belém do Pará: Jornada de Francisco Caldeira de Castelo Branco, 1615-1616/ Ribeiro do Amaral –Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial 2010.

APPLE, M. W. Educação e poder São Paulo: Brasiliense, 1982.

ALVES FILHO, Armando, SOUZA JÚNIOR, José Alves, BEZERRA NETO, José Maia. *Pontos de História do Pará*. Belém: Produção Independente, 1999.

ALFREDO Norfini. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22260/alfredo-norfini>>. Acesso em: 29 de Out. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

BARROS, Michelle Rose Menezes de. *Germes de grandeza: Antônio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do Império brasileiro (1823-1850)*. Belém: Dissertação de mestrado. UFPA, 2006.

BEZERRA NETO, José Maia. GUZMÁN, Décio de Alencar. (Orgs.). *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e ensino de História do Brasil. IN: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

_____(org.). II encontro: Perspectivas do ensino de história. São Paulo: Ed. FEUSP, 1996.

_____(org.). O saber histórico na sala de aula. 6ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

Brasil. Ministério da Educação. (2017). Guia de livros didáticos PNLD 2017: História. Ministério da Educação. Brasília: MEC

Brasil. Ministério da Educação. (2017). Parâmetros Curriculares Nacionais História. Ministério da Educação. Brasília: MEC.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício de historiador*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. “Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais”. Em *Questão*, Porto Alegre, 2005.

COELHO, Geraldo Mártires Letras & Baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: Cultural CEJUP, 1989.

_____. O espelho da natureza: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil. Belém: Paka-Tatu, 2009.

_____. *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: Cejup, 1993.

_____. “O Anticristo na Selva”, em *O violino de Ingres*; leituras de História Cultural. Belém: Paka-Tatu, 2005.

CRUZ, Ernesto – Francisco Pedro Vinagre, 2º Governador Cabano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, volume 10, 1936 (335/340).

CRUZ, Ernesto – Adesão do Pará à Independência. Revista de Cultura do Pará, Conselho Estadual de Cultura, Belém, ano 2, nº 8/9, julho/dezembro de 1972(75/83).

CRUZ, Ernesto Horaciada. Nos Bastidores da Cabanagem. Oficina Gráfica da Revista de Veterinária, 1942.

ROCQUE, Carlos. Cabanagem: epopeia de um povo. Belém: Imprensa Oficial, 1984.

Dicionário de conceitos históricos / KalinaVanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. –2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

DI PAOLO, Pasquale. Cabanagem: a revolução popular da Amazônia. 2ª Ed. Belém: Cejup, 1900.

FERRO, Marc. A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação. 2ª ed. Trad. Wladimir Araújo. São Paulo:Ed. IBRASA, 1983.

GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial, volume II 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. 1917- A era das revoluções, 1789-1848/ Eric J., Hobsbawm, São Paulo: Paz e Terra.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOBBSAWM, Eric. Sobre História. Ensaios. Trad. Cid K. Moreira. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

LIMA. Luciano Demetrius Barbosa; RICCI, Magda Maria de Oliveira. Fazendo político contando história: experiência sócio literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos-1865-1890. *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. V, 2011.

_____. Uso e leituras da obra de um Barão: percepções de sobre Motins Políticos nos séculos XIX e XX. *Antíteses* (Londrina), v. Vol. 3, 2010.

_____. Motins Políticos e a Historiografia Imperial: a inserção de um intelectual amazônico nos quadros do IGHB. *Almanack Brasiliense*, v. 12, 2010.

_____. Os ensinamentos de um Barão amazônico: Motins Políticos sob o Topos da História Magista Vitae. *Revista de Teoria da História* ano 2, número 4, dezembro 2010.

_____. OS MOTINS POLÍTICOS DE UM ILUSTRADO LIBERAL: História, memória e narrativa na Amazônia em fins do século XIX. Belém. 2010. Dissertação de mestrado, UFPA, 2010.

_____. ENTRE BATALHAS E PAPÉIS: A Cabanagem e a imprensa brasileira na Menoridade (1835-1840). Belém; 2016. Tese de doutorado, UFPA, 2016.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 3º Ed. Trad. Bernardo Leitão... [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger (Orgs.). *A história nova*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

MOURA, Danielle Figuerêdo. "Malfadada Província": lembranças de anarquia e anseios de civilização (1836-1839). Dissertação Mestrado –UFPA 2009.

MUNIZ, Palma. Adesão do Grão-Pará à independência e outros ensaios. 2ª Ed. Belém: SECULT. 1973.

PAIVA, Eduardo França. História & imagens – 2º ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia*. Manaus: Valer, 2001.

PINSKY, J. (Org.). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 1988.

PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAIOL, Domingos Antônio. Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos na Província do Pará desde o ano 1821 até 1835

REIS Nathacha Regazzine Bianch. *Motins Políticos*, de Domingos Antônio Raiol. Memória, Historiografia e identidade regional. Niterói: Dissertação de mestrado. UFF, 1973.

REIS, Arthur Cezar Ferreira – A Incorporação da Amazônia ao Império. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1950.

RICCI, Magda. “Cabanos, patriotismo e identidades: outras histórias de uma revolução”. In GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*, volume II 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 185-231.

_____. O Império Lê a Colônia: Um Barão e a história da civilização na Amazônia. IN: Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia/ José Maia Bezerra Neto, Décio de Alencar Guzmán, (orgs.). Belém: Paka Tatu, 2002.

PRADO JÚNIOR, Caio. Evolução Política do Brasil: ensaio de interpretação materialista da história brasileira. Empresa gráfica, Revista dos Tribunais", São Paulo. 1933.

RÜSEN, J. Razão histórica: teoria da história - fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

RÜSEN, J. El libro de texto ideal: reflexiones entorno a los médios para guiar las clases de historia. Revista Nuevas Fronteras de la Historia, Barcelona: Graó, Íber, n. 12, año 4, abr. 1997b.

SALLES, Vicente. 1986. A Cabanagem, os escravos, os engenhos. Brasil Açucareiro, Rio de Janeiro, V 36, n.5.

_____. O Negro no Pará: sob o regime da escravidão. 2ª Ed, Brasília Ministério da cultura; Belém: SECULT, 1988.

_____. Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992.

_____. História de Belém. Vol.2, Belém: Coleção Amazônia, 1973.

BEZERRA, Holien G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. IN:

KARNAL ,Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SANDRI, S. M. D. . "Decifra-me ou Devoro-te:" limites e possibilidades do uso da iconografia - estudo hermenêutico de imagens para a sala de aula.. In: II Congresso Nacional, III Regional do Curso de História da UFG/Jataí -, 2009, Jataí. História, Natureza e Cultura "um sertão chamado Brasil", 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar história. São Paulo: Ed. Scipione, 2004.

_____; CAINELLI, Marlene Rosa (orgs.). III Encontro: Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA JÚNIOR, José Alves. Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Felipe Patroni (1820-23). Campinas: 1997. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1997.

_____. Tramas do cotidiano: religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do setecentos. Um estudo sobre a Companhia de Jesus e a política pombalina. 2009. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, 2009.

SSELBACH, Simone. História e didática. Petrópolis: Vozes, 2010.

FONTES

APOLINÁRIO, Maria Raquel. História: 8º ano / Projeto Araribá. 4º. - ed São Paulo: Moderna, 2014 .

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História: *Sociedade & cidadania*. Edição reformulada, 8º ano/ Alfredo Boulos júnior- 2.ed- São Paulo: FTD, 2015. 2015.

COTRIM, Gilberto. *Historiar*: 8º ano/ Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues. - 2. ed.- São Paulo: Saraiva, 2015.

VICENTINO, Cláudio. *Projeto Mosaico*: história: anos finais: ensino fundamental/ Cláudio Vicentino, José Bruno Vicentino – 1º. Ed. – São Paulo: Scipione, 2016.

ANEXOS

Anexo A – Rotina de planejamento



PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAUAPEBAS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED
 DIRETORIA TÉCNICA PEDAGÓGICA
 DIVISÃO DE ENSINO DE 3º E 4º CICLOS
 COORDENAÇÃO TÉCNICA DE HISTÓRIA – JANES VARGEM

ROTINA DE PLANEJAMENTO - BIMESTRE: 4º
 ÁREA DO CONHECIMENTO: HISTÓRIA

E. M. E. F.: _____

PROFESSOR (A): _____

ANO / CICLO: _____ TURMA: _____ DATA: _____ / _____ /2017

Objetivos de Aprendizagem – 8º ANO		
<p>• Procedimentos de Pesquisa</p> <p>-Reconhecer as construções textuais como formulações interessadas, relacionadas às disputas e conflitos vividos pela sociedade que as produz.</p>	<p>• Representações do Tempo</p> <p>-Reconhecer as incorporações do pensamento liberal no Brasil, por meio do estudo do pensamento liberal expresso na Revolução Gloriosa e na Revolução Francesa.</p> <p>-Compreender o comércio de escravos africanos como construção do tempo, relacionando-o aos interesses das elites africanas, americanas e portuguesas.</p> <p>-Reconhecer os diferentes processos de escravidão ocorridos no Brasil – Escravidão de africanos e Escravidão de indígenas relacionando-os à formação política, econômica, cultural e social das diferentes regiões do Brasil.</p> <p>-Reconhecer os nexos entre o processo de reordenamento da mão de obra, a vinda de imigrantes europeus e os interesses políticos das elites brasileiras, por meio do estudo das teorias pseudocientíficas, de cunho racista.</p>	<p>• Categorias, Noções e Conceitos</p> <p>-Reconhecer mudanças e permeâncias nas relações de trabalho na sociedade brasileira, a partir da consideração do lugar do trabalho no Brasil do século XIX e do Brasil contemporâneo.</p> <p>-Analisar mudanças e permeâncias no lugar ocupado por populações negras e indígenas na sociedade brasileira, considerando sua condição no passado colonial e imperial brasileiro e na sociedade brasileira contemporânea.</p> <p>-Identificar mudanças e permanências no lugar ocupado pelas mulheres na sociedade brasileira, a partir a consideração da condição feminina no Brasil do século XIX e em outros espaços e a sua condição na contemporaneidade.</p> <p>-Compreender a importância da escola como um patrimônio e bem público, e que esse deve desenvolver atitudes de preservação de seu prédio mobiliário e recursos.</p>

Eixo Temático: Cidadania e Cultura.					
Objetivos	Conteúdos	Duração	Procedimentos Metodológicos	Materiais Necessários	Avaliação
	<p>✓ O Período Regencial</p> <p>-Revoltas do Período Regencial.</p>	<p>Aula 01</p> <p>90min</p>	<p>✓ Organizar a sala de acordo com atividade proposta.</p> <p>-Apresentar o roteiro da aula- escrito “O período Regencial”.</p> <p>-Inicie a aula questionando a turma sobre o que eles compreendem por:</p> <p>*O que significa dizer que o Brasil passou por um processo de regência?</p> <p>*Como funciona um governo regencial?</p> <p>*O que levou o Brasil a estabelecer um governo regencial?</p> <p>*Por que o período regencial é considerado o mais conturbado da história independente do Brasil?</p> <p>-Registrar as hipóteses dos alunos no quadro ou papel 40 kg/ madeira, para retomar as falas dos alunos ao final da aula.</p> <p>-Peça aos alunos formarem duplas e realizarem estudo sobre os fatos que envolveram o “Período Regencial- (1831-1840)”. O professor poderá subsidiar a organização do estudo orientando a análise por meio de subtemas.</p> <p>-O período regencial.</p> <p>-Autonomia ou centralização?</p> <p>-O Ato Adicional de 1834.</p> <p>-A Regência Una.</p> <p>-O Golpe da Maioridade.</p> <p>*Texto livro didático pág. 241 a 243. Livro didático Projeto Mosaico.</p>	<p>✓ Livro Didático.</p> <p>✓ Textos Complementares.</p> <p>✓ Papel madeira/ 40 kg.</p> <p>✓ Pínel.</p>	

	Aula 02 90min	<p>✓ Continuação da aula anterior.</p> <p>-Retome a aula solicitando que os alunos compartilhem suas anotações. É importante que o professor registre os pontos levantados pelos alunos em paralelo com as sugestões do início da aula, para que dessa forma, os alunos verifiquem se suas hipóteses estavam corretas.</p> <p>-Para finalizar a discussão retome pontos como: *Os grupos políticos durante a regência. *A Regência Trina Permanente. *A Regência Una.</p>	<p>✓ Livro Didático.</p> <p>✓ Textos Complementares.</p> <p>✓ Papel madeira/ 40 kg.</p> <p>✓ Pincel.</p>									
	Aula 03 90min	<p>✓ Continuação da aula anterior.</p> <p>-Inicie a aula conversando com a turma que ao final da discussão foi mencionada a eclosão de algumas revoltas as quais foram chamadas de “rebelião/revolta regencial”.</p> <p>-Questione os alunos se eles sabem quais foram essas revoltas.</p> <p>*Registrar as falas dos alunos.</p> <p>-Ao término da discussão, forme quatro grupos e entregue para cada grupo um organograma com a respectiva revolta. De posse do organograma solicite que façam o levantamento dos acontecimentos que envolvem a revolta em questão.</p> <table border="1" data-bbox="640 1094 1520 1323"> <thead> <tr> <th></th> <th>REVOLTA: NOME</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Eclosão do conflito-localização</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Reivindicações</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Consequências</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p>-O professor deverá orientar os alunos a realizarem o estudo com o texto na</p>		REVOLTA: NOME	Eclosão do conflito-localização		Reivindicações		Consequências		<p>✓ Livro Didático.</p> <p>✓ Textos Complementares.</p> <p>✓ Pincel.</p> <p>✓ Data show.</p> <p>✓ Mapa.</p> <p>✓ Organograma.</p>	
	REVOLTA: NOME											
Eclosão do conflito-localização												
Reivindicações												
Consequências												

			<p>pá. 244- 248.</p> <p>Obs. O trabalho poderá ser construído com o uso de papel 40 kg ou madeira. Isso dará visibilidade a montagem do organograma.</p>		
		<p>Aula 04 90min</p>	<p>✓ Continuação da aula anterior.</p> <p>-Retome a aula com as apresentações dos grupos. A sala deverá está organizada para a socialização dos trabalhos.</p> <p>-Ao final das apresentações o professor deverá retomar os pontos que não foram bem discutidos pelos grupos e frisar as características principais de cada revolta.</p> <p>-Para fechamento dos trabalhos, discuta com a turma a decisão do parlamento em outorgar a maior idade de Pedro de Alcântara em 1840 (abordado como “golpe da maior idade”) o qual recebeu o título de D. Pedro II.</p>	<p>✓ Livro Didático.</p> <p>✓ Textos Complementares.</p> <p>✓ Pincel.</p>	

Anexo B – Questionário aplicado aos alunos.

Escola: _____

Turma/turno: _____

Cidade/estado: _____

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/___

Data: ___/___/___

QUESTIONÁRIO

1- O que foi a Cabanagem?

2- Onde ocorreu a Cabanagem?

3- Quem participou da Cabanagem?

4- Quais foram os objetivos da Cabanagem?

5- Você conhece a imagem abaixo ou já viu? O que ela significa para você?



6- Descreva a imagem acima ?

7- Cabanagem foi uma?

- a) Guerra
- b) Revolução
- c) Levante
- d) Motim
- e) Revolta

ANEXO C – Tabela com dados referentes à distribuição de livros nos Estados PNL D.

UF	Alunos Beneficiados				Escolas Beneficiadas				Quantidade de Exemplares				Valores de Aquisição			
	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Total	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Total	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Total	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Total
	Anos Iniciais	Anos Finais			Anos Iniciais	Anos Finais			Anos Iniciais	Anos Finais			Anos Iniciais	Anos Finais		
AC	8.762	8.847	7.485	25.094	284	177	107	371	17.217	25.672	10.380	53.269	218.600,70	271.919,92	194.859,08	685.379,70
AL	51.389	35.179	18.836	105.404	975	360	139	1.172	84.075	62.356	21.987	168.418	957.819,24	909.357,92	410.408,94	2.277.581,10
AM	22.839	44.450	23.334	90.623	903	869	126	1.381	39.399	85.676	26.439	151.514	463.321,14	1.226.925,02	492.811,90	2.183.058,06
AP	3.905	10.468	7.468	21.841	125	108	49	182	6.705	16.649	8.604	31.958	82.664,26	320.523,55	160.470,00	563.657,81
BA	94.412	150.704	96.973	342.089	2.617	1.938	686	3.969	150.894	279.157	108.555	538.606	1.779.415,40	3.686.505,82	2.025.802,70	7.491.723,92
CE	44.545	53.508	43.725	141.778	1.140	1.034	257	1.721	80.970	111.146	63.078	255.194	947.133,38	1.731.743,01	1.175.700,36	3.854.576,75
DF	6.446	19.508	21.915	47.869	93	75	59	134	11.250	31.767	29.010	72.027	123.478,53	477.884,75	539.144,56	1.140.507,84
ES	9.530	26.697	25.958	62.185	277	285	169	429	18.465	50.281	35.235	103.981	216.157,37	699.453,25	656.665,30	1.572.275,92
GO	7.673	22.918	22.689	53.280	251	295	223	492	14.757	51.492	34.614	100.863	175.344,71	799.715,34	646.277,64	1.621.337,69
MA	58.492	68.107	23.545	150.144	2.160	1.817	227	3.041	108.858	150.774	27.915	287.547	1.310.932,65	1.924.615,37	522.107,22	3.757.655,24
MG	25.988	104.521	149.880	280.389	842	1.128	1.268	2.359	43.878	224.258	213.903	482.039	538.772,37	3.193.330,57	3.993.393,34	7.725.496,28
MS	5.321	12.563	18.175	36.059	120	156	116	248	11.121	29.621	24.489	65.231	134.837,50	412.255,63	456.430,66	1.003.523,79
MT	15.303	23.601	33.206	72.110	382	363	259	511	28.647	47.433	40.965	117.045	321.766,33	708.493,36	765.155,02	1.795.414,71
PA	38.815	111.434	47.652	197.901	1.303	1.421	277	2.218	71.772	201.731	57.486	330.989	856.895,65	2.810.841,88	1.071.063,16	4.738.800,69
PB	49.606	36.393	32.017	118.016	1.321	588	315	1.730	81.816	64.864	41.124	187.804	979.653,89	951.705,28	769.083,04	2.700.442,21
PE	49.330	81.676	51.893	182.899	1.287	922	442	1.955	111.588	154.058	62.706	328.352	1.275.492,75	2.080.753,87	1.171.335,96	4.527.582,58
PI	20.067	28.634	18.426	67.127	653	602	269	1.042	36.447	51.428	23.715	111.590	430.882,12	858.847,45	445.715,50	1.735.445,07
PR	13.687	53.922	0	67.609	488	361	0	820	23.028	171.338	0	194.366	281.982,12	1.720.020,30	0,00	2.002.002,42
RJ	27.752	93.935	1.374	123.061	617	728	13	894	43.788	225.979	1.596	271.363	513.558,63	2.780.392,22	29.855,84	3.323.806,69
RN	19.745	33.682	12.973	66.400	538	447	89	716	31.704	74.079	15.609	121.392	372.971,44	865.835,99	291.278,14	1.530.085,57
RO	3.866	23.490	26.050	53.406	86	139	117	209	7.401	41.302	31.803	80.506	88.073,10	614.532,09	591.999,90	1.294.605,09
RR	615	2.782	6.279	9.676	21	59	66	97	1.374	6.119	9.240	16.733	17.192,98	89.093,34	172.847,96	279.074,28
RS	11.055	67.342	47.525	125.922	525	783	336	1.039	19.056	118.629	74.217	211.902	227.376,88	1.692.103,42	1.383.210,46	3.302.690,76
SC	4.221	19.129	21.572	44.922	153	286	216	370	8.256	60.209	36.468	104.933	104.225,72	680.815,54	681.232,04	1.466.273,30
SE	8.230	21.893	9.313	39.436	246	226	75	377	12.534	37.369	10.719	60.622	150.921,70	520.830,92	200.235,50	871.988,12
SP	48.012	118.167	9.244	175.423	1.139	1.151	42	1.715	88.356	345.071	14.856	448.283	1.017.144,76	4.314.960,88	276.307,24	5.608.412,88
TO	2.527	5.945	9.391	17.863	113	122	103	239	4.674	13.872	12.783	31.329	57.872,32	182.413,25	239.216,70	479.502,27
Res. Téc.									4.728	30.927	28.875	64.530	59.817,60	459.606,91	539.429,30	1.058.853,81
Total	652.133	1.279.495	786.898	2.718.526	18.659	16.440	6.045	29.431	1.162.758	2.763.257	1.066.371	4.992.386	13.704.305,24	36.985.416,85	19.902.032,46	70.591.754,55

Fonte: Brasil. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNL D 2017: História. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017 p. 9.

ANEXO D – Tabela com dados referentes às cinco coleções de livros mais vendidas no Brasil (PNLD).

História								
Item	Código da Coleção	Nome da Coleção	Código do Livro	Nome do Título	Tipo	Qtd de Exemplares	Qtd de Exemplares	
1º	0126P17042	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	0126P17042006I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	LIVRO DO ALUNO	923.792	3.387.165	
			0126P17042006I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	MANUAL DO PROFESSOR	19.274		
			0126P17042007I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	LIVRO DO ALUNO	860.997		
			0126P17042007I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	MANUAL DO PROFESSOR	18.687		
			0126P17042008I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	LIVRO DO ALUNO	798.121		
			0126P17042008I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	MANUAL DO PROFESSOR	18.157		
			0126P17042009I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	LIVRO DO ALUNO	730.535		
			0126P17042009I	HISTÓRIASOCIEDADE & CIDADANIA	MANUAL DO PROFESSOR	17.594		
2º	0059P17042	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	0059P17042006I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	478.724	1.781.362	
			0059P17042006I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	10.356		
			0059P17042007I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	450.295		
			0059P17042007I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	10.047		
			0059P17042008I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	423.984		
			0059P17042008I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	9.818		
			0059P17042009I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	388.596		
			0059P17042009I	PROJETO ARARIBÁ - HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	9.542		
3º	0054P17042	VONTADE DE SABER	0054P17042006I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	315.013	1.162.104	
			0054P17042006I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	7.076		
			0054P17042007I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	295.303		
			0054P17042007I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	6.875		
			0054P17042008I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	273.634		
			0054P17042008I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	6.666		
			0054P17042009I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	LIVRO DO ALUNO	251.050		
			0054P17042009I	VONTADE DE SABER HISTÓRIA	MANUAL DO PROFESSOR	6.487		
4º	0048P17042	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA	0048P17042006I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 6º ANO	LIVRO DO ALUNO	288.248	1.062.630	
			0048P17042006I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 6º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.377		
			0048P17042007I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 7º ANO	LIVRO DO ALUNO	271.462		
			0048P17042007I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 7º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.250		
			0048P17042008I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 8º ANO	LIVRO DO ALUNO	249.357		
			0048P17042008I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 8º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.021		
			0048P17042009I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 9º ANO	LIVRO DO ALUNO	229.059		
			0048P17042009I	PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA - 9º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.856		
5º	0026P17042	HISTORIAR	0026P17042006I	HISTORIAR	LIVRO DO ALUNO	219.441	801.674	
			0026P17042006I	HISTORIAR	MANUAL DO PROFESSOR	5.135		
			0026P17042007I	HISTORIAR	LIVRO DO ALUNO	202.342		
			0026P17042007I	HISTORIAR	MANUAL DO PROFESSOR	4.951		
			0026P17042008I	HISTORIAR	LIVRO DO ALUNO	187.395		
			0026P17042008I	HISTORIAR	MANUAL DO PROFESSOR	4.784		
			0026P17042009I	HISTORIAR	LIVRO DO ALUNO	172.956		
			0026P17042009I	HISTORIAR	MANUAL DO PROFESSOR	4.666		

Fonte: Brasil. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNLD 2017: História. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017, p. 27.